



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)**

DEILMA BARBOSA SANTOS SILVA

**O LÉXICO DA FEIRA LIVRE:
UM ESTUDO BASEADO EM UM *CORPUS* DE FALA ESPONTÂNEA**

**TEIXEIRA DE FREITAS - BAHIA
2024**

DEILMA BARBOSA SANTOS SILVA

**O LÉXICO DA FEIRA LIVRE:
UM ESTUDO BASEADO EM UM *CORPUS* DE FALA ESPONTÂNEA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - PPGL da Universidade do Estado da Bahia – *campus* X, como requisito para o Título de Mestra em Letras.

Linha de pesquisa: Estudos linguísticos.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Crysna Bomjardim da Silva Carmo.

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Elaborada pelo(a) Bibliotecário(a) Lucas Aguiar Bezerra-CRB-5/1822

S5861

Silva, Delma Barbosa Santos

O LÉXICO DA FEIRA LIVRE: UM ESTUDO BASEADO EM UM
CORPUS DE FALA ESPONTÂNEA / Delma Barbosa Santos Silva. - Teixeira
de Freitas, 2024.

146 fls : il.

Orientador(a): Crysna Bomjardim da Silva Carmo.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Letras - PPGL,
Campus X. 2024.

1.Léxico da feira livre. 2.Fala espontânea. 3.Linguística de Corpus.
4.Sociolinguística. 5.Modelos Cognitivos Idealizados.

CDD: 418

FOLHA DE APROVAÇÃO
“O LÉXICO DA FEIRA LIVRE:UM ESTUDO BASEADO EM UM *CORPUS*
DE FALA ESPONTÂNEA”

DEILMA BARBOSA SANTOS SILVA


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em LETRAS - PPGL, em 26 de março de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Mestrado em letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor(a) Dr.(a) CRYRNA BONJARDIM SILVA CARMO

UNEB

Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Universidade Federal de Minas Gerais



Professor(a) Dr.(a) MAGNO SANTOS BATISTA

UNEB

Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) LUCIANA BEATRIZ BASTOS ÁVILA

UFSB

Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Minas Gerais

Saudade – palavra de possibilidade; ressignificação.

Esta pesquisa tem marcas, impressões, ressonâncias e significâncias na minha história de vida. Cresci em um ambiente cercado por pessoas idosas. Durante a infância e parte da adolescência, convivi no âmbito familiar com as avós. Ouvia as histórias narradas pelas minhas avós sobre os fatos experimentados em suas infâncias. Refletiam como pessoas simples. Naquela época, os tempos eram difíceis para estudar e as condições financeiras também não as permitiam. Moravam em zona rural e praticavam a agricultura; principalmente o cultivo do cacau. Nos finais de tardes, sempre havia reuniões ao redor de uma imensa fogueira. Imagem metafórica que é viva até hoje em minha memória.

Meu pai Dedé, sujeito matuto, com pouquíssima base de conhecimento formal; surge aí, como um homem simples, porém; um empreendedor nato.

Era dono de um saber popular extraordinário. Por onde passava, deixava sua alegria com seus causos e risadas. Ele foi o meu maior incentivador; despertou-me a olhar os falares das pessoas sob a perspectiva da linguística, pois seu modo de falar trazia um repertório rico de expressões “folclóricas”, cheia de regionalismo, característicos de um lugar de fala típico de um nordestino caipira contador de “causos engraçados”. Passávamos horas ouvindo suas histórias. E nessas narrativas espontâneas, muitas palavras ecoavam aos nossos ouvidos diferentes significados. Usava um repertório diferenciado ao regido pela norma culta da língua. O “jeito” de falar era provocador, parecia evocar uma língua própria. As pessoas compreendiam sua mensagem, apesar de “achar diferente”. Amava a feira livre, sábado era dia de ir à feira. Vestia a melhor roupa para a “festa-feira”.

*Setembro de 2020, em meio ao período pandêmico, essa figura, em razão de uma doença grave, sai do cenário terreno para morar no celestial. Dentro desse contexto, nasce o desejo de iniciar os estudos sobre o léxico na fala espontânea. A pesquisa em questão ressignifica a **SAUDADE** em aprendizagem.*

À memória do meu pai, Dedé, que me ensinou o que é o amor sem medidas.

AGRADECIMENTOS

“... e aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas e é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar...”
(Gonzaguinha)

Sobre todas coisas, acima de TUDO e de todos, em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me permitido chegar até aqui! Que o meu Deus seja glorificado por isso!

Esse é um momento ímpar. No Mestrado passamos por um longo caminho de estudo: período dedicado ao cumprimento de créditos das disciplinas obrigatórias, pesquisa de campo, leitura, escrita, reescrita, transcrições, e, reticências. Cursar uma Pós-Graduação - Mestrado, de fato, é se desafiar a todo instante. No entanto, o percurso fica mais tênue quando encontramos pessoas que nos apoiam, secam nossas lágrimas, ofertam o colo quando pensamos em desistir, encorajam-nos a voltarmos para o foco. Muitas foram as palavras de incentivo, porém, uma frase permanece comigo: “Seja forte e corajosa, eu estou contigo”! A palavra de hoje para essas pessoas se resume em GRATIDÃO.

À prof, Crysna Bonjardim, minha orientadora tão exigente nas orientações e, ao mesmo tempo, parceira, solícita e amiga, que foi capaz de compreender minhas limitações e angústias quando não conseguia “ver” a essência dos dados e me guiar para o outro lado - além dos dados; por ter paciência, generosidade e persistência no meu desabrochar como uma linguista. Sua dedicação, acolhimento, ensinamentos e, sobretudo, perseverança, me trouxe até aqui. De certo, me transformei numa linguista por sua responsabilidade. Eterna admiração e carinho, minha professora, por ser sua primeira orientanda do programa, a receber o Título de Mestre. Essa vitória é nossa. Viva!

Ao prof. Magno Santos, que me acompanha desde a minha segunda Graduação como professor e amigo, mais que especial, por acreditar em mim e na minha pesquisa, pelo incentivo nos estudos como pesquisadora, pelas horas dedicadas a ouvir-me e sanar as dúvidas, colocando-me no prumo sempre que necessário. Afirmo que, sua benevolência e contribuições intelectuais foram decisivas na jornada. Esse título de mestra compartilho com

imensa alegria com essa pessoa singular. Gratidão pela amizade, dedicação e pelo respeito mútuo.

Aos membros da Banca Examinadora, Drº Magno Santos Batista, Drª Luciana Ávila, Drº Celso Kallarrari e Drº Eliseu Silva por aceitarem prontamente o convite para leitura e discussão deste trabalho. Em especial aos professores Drº Magno Santos Batista e Drª Luciana Ávila pelas pertinentes sugestões que fizeram ao texto da qualificação. Estou certa de que as contribuições que me deram, em muito tornaram o texto claro e objetivo.

Aos professores do PPGL – UNEB/X, pelos ensinamentos, em especial a prof. Drª Cristhiane Ferreguett, que me conduziu na linguística pelo viés bakhtiniano.

À UNEB, campus X, que escolhi e me acolheu através do Programa de Pós-Graduação em LETRAS- PPGL.

À secretária do PPGL– UNEB/X, Aline Quaresma, pelo apoio na burocracia.

Aos colegas do PPGL– UNEB/X, amigos para a vida, em especial, Luana, companheira de pesquisa e de muitas conversas, Edieme, Danilo Patez, Samara, Helenice e Tiago pelos diálogos, seminários, apoio, discussões, risadas, por caminharmos juntos na mesma estrada, e segurar a mão um do outro nos momentos turbulentos.

Às informantes da pesquisa, pela disponibilidade, atenção e carinho como me acolheu na feira.

Às minhas colegas de trabalho, amigas obrigatórias nos meus agradecimentos, Zilécia Reuter, Mirna Lucila, Maria Lúcia e Mariceni pelo companheirismo e segurar minha mão no decorrer desta pesquisa. Sabem àquela letra da música “amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração”, de Milton Nascimento? Esse é meu propósito, guardá-las para sempre no meu coração.

À Secretaria de Educação de Teixeira de Freitas – BA, na pessoa da secretária de educação Regiane Chauith, pelo apoio na continuidade do curso.

A todos os amigos que entenderam a minha ausência nas rodas de conversas e risadas não realizadas.

Ao meu pai, Dedé, *in memoriam*, por tudo que sou. Amor para sempre. Eu consegui, meu pai! O senhor foi meu maior incentivador através de seu “jeito de falar” e o amor a vida repercutida na feira.

À minha família, por ter sido o alicerce que sempre precisei ao longo de todo processo do curso de Mestrado.

Ao meu esposo, meu porto seguro, companheiro de vida, pelo cuidado, amor, apoio incondicional e constante incentivo. Foram inúmeras, às vezes, que chorei em seu ombro e

quis desistir, mas suas palavras sempre sábias, me acalentava e me trazia de volta aos meus objetivos. Gratidão por entender minhas ausências, por embarcar no seu sonho, por ser o homem excepcional e por fazer parte de minha vida. Essa conquista é nossa, de nossa família linda. Seja na dor, na alegria e na conquista, estamos e estaremos sempre juntos. Amor da minha vida.

À minha filha, linda, Maria Cecília, por compartilhar comigo seu quarto e companhia nas intermináveis madrugadas de estudo e escrita no computador. Foram tantas noites que me acompanhou na produção desta dissertação, que olhar para seu rosto, a dormir, me impulsionava a continuar e persistir no propósito. Cada dia aprendo a perseverar, porque tenho aprendido que o amor verbera em seu rosto. Meu eterno amor incondicional, amo para sempre.

Ao meu primogênito, Jairzinho, por acreditar que conseguiria, pelo amor singelo, por ouvir minhas queixas, ora, que não foram poucas, por dizer que sou capaz, pelo amor em forma de olhar sem proferir uma palavra. Meu amor fora do peito.

À minha irmã e amiga verdadeira, Delly, por sentar ao meu lado e me acompanhar por horas sentada no computador e não dizer absolutamente nada. Isso é cumplicidade, demonstração de amor sem pedir nada em troca; meu anjo-da-guarda, por expressar que sou forte e corajosa, que sou uma águia que renova suas forças todos os dias. Diz que minhas asas voarão alto, até o infinito. Minha segunda metade.

À minha pequena sobrinha, Dhébora Rosa, por momentos de carinho, afago e massagem, sim, massagem; pelo amor expresso por gestos de amor e cuidado. Amorzinho de titia.

À todas as pessoas que passaram por minha vida, mas que não estão expressamente citadas nesse espaço, mas que contribuíram na trajetória de forma positiva e também àquelas que decidiram a opor-se negativamente, estas últimas, me impulsionaram a conquistar de forma incansável, o título de Mestre em Letras. Vitória.

À Deus, Gratidão, por exatamente, **TUDO**. Por Ele, para Ele são todas as coisas. A honra é toda Dele.

Dedico esta pesquisa a minha família, companheira de todas as horas, pelo apoio incondicional oferecido em todos os aspectos. Em especial aos meus filhos, Jairzinho e Maria Cecília que sofreram com minhas ausências em diversos momentos, para que este trabalho pudesse ser realizado. Consagro também ao meu amado pai, Dedé (*in memoriam*). A sua energia inspiradora sempre estará presente em minha existência.

“Sem a linguagem, o pensamento é uma nebulosa vaga, inexplorada”.
(Ferdinand de Saussure)

*“O homem é um ser que se criou a si próprio ao criar uma linguagem.
Pela palavra, o homem é uma metáfora de si próprio”.*
(Octavio Paz)

RESUMO

A feira livre é um espaço dinâmico; justamente no cruzamento dessa diversidade que este estudo recorta seu objeto: o léxico da feira livre. Para tanto, parte do pressuposto de que o léxico, dentre os componentes do sistema linguístico, compete a responsabilidade por armazenar o conjunto das palavras de uma língua, porque ele possui o elemento que mais expressa à cultura de um povo. Assim, importa investigar as unidades lexicais, plenas de significados, manifestadas no vocabulário utilizado nas práticas linguísticas realizadas em um dado espaço. Em outras palavras, ao conhecer o léxico de uma língua, compreendemos o mundo e a forma como determinada comunidade linguística vive. Nesse contexto, esta pesquisa recorta o espaço da feira livre, especificamente, o Mercado Municipal do município de Teixeira de Freitas/Bahia. Sendo assim, esta pesquisa se justifica, não só por reconhecer a feira livre como um espaço rico em práticas linguísticas, as quais se encontram para fazer atividades em comum – comprar, vender e socializar, como também é uma oportunidade de identificar, descrever e discutir comportamentos linguísticos de uma comunidade de fala pouco explorada, portanto insuficientemente conhecida no cenário da linguística brasileira: Teixeira de Freitas – logo, o Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia. Diante disso, esta pesquisa parte da seguinte pergunta: Quais são os itens lexicais que constituem o campo do trabalho da feira livre de Teixeira de Freitas Bahia, tendo em vista as práticas linguísticas realizadas nesse espaço de cruzamento? Dessa forma, objetiva discutir como o Modelo Cognitivo Idealizado Feira Livre (MCI Feira Livre) é estabelecido, tendo em vista os itens lexicais evocados por falantes que trabalham na feira livre de Teixeira de Freitas/BA. Para isso, busca: (i) identificar os itens lexicais e /ou possíveis neologismos em práticas linguísticas da feira livre; (ii) estabelecer os limites no MCI Feira Livre, considerando os itens lexicais levantados, levando em conta as informações advindas de seus trabalhadores – ou seja, os feirantes; e (iii) problematizar a divisão do trabalho da feira livre, tendo em vista a categoria extralinguística “gênero” e “classe social”, considerando o MCI Feira Livre. Como pressupostos teóricos, esta pesquisa reúne premissas da Sociolinguística (Alkmim 2001; Bagno, 2007; Labov, 1972 e Tarallo, 1986), Léxico (Antunes, 2012; Biderman, 1998, Oliveira, 2001; Laroca, 2003 e Basílio, 2004); a Linguística Cognitiva (destaque para a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff; Johnson, 1980, 1987, 2002; Miranda, 1999 e Cienki, 2007) e a feira (Maia, 2006; Dantas, 2007; Vieira, 2004; Mascarenhas, 2005; Dalenogare e Alberti, 2011; Morais e Araújo, 2006 e Pirenne, 1965); dentre outros. Como pressupostos metodológicos, assume os princípios da Linguística de *Corpus* (Sardinha, 2004), a orientação para a coleta de dados da Pesquisa Sociolinguística (Tarallo, 1986) e a perspectiva sobre o tratamento de dados da fala espontânea da Teoria da língua em ato (*Language Into Act Theory –LacT*), (Cresti, 2000; Raso, 2012 e Carmo, 2017). Utiliza a ferramenta computacional AntConc (Anthony, 2020), software selecionado para a manipulação do *corpus*. Considerando os dados oriundos do *corpus* de estudos, os resultados demonstram: (i) a presença de um MCI Feira Livre, organizador dessa comunidade linguística que conta não só com as ações, participantes, como também: (ii) *unidades de medidas*, definidas num contínuo da medida mais prototípica (quilo), passando pela intermediária (litro), até a menos prototípica (bestunta) – essa última, a mais usada na feira, cujo termo resulta de neologismo, constituído por projeções metafóricas; (iii) **os nomes de temperos** (*pega marido, Ana Maria, chame chure, tempero do Guedes, tempero do chefe, chamego da cozinha, repete-prato, baiano*), cujos processos de formação envolvem mais especificamente a composição vocabular, lexis complexas e extensões de sentido metonímicas; e (iv) o agentivo de verbal feirante é atravessada por fatores ligados a gênero e classe social, marcados pela presença de mulheres das classes menos prestigiadas.

Palavras-chave: Léxico da feira livre; Fala espontânea; Linguística de *Corpus*; Sociolinguística; Modelos Cognitivos Idealizados.

ABSTRACT

The street market is a dynamic space; It is precisely at the intersection of this diversity that this study focuses on its object: the lexicon of the street market. To this end, it is based on the assumption that the lexicon, among the components of the linguistic system, is responsible for storing all the words of a language, because it has the element that most expresses the culture of a people. Therefore, it is important to investigate the lexical units, full of meaning, manifested in the vocabulary used in linguistic practices carried out in a given space. In other words, by knowing the lexicon of a language, we understand the world and the way in which a given linguistic community lives. In this context, this research focuses on the open market space, specifically, the Municipal Market in the municipality of Teixeira de Freitas/Bahia. Therefore, this research is justified, not only because it recognizes the street market as a space rich in linguistic practices, which come together to carry out common activities – buying, selling and socializing, but it is also an opportunity to identify, describe and discuss linguistic behaviors of a speech community little explored, therefore insufficiently known in the Brazilian linguistic scenario: Teixeira de Freitas – therefore, the Identity Territory of the Far South of Bahia. Given this, this research starts from the following question: What are the lexical items that constitute the field of work at the open market in Teixeira de Freitas Bahia, taking into account the linguistic practices carried out in this crossing space? Thus, the objective is to: discuss how the Idealized Cognitive Model Feira Livre (MCI Feira Livre) is established, taking into account the lexical items evoked by speakers who work at the open market in Teixeira de Freitas/BA. To do this, it seeks to: (i) identify lexical items and/or possible neologisms in linguistic practices of the street market; (ii) establish the limits in the MCI Feira Livre, considering the lexical items raised, taking into account the information coming from its workers – that is, the stallholders; and (iii) problematize the division of labor at the open market, taking into account the extralinguistic category “gender” and “social class”, considering the MCI Feira Livre. As theoretical assumptions, this research brings together premises from Sociolinguistics (Alkmim 2001; Bagno, 2007; Labov, 1972 and Tarallo, 1986), Lexicon (Antunes, 2012; Biderman, 1998, Oliveira, 2001; Laroca, 2003 and Basílio, 2004); Cognitive Linguistics (highlighting the Theory of Idealized Cognitive Models (Lakoff; Johnson, 1980, 1987, 2002; Miranda, 1999 and Cienki, 2007) and the fair (Maia, 2006; Dantas, 2007; Vieira, 2004; Mascarenhas, 2005 ; Dalenogare and Alberti, 2011; Morais and Araújo, 2006 and Pirenne, 1965); among others. As methodological assumptions, it assumes the principles of Corpus Linguistics (Sardinha, 2004), the orientation for data collection from Sociolinguistic Research (Tarallo, 1986) and the perspective on the processing of spontaneous speech data from the Theory of Language in Act (Language Into Act Theory –LacT), (Cresti, 2000; Raso, 2012 and Carmo, 2017). It uses the computational tool AntConc (Anthony, 2020), software selected for handling the corpus. Considering the data from the corpus of studies, the results demonstrate: (i) the presence of an MCI Feira Livre, organizer of this linguistic community that counts not only on actions, participants, as well as: (ii) units of measurement, defined on a continuum from the most prototypical measurement (kilo), passing through the intermediate one (liter), to the least prototypical one (bestunta) – the latter, the most used at the fair, whose term results from a neologism , consisting of metaphorical projections; (iii) the names of seasonings (Pega Husband, Ana Maria, Chama Chure, Guedes' Seasoning, Chef's Seasoning, Chamago da Cozinha, Repete-Prato, Bahiano), whose formation processes involve more specifically the vocabulary composition, complex lexicons and metonymic extensions of meaning; and (iv) the agentive duty of the fairground is crossed by factors linked to gender and social class, marked by the presence of women from less prestigious classes.

Keywords: Free fair lexicon; Spontaneous speech; Corpus Linguistics; Sociolinguistics; Idealized Cognitive Models.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variação diacrônica ou histórica do pronome de tratamento “você”	31
Tabela 2: Tipos de Derivação.....	43
Tabela 3: Outros Processos de Composição.....	44
Tabela 4: Tipologia de processos de neologismos segundo Alves (2004)	46
Tabela 5: Tipos de saberes mobilizados na Cognição humana.....	51
Tabela 6: Traços de membros da categoria “AVE”	54
Tabela 7: Elementos da geração do pensamento metafórico.....	59
Tabela 8: Critérios de compilação do <i>corpus</i>	76
Tabela 9: Metadados do participante 01 (MAR).....	82
Tabela 10: Metadados da participante 02 (BEN).....	83
Tabela 11: Metadados do participante 03 (MBOL).....	83
Tabela 12: Metadados do participante 04 (OLE).....	84
Tabela 13: Números do <i>Corpus</i> de estudo por informante.....	87
Tabela 14: Vocábulo feirante (-nte) de acordo com Houaiss (2001)	122
Tabela 15: A contigência da classe e do gênero do protagonista da feira: feirante.....	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LC – Linguística de *Corpus*

PMTF – Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas

LAct - Language into Act Theory

MaLESB - Mapa Linguístico da Fala Espontânea do Extremo Sul da Bahia

TMC - Teoria da Metáfora Conceptual

MCIs - Modelos Cognitivos Idealizados

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RFP - Regra de Formação de Palavras

PA Princípio de Analogia

BR - Rodovia Federal

BA - Bahia

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PB – Português Brasileiro

Volp -Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa

MAR – Informante 01

BEN – Informante 02

MBOL – Informante 03

OLE – Informante 04


DEI – Pesquisadora

LUA- Pesquisadora

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Processos Morfossintáticos	41
Figura 2: Modelo de protótipo “AVE”	56
Figuras 3 e 4: Imagem externa e interna do Mercado.....	67
Figura 5: Centro de Abastecimento – parte externa e interna (1988)	68
Figura 6: Feira da <i>Pausoeira</i> (ano desconhecido)	70
Figura 7: Demonstração da ferramenta <i>Concordance</i>	77
Figuras 8 e 9: Distâncias de Águas Formosas (MG) e Machacalis (MG) em relação a Teixeira de Freitas-BA.....	86
Figura 10: Linhas de concordância para o léxico “bistunta” (<i>AntConc</i> , 2020)	89
Figura 11: Aba Clusters/N-Grams com o léxico “bistunta” (<i>AntConc</i> , 2020)	89
Figura 12: Alguns dos itens linguísticos que acionam o <i>frame</i> compra/venda Teatro.....	92
Figura 13: Itens linguísticos que acionam o <i>frame</i> Feira Livre.....	93
Figura 14: Macro-Frames da feira livre: variedade e composição.....	95
Figura 15: Circuito do MCI/Feira Livre do “Mercadão” M. de Teixeira de Freitas/BA.....	98
Figura 16: Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre (MCI/FEIRAL LIVRE).....	99
Figura 17: Copos com tamanhos diversos para medir os produtos “na bistunta”	104
Figura 18: Unidades de produtos: redinhas e molhos.....	105
Figura 19: Vasilhame de alumínio batido utilizado como unidade de medida (litro).....	106
Figura 20: Categoria medidas da feira: organizada por efeitos de prototipia.....	107
Figura 21: Correio das Modas (1838) e Novo Correio das Modas (1852-1854)	110
Figura 22: E-mail recebido do (Volp), versão 2022-2023.....	111
Figura 23: Projeções figurativas: bestunta < bistunta.....	112
Figura 24: Descrição do termo feirante.....	121

LISTA DE SÍMBOLOS

(*)	início de turno
(ABC)	identificação do informante
(//)	quebra prosódica terminal; fim de enunciado
(/)	quebra prosódica não terminal; fim de unidade tonal interna ao enunciado
(“ ”)	Citação
	para ouvir

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 Contexto de surgimento da Sociolinguística	23
2.1.1 Premissas fundamentais da Sociolinguística	28
2.1.2 Recortes sociolinguísticos: os tipos de variação.....	30
2.1.3 Comunidade de fala	33
2.2 Léxico como espaço de memória linguística e cultural.....	35
2.2.1 Processos de formação de palavras.....	39
2.3 Linguística Cognitiva	48
2.3.1. Modelos Cognitivos Idealizados (MCI): a relação entre língua e domínios de conhecimento	60
2.4. Feira Livre: Breve histórico.....	64
2.4.1 A Feira Livre de Teixeira de Freitas/BA	66
3 PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	72
3.1. Tipo, método e técnica de pesquisa	72
3.2 Postulados teórico-metodológicos da Linguística	74
3.2.1 Linguística de <i>Corpus</i>	75
3.2.1.1 Ferramenta computacional para análise do <i>corpus</i> : o <i>AntConc</i>	76
3.2.2 <i>Language into Act Theory</i> e o conceito de fala espontânea.....	77
3.2.3 Sociolinguística e os parâmetros de recorte da amostra	80
4. ESTUDO DA CRIAÇÃO LEXICAL NA FALA ESPONTÂNEA DE FEIRANTES DO MERCADÃO DE TEIXEIRA DE FREITAS/BA: ANÁLISE DE DADOS.....	82
4.1. Perfil sociolinguístico dos sujeitos da pesquisa.....	82
4.2 <i>Corpus</i> de Estudo da Feira Livre: análise de dados	90
4.2.1 Limites cognitivos da Feira Livre: frames, modelos cognitivos idealizados e metáforas conceptuais.....	90
4.2.1.1 <i>Frames</i> da Feira Livre.....	90
4.3 Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre – MCI/Feira Livre.....	97
4.4 O Léxico da Feira Livre de Teixeira de Freitas/BA: Identificação e descrição dos processos de formação de palavras.....	101
4.4.1 Unidades de medida da feira livre	102
4.4.2 Na bistunta: a medida informal da feira livre	108
4.4.3 Nomes de temperos da feira livre: composição e analogia.....	113
4.4.4 Feirante: a contigência da classe e do gênero do protagonista da feira	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
6 REFERÊNCIAS	137

1 INTRODUÇÃO

“(...) a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos” (Morais e Araújo, 2006, p. 247).

A *feira livre* tem origem na Idade Média com uma configuração de comércio, durante o período do renascimento do comércio. O aumento da circulação de mercadorias entre as cidades e o campo desencadeou o crescimento das feiras. Segundo Pirenne (1965), as feiras estavam presentes por todas as partes fortalecendo o comércio dessa época; e afirma que: “(...) nos diferentes lugares, os mesmos caracteres, de modo que podem ser consideradas como um fenômeno internacional inerente às condições da sociedade europeia. A época do seu apogeu foi a do comércio errante¹” (1965, p. 103). Sendo assim, o autor define as feiras como lugares de reuniões periódicas dos mercadores profissionais. Para o autor, as feiras “(...) são centros de intercâmbios e, principalmente, de intercâmbios em grande escala, que se esforçam em trazer até eles, fora de toda consideração local, o maior número possível de homens e produtos” (Pirenne 1965, p. 104). Em sua obra “As cidades da Idade Média” (1971), Pirenne aponta que as feiras aconteciam em períodos esporádicos de modo a ocorrer uma ou duas vezes por ano, sendo que as taxas dos produtos eram cobradas antes destes adentrarem as cidades para comercialização.

No Brasil, as feiras livres tiveram início no período colonial implantadas pelos colonizadores portugueses (Mott, 1975, 2000). Segundo Matos (2005), foi entre os séculos XVII e XVIII que surgiram as primeiras feiras. Esse processo derivou-se a partir do crescimento demográfico que suscitou a diversidade da economia brasileira. Esse acontecimento desencadeou a formação e povoamento do interior do país, sendo responsável posteriormente pela expansão territorial. É válido ressaltar que esse processo teve relevância porque contribuiu de forma significativa no abastecimento das populações com produtos variados. Em Mott (1975), encontramos uma vasta revisão histórica das feiras na qual o autor enfatiza a sua existência em países de todos os continentes, principalmente no Brasil. Segundo

¹ Durante um longo período de tempo o comércio medieval foi uma atividade errante, na qual o mercador seguia a rota dos produtos, sendo a venda feita através da exposição direta dos artigos em lojas, mercados e feiras. O comércio, errante ou fixo, é a grande razão de ser da enorme importância das feiras no Ocidente medieval até ao século XIII. As feiras eram encontros entre mercadores que vinham, em muitos casos, de diversas partes da Europa para, num período de semanas, comprarem e venderem os seus produtos. (Ver Pirenne, 1965).

o autor, foi em 1548 que se fez pela primeira vez menção ao estabelecimento de uma feira. Isto só se concretizou em razão do cumprimento ao Regimento normatizador destinado ao Governador Geral do período. Neste documento oficial, o então rei, Dom João III, decretava “que nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira (...)” (Mott, 1975, p. 309, grifo do autor). É sabido que essa decisão favoreceu a comercialização dos produtos que os nativos disponibilizavam, bem como podiam comprar mercadorias de seus interesses dos mercantilistas. Mott (1975) afirma não ter encontrado na literatura a existência de documentos que apontem o surgimento das feiras nesse período da história. O autor levanta a hipótese de que a necessidade desse tipo de comércio só aconteceu efetivamente em razão “do maior desenvolvimento demográfico e da diversificação econômica do Brasil” (Mott, 1975, p. 311). Ou seja, à medida que o desenvolvimento do país crescia, também emergia a necessidade de comercialização. As feiras se fortaleciam e ganhavam espaços em todo território nacional. Maia (2006) afirma que “em todo o território brasileiro, as feiras aconteciam como manifestação da atividade comercial, em que pequenos agricultores vendiam os produtos por eles cultivados ou pequenos comerciantes revendiam algumas mercadorias de necessidade imediata” (Maia, 2006, p. 5).

Nesse quadro, podemos definir feira livre, em termos gerais, como um espaço público, aberto ou fechado, onde dezenas de pessoas se reúnem para comprar e vender produtos de todas as ordens: alimentícios, manufaturados, artesanais, agropecuários, entre outros. Normalmente, os preços negociados na feira são reduzidos em relação a outros lugares de comércio. Apesar de a informalidade ser a sua marca, a feira costuma ocorrer em dias ou épocas fixas, estabelecendo encontros entre pessoas da cidade, do campo e viajantes. Tais encontros são agitados; dada à quantidade de pessoas conversando ao mesmo tempo, propagandeando seus produtos, tocando músicas, gente diversa transitando, que o termo feira virou sinônimo de balbúrdia, de confusão (Dicionário Online do Português, 2022). É justamente no cruzamento dessa diversidade que este estudo recorta seu objeto: *o léxico da feira livre*. Sendo assim, delimitamos como campo de pesquisa a fala espontânea dos trabalhadores da feira livre do município de Teixeira de Freitas/BA: o Centro de Abastecimento de Teixeira de Freitas – conhecido como “o Mercado”. Nesse contexto, esta pesquisa se justifica, não só por reconhecer a feira livre como um espaço rico em práticas linguísticas produzidas pelas pessoas, as quais se encontram para fazer atividades em comum – comprar, vender e socializar, como também apresenta uma oportunidade de identificar, descrever e discutir comportamentos linguísticos de uma comunidade ainda insuficientemente

explorada, portanto pouco conhecida no cenário da linguística baiana e brasileira: Teixeira de Freitas – logo, o Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia.

Esta pesquisa parte da seguinte questão: Quais são os itens lexicais que constituem o campo do trabalho da feira livre de Teixeira de Freitas Bahia, tendo em vista as práticas linguísticas realizadas nesse espaço de cruzamento?

A partir do problema estabelecido, o objetivo deste estudo é discutir como o Modelo Cognitivo Idealizado Feira Livre (MCI Feira Livre) é estabelecido, tendo em vista os itens lexicais evocados por falantes que trabalham na feira livre de Teixeira de Freitas/BA. Para tanto, cumprimos o seguinte percurso: (i) identificar os itens lexicais e/ou possíveis neologismos em práticas linguísticas da feira livre; (ii) estabelecer os limites no MCI Feira Livre, considerando os itens lexicais levantados, levando em conta as informações advindas de seus trabalhadores – ou seja, os feirantes; e (iii) problematizar a divisão do trabalho da feira livre, tendo em vista a categoria extralinguística “gênero” e “classe social”, considerando o MCI Feira Livre.

Sendo assim, está pesquisa cumpre o seguinte caminho até aqui, considerando o desenho de seus capítulos: o primeiro apresenta as palavras introdutórias que verbera este estudo. O segundo delinea o conjunto teórico que as orientam: contexto de surgimento da Sociolinguística (Alkmin 2001; Bagno, 2007; Labov, 1972 e Tarallo, 1986); premissas oriundas da Sociolinguística (Saussure, 1995, Tarallo, 1986; Câmara Júnior, 1954; Bagno, 2007; recortes sociológicos: tipos de variação (Coan e Freitag, 2011; Alkmim, 2001; Cereja, Viana, Damien, 2016; Câmara Júnior 1979; Görski e Coelho, 2010; Bechara 2009); da Comunidade de fala (Labov, 1972; Guy, 2020 [1980]), do Léxico como espaço de memória linguística e cultural (Antunes, 2012; Laroca, 2003; Perini, 2005; Biderman, 1998, Oliveira, 2001; Basílio, 2004, Rocha Lima, 2006; Bechara, 2009; Alves, 2004; Azevedo, 2008), do Processos de formação de palavras (Basílio, 2004; Laroca, 2003; Alves, 2004; Bechara, 2009; Azeredo, 2008); da Linguística Cognitiva (Silva, 2007; Ferrari, 2010 e 2014; Lakoff e Johnson, 1980 e Lakoff, 1987; Salomão, 2007; Eysenk e Keane, 1990; Rosch, 1970; Kövecses, 2005; Cienki, 2007; Carmo e Mota, 2020); – nos termos da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff; Johnson, 1980, 1987); da Feira Livre: breve histórico (Maia, 2006; Dantas, 2007; Vieira, 2004; Mascarenhas, 2005; Dalenogare e Alberti, 2011; Bakhtin, 1987; Morais e Araújo, 2006; Pirenne, 1965); da Feira Livre de Teixeira de Freitas/BA (Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, 2021, 2022 e 2023; Santos e Alves, 2010; Rocha, 2020; Santos, 1988). No terceiro, explicita os pressupostos teórico-metodológicos que a definem, oriundos da Linguística de *Corpus* (Sardinha, 2004). Vale salientar que o esboço

para compilação do *corpus* de estudo (limite dessa investigação) vem de princípios da metodologia da Sociolinguística (Tarallo, 1986) e do entendimento de fala espontânea proveniente da Teoria da língua em ato² (Cresti, 2000). O quarto capítulo apresenta o resultado dessa investigação cujo caráter é exploratório.

Para finalizar essas linhas introdutórias, salienta-se que esta pesquisa se caracteriza como uma das investigações realizadas junto ao projeto guarda-chuva Mapa Linguístico da Fala Espontânea do Extremo Sul da Bahia (MaLESB/CAAE: 69590223.0.0000.0057), cujo objetivo primordial delimita-se na identificação dos traços linguísticos que configuram a identidade linguística do Território de Identidade Extremo Sul da Bahia, com vista a traçar o perfil sociolinguístico deste território, que abrange os municípios baianos de Alcobaça, Caravelas, Ibirapuã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas e faz fronteira com outros dois estados: Minas Gerais/MG e Espírito Santo/ES.

² *Language into Act Theory* (Cresti, 2000). Texto original.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (Alkmim, 2001, p. 21).

Para realizar essa pesquisa, apresentamos a seguir os princípios teóricos que nos orientam, quais sejam: a Sociolinguística, concepções flexíveis do componente lexical, Linguística Cognitiva, bem como um detalhamento do campo de pesquisa escolhido: a feira livre.

2.1 Contexto de surgimento da Sociolinguística

A língua é um dos elementos fundantes da sociedade. É por meio dela que o homem expressa as suas ideias, transmite seus costumes e cultura, não só para a sua geração, mas também para as gerações vindouras. Segundo Alkmim (2001, p. 31), “o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”. Sendo assim, podemos compreender a língua como uma espécie de retrato de seu tempo e espaço no qual cada falante pode ser compreendido como um agente que opera e coopera com a manutenção e renovação da língua em cada retrato. Nela, o falante imprime marcas que revelam a sua origem social, espacial, local e histórica.

Numa visão histórica (diacrônica), por exemplo, ao analisarmos a língua em vários recortes do tempo, compreendemos que ela passa por inúmeros processos, resultando em uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo. Já numa visão mais contemporânea (sincrônica), podemos identificar marcas na língua que podem revelar traços diversos, tais como gênero, filiação política, campo de trabalho, doutrina religiosa, “tribo”, lugar onde nasceu ou cresceu. Sendo assim, podemos compreender a língua como elemento variável, não apenas no tempo, mas também conforme o contexto imediato, delineado por influências geográficas, sociais ou situacionais. Em outras palavras, de acordo com Alkmim (2001, p. 21), a “língua e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”. Nesse sentido, podemos considerá-la como um produto inacabado, uma vez que as sociedades humanas sofrem mudanças constantes, dado a fatores diversos, tais como: conflitos, adversidades climáticas, mudanças econômicas, tecnológicas e culturais.

Bagno (2007) também coaduna com essa perceptiva da língua como um produto inacabado. Segundo o autor, “ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído” (2007, p. 35). O autor faz um acréscimo: “o que se convencionou chamar de ‘língua’ nas sociedades letradas, é na verdade, um produto social, artificial, que não corresponde àquilo que realmente a língua é” (Bagno, 2007, p. 35).

Vale salientar que William Labov, em sua obra *Padrões Sociolinguísticos* (1972), não só afirma que a língua é um produto inacabado, como também faz opção por analisar a fala do indivíduo – definida por Saussure (1989 [1916]) como *parole*. Ao fazer tal opção e apresentar um conjunto de técnicas sistematizadas para o estudo da variação linguística em diversas perspectivas, Labov (2008 [1972]) chama atenção nas palavras introdutórias de sua obra que “as línguas mudam porque variam”. É nesse cenário que Labov (1972) estabelece os parâmetros dessa nova forma de olhar o fenômeno linguístico: a Sociolinguística. Essa nova perspectiva compreende a língua falada dentro de um universo de possibilidades de variações linguísticas, decorrentes do contato entre a diversidade de fenômenos possíveis no interior do sistema e a pressão dos contextos extralinguísticos nas quais essas variações ocorrem. Para captar tais dados, a Sociolinguística parte da pesquisa de campo. Esta técnica permite ao pesquisador, via gravação e entrevistas, a possibilidade de identificar particularidades na espontaneidade de fala dos entrevistados. Nessa perspectiva, a postura do pesquisador baseia-se no agir como observador. Nos termos de Labov (2008 [1972], p. 244): “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”.

Cabe lembrar que o termo Sociolinguística se fixou em 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia (Los Angeles), organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos da linguagem e sociedade, como William Labov, John Gumperz, Einar Haugen, John Fischer, Dell Hymes e José Pedro Rona (Alkmim, 2001). A proposta de Bright (1974), inicialmente para Sociolinguística, “era demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (Bright, 1974 *apud* Alkmim, 2001, p. 28). De acordo com Santos, Santana e Santana (2015), a Sociolinguística:

Se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como foco crucial os trabalhos de Labov, como também os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright, publicada em 1966 sob o título de *Sociolinguistics*. Na conferência, o autor afirma que o foco da sociolinguística está na demonstração de que existe uma sistemática covariação entre a estrutura linguística e a estrutura social. Assim sendo, a sociolinguística nasce para exteriorizar e para comprovar que a língua está em constante mudança e que fatores internos e externos favorecem essa variação (Santos; Santana; Santana, 2015, p. 9).

Cabe salientar que a Sociolinguística questiona pressupostos das correntes linguísticas anteriores centradas, cada uma a seu modo, na língua enquanto atividade individual, descolada de aspectos extralinguísticos, quais sejam: o Estruturalismo e o Gerativismo, respectivamente propostos por Ferdinand Saussure (1857-1913) e Noam Chomsky (1928).

Saussure, no início do século XX, em sua obra póstuma, o *Curso de Linguística Geral* (CLG/1916), inaugura o que hoje conhecemos como a Linguística Moderna. Nesse contexto, Saussure delimita e define seu objeto de estudo; estabelece os princípios gerais e seu método de abordagem. O autor defende que a língua é o objeto da Linguística. Enquanto sistema convencional, é um conjunto abstrato de regras que não se confunde com a linguagem: “é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (Saussure, 1989 [1916], p. 17). Saussure se constitui como o mentor da corrente conhecida pelos linguistas como Estruturalismo. Para essa corrente, a língua: (i) relaciona-se apenas linguisticamente entre os seus elementos, trata-se de uma estrutura independente; e (ii) constitui-se em si mesma, está afastada de fatores externos. Para efeitos de exemplificação, tomemos a ocorrência “as crianças são obedientes”: o pesquisador, diante desse dado, focará a análise somente nos aspectos gramaticais de concordância nominal, com ênfase em todas as regras que compõem o sistema linguístico, ou seja, não se preocupará em pensar sobre as causas desta. Em outras palavras, o pesquisador, dentro da perspectiva estruturalista, ao analisar tal ocorrência descartará os elementos externos, a exemplo do nível de escolaridade ou a situação em que o falante se encontra durante a sua produção. A língua, na visão do estruturalismo saussuriano, equivale a um sistema de regras fechado em si mesmo. Contudo, salientamos aqui que, mesmo com essa visão sobre o objeto, Saussure reconhece a língua como um fenômeno social, um produto das relações emergentes entre constituintes de determinado grupo. Embora deixe de lado os fatores externos ao sistema, o autor salienta que os demais aspectos envolvidos na produção linguística devam ser tratados por diferentes áreas científicas. Para o autor, há no sistema linguístico uma dicotomia evidente, que precisa ser considerada: a dicotomia *langue e parole* (Saussure, 1995). A primeira consiste em padrões, regras abstratas,

internas ao sistema de signos e significados, já a segunda, representa a produção de significado através do uso da *langue* por indivíduos em um contexto social (Saussure, 1995). Labov problematiza essa dicotomia, definido como “paradoxo saussuriano” (Labov, 1991[1972]). O autor enfatiza que:

Se todos possuem o conhecimento da estrutura da língua, se a *Langue* é “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro” (Saussure, 1962, p.30), seria possível se obter os dados através do testemunho de qualquer pessoa – mesmo uma única pessoa. Por outro lado, dados da *parole*, ou fala, poderão apenas ser obtidos através do exame do comportamento dos indivíduos ao fazerem uso da língua. Assim, temos o “Paradoxo Saussuriano”: o aspecto social da língua é estudado através da observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente através da observação da língua em seu contexto social (Labov, 1991[1972], p. 186).³ (Tradução nossa do original).

No final da década de 1950, nos Estados Unidos, Noam Chomsky inaugura em sua obra, *Estruturas Sintáticas* (1957), uma nova visão dentro da Linguística denominada Gerativismo. Definida em termos formalistas, essa nova corrente compreende a língua como: (i) um renovável de princípios universais; (ii) um conhecimento de ordem intelectual, depositado na mente do falante, nos termos de uma faculdade da linguagem que estrutura a competência linguística desse falante. O foco principal do Gerativismo centra-se em descrever o sistema abstrato de regras responsáveis por formar sentenças reconhecidas pelos falantes de línguas naturais como gramaticais nas línguas naturais.

Diante do exposto até o momento, constatamos que tanto a abordagem Estruturalista quanto a Gerativista partem do pressuposto do entendimento da língua como uma abstração, portanto dissociada de fatores históricos, sociais, culturais e ideológicos. É a partir desse contexto que desponta a *Sociolinguística* de William Labov (1972). Em meio às citadas correntes linguísticas, centradas na análise do significante, Silva (2013) introduz a afirmação:

William Labov (2010) declarou ser a língua um fato social, exterior ao indivíduo e existente na comunidade de fala. Evidenciam-se aqui as relações das conceituações de Labov com as dos linguistas que o precederam, principalmente com as de Saussure e as de Meillet e aponta-se em que medida o pensamento do autor se alinha ou se afasta do pensamento de um ou de outro. Defende-se, finalmente, o argumento de que a conceituação de

³ If everyone possesses a knowledge of language structure, if *langue* is “un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau” (Saussure, 1962, p. 30), one should be able to obtain the data from the testimony of any one person even oneself. On the other hand, data on *parole*, or speech, can only be obtained by examining the behavior of individuals as they use the language. Thus we have the Saussurian Paradox: the social aspect of language is studied by observing any one individual, but the individual aspect only by observing language in its social context (Labov, 1991[1972], p. 186).

língua de Labov difere-se tanto da noção de Saussure quanto da de Meillet, ou seja, não há lugar para a emergência do ator social em sua concepção de língua. Por outro lado, em seu tratamento dos líderes da mudança linguística, o autor deixou emergir a ideia de que os líderes da mudança são agentes de consciência e vontade (Silva, 2013, p. 04).

Consideramos importante registrar outro expoente que não só se destacou no início do século XX, como também se opôs a certos princípios teóricos estabelecidos por Saussure, ao defender a concepção social da língua: Antoine Meillet (1866-1936) – um dos alunos mais distintos do linguista genebrino. “Enquanto Saussure buscava elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história” (Calvet, 2002, p. 15). Dessa forma, em Saussure possivelmente podemos encontrar a oposição entre linguística interna e linguística externa; em contrapartida, Meillet faz uma associação entre elas. Saussure diferencia a abordagem sincrônica de abordagem diacrônica e seu discípulo entende que ambas estão relacionadas. Posteriormente, as ideias de Meillet são retomadas por Labov em seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (2008), como uma reação aos modelos: saussuriano e chomskiano.

Uma das críticas mais rigorosas de Labov a Saussure diz respeito ao seguinte aspecto: como todos os falantes possuem um conhecimento da *langue* (parte social da linguagem) é presumível estudar o aspecto social da linguagem pela observação de um único indivíduo. No entanto, o estudo da *parole* (parte individual da linguagem) só pode ser feito pela observação dos indivíduos interagindo linguisticamente (Labov, 2008).

Outro teórico que se destacou no início do século XX na União Soviética foi o linguístico Bakhtin e o chamado Círculo de Bakhtin, que diz que a comunicação entre falantes se realiza a partir da interação verbal. Para o autor toda palavra procede de alguém e se dirige para alguém; sendo assim, segundo o linguista, “toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*” (Volóchinov, 2021, p. 205). Os autores do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 2021) se apresentam como críticos da corrente estruturalista de Saussure e defendem a língua na interação verbal historicamente contextualizada, independente do contexto social. Bakhtin (2009, [1929]) defende que a mudança da língua está sujeita ao uso dessa língua em diferentes contextos no qual o falante confere diversos sentidos a uma mesma palavra; sendo dessa forma, compreendida como variável. Nas palavras de Volóchinov (2019),

(...) A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu

desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*. É na comunicação discursiva (um dos aspectos da comunicação mais ampla: a social) que são elaborados os mais variados tipos de enunciados, correspondentes aos diferentes tipos de comunicação social (Volóchinov, 2019 [1930], p. 267). Grifo do autor.

Contudo, destacamos aqui que o viés deste estudo se funda nos princípios da Sociolinguística Laboviana.

Como vimos, há diversas propostas no âmbito da linguística contemporânea que abdicam a abordagem que expropria o contexto em uso dos estudos estruturalistas e gerativistas. Uma vez apresentado esse breve histórico sobre o surgimento da Sociolinguística, abordamos na próxima seção as principais premissas dessa corrente que parte da relação entre a língua e as contingências da sociedade.

2.1.1 Premissas fundamentais da Sociolinguística

Para iniciar a presente seção, vamos partir de uma afirmação saussuriana, qual seja:

(...) é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas (Saussure, 1995 [1916], p. 27).

Embora reafirme a dicotomia entre língua e fala, Saussure (1995) assume que é através da fala, nas interações com os outros falantes, que os sistemas linguísticos evoluem. A interação entre os falantes ocorre em contextos diversos, isto é, nas dimensões sociais, culturais e históricas. A fala, segundo os princípios do autor, pode ser assistemática, heterogênea e concreta; já a linguagem, por outro lado, é sistematicamente homogênea, abstrata e, portanto, sujeita a análise interna. A linguagem (*langue*) começou a se opor à fala (*parole*). Nesse contexto, a Sociolinguística, enquanto abordagem linguística se preocupa em observar, mapear e analisar a língua dentro dessas dimensões, tendo em vista as variações linguísticas condicionadas dentro dessas últimas. Para a Sociolinguística, a língua se constitui como parte da manifestação cultural e social de um povo e o conjunto de suas variações são constructos que carregam a história singular/coletiva de cada grupo de falantes. As particularidades linguísticas resultantes dessas relações, que ocorrem dentro do interior das

sociedades, podem ser mensuradas por meio de metodologia de pesquisas objetivas, conforme Fernando Tarallo (1986).

Nos espaços geográficos e sociais, nos quais os sujeitos estão imersos, a diversidade linguística constitui retratos dos modos de vida dos usuários da língua. Por exemplo, em cidades interioranas pequenas, as variantes configuram narrativas que delineiam a história e a identidade dessas localidades, enquanto, a presença de outras variantes nas grandes metrópoles é marcada pelo processo imigratório, do preconceito e da padronização da língua configuram outras narrativas. Segundo Marcos Bagno (2007, p. 36, grifo do autor), “a língua é uma atividade social, *um trabalho coletivo*, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. Assim, também podemos acrescentar o que diz Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1954):

A língua é de maneira geral – coletiva; mas cada um de nós tem certas peculiaridades linguísticas, ou pelo menos preferências, e há assim, de certo modo, múltiplas línguas individuais, ou IDIOLETOS, de acordo com a nomenclatura linguística norte-americana (Câmara Júnior, 1954, p. 22-23).

Como declara Câmara Júnior (1954), a língua é uma atividade individual (idioleto) que afeta as práticas linguísticas coletivas (socioletos). Entretanto, a pressão dessas práticas coletivas, afeta o comportamento individual. Afinal, quando um falante nasce, ele o faz dentro de uma comunidade. Observamos que todo falante tem a capacidade de monitorar seu comportamento verbal, em outras palavras: o uso que o indivíduo faz da língua. Todos fazem isso, e não importa o grau de instrução, idade e classe social a que ele tenha ou pertença. Desse modo, à luz da sociolinguística, podemos afirmar que qualquer falante pode variar seu jeito de falar, e que “não existe falante de estilo único” (Bagno, 2007, p. 46).

O estudo da variação linguística nos possibilita encontrar os elementos sociais, históricos e culturais que contribuem para a formação de identidades de um povo e a consagração de estruturas de poder estabelecidas também pela pressão linguística. Há uma relação intrínseca de dominação no jeito de falar de cada indivíduo. Assim sendo, o estudo do comportamento linguístico de um falante poderá sinalizar possíveis elementos para uma pesquisa, no entendimento da língua como heterogênea, mesmo no nível individual. Como salienta Pires de Oliveira (1998):

Importa mencionar que a variante brasileira do português não se apresenta homogênea. Podemos verificar, sobretudo no nível lexical, “marcas” regionais, algumas vezes bastante específicas de uma

dada região, tendo em vista, principalmente, as grandes extensões geográficas de nosso território e o isolamento em que se encontram algumas regiões brasileiras, situadas em locais distanciados dos grandes centros irradiadores de cultura (Pires de Oliveira, 1998, p. 111).

A língua, dentro dessa percepção, não só representa um elemento identitário, como também é entendida como um elemento de poder estabelecido entre falantes, grupos de falantes e como cada falante entra “linguisticamente” nos mais diversos contextos sociais, marcados por diferenças comportamentais. Podemos afirmar, pelos argumentos já expressos acima, que a língua é um substantivo coletivo porque representa um coletivo. Em outras palavras, ela pode identificar uma comunidade de falantes. Nossas percepções postas até aqui convergem com o pensamento de Bagno (2007):

(...) dizer que a língua apresenta variação significa dizer (...) que ela é heterogênea. A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um substantivo coletivo (...) se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes (Bagno, 2007, p. 39).

Na visão do autor, a língua é, portanto, “uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (Bagno, 2007, p 36). Contudo, vale acrescentar que além de fenômeno social, a língua é um fenômeno cognitivo. De acordo com Bagno (2007), essa interação entre os falantes, dentro da complexidade das atividades dos grupos humanos no interior das sociedades, provoca a constituição de variantes linguísticas que atravessam as dimensões individuais, geográficas, sociais, históricas, culturais e identitárias. Essa heterogeneidade linguística estabelece o que se entende como o fenômeno da variação (Tarallo, 1986), o qual será explicitado a seguir.

2.1.2 Recortes sociolinguísticos: os tipos de variação

Na visão das autoras Márluce Coan e Raquel Meister Ko Freitag (2011), a Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala (Coan; Freitag, 2011, p. 175). É a partir das práticas reais da língua que o falante determinará o modo como fará uso oral da linguagem em uma situação de comunicação. Segundo as autoras, é justamente na modalidade

oral que se torna possível verificar com mais evidência a variação entre as *comunidades linguísticas*. Coan e Freitag (2011), de acordo com os princípios de Labov (2000) ressaltam que:

(...) todos os sociolinguistas concordam que produções e interpretações de um falante não são o lugar primário da investigação linguística nem as unidades finais da análise, mas os componentes usados para construir modelos de nosso objeto primário de interesse, a *comunidade de fala* (Coan; Freitag, 2011, p. 175). (Grifos das autoras).

Em outras palavras, antes de observarmos a produção do falante, precisamos nos questionar sobre o contexto de pressão sobre a sua produção, ou seja, a comunidade de fala – conceito este que trataremos com mais cuidado à frente. Antes, apresentamos os tipos de variação que podem ocorrer, considerando esse conceito. Afinal, a variação é a realidade da língua. Como afirma Alkmim (2001) “língua e variação são inseparáveis” (2001, p. 33), ou seja, “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações” (2001, p. 33), tais variações são tratadas dentro da Sociolinguística nos seguintes termos:

(1) Variação diacrônica ou histórica: representa as mudanças ocorridas na fala e que foram deixadas de lado, ou seja, caíram em desuso, bem como aspectos “novos” que conseqüentemente são incluídas no léxico. É a variação que acontece “na língua, que ocorre através do tempo” (Cereja; Vianna; Damien, 2016, p. 51). Exemplo: o termo “você”: no português arcaico, a forma usual desse pronome de tratamento era “vossa mercê” que, devido a variações inicialmente sociais, passou a ser usado mais frequentemente como “vosmecê”. Com o passar dos séculos, essa expressão reduziu-se ao que hoje falamos como “você”, que é a forma incorporada pela norma-padrão (visto que a língua se adapta ao uso de seus falantes) e aceita pelas regras gramaticais. Em contextos informais, é comum ainda o uso da abreviação “cê” ou, na escrita informal, “vc”, contudo, vale ressaltar que estas últimas formas não foram incorporadas pela norma-padrão, então não são utilizadas na linguagem formal (Câmara Júnior, 1979, p. 94). Veja:

Tabela 1: Variação diacrônica ou histórica do pronome de tratamento “você”.

Vossa mercê → vosmecê → você → cê → vc
--

Fonte: Tabela elaborada a partir de Câmara Júnior (1979).

- (2) Variação geográfica ou diatópica:** representa as diferenças linguísticas distribuídas no espaço, tendo em conta questões geográficas que influenciam em aspectos de fala, no plano lexical, no plano fonético, e no plano gramatical (Alkmim, 2001, p. 34-35); Para Edair Maria Görski e Izete Lehmkuhl Coelho (2010), os “itens lexicais particulares, certos padrões entonacionais e, principalmente, certos traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos diferentes de uma mesma língua” (Görski; Coelho; *et al*, 2010, p. 77). Segundo Evanildo Bechara (2009), no espaço geográfico se constitui os diferentes dialetos; para o autor, “essa diversidade no espaço se diz diatópica (do grego *diá* ‘através de’, *tópos* ‘lugar’), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz sintópica (do grego *syn* ‘reunião’)” (Bechara, 2009, p. 31). Exemplos: citamos, no âmbito do vocabulário, o tubérculo que a depender da região do Brasil pode ser designado “aipim”, “macaxeira” ou “mandioca”. Outro exemplo, biscoito *versus* bolacha, são duas formas distintas de chamar um mesmo alimento em diferentes estados brasileiros.
- (3) Variação social ou diastrática:** representa as marcas de identificação do falante e do contexto no qual o indivíduo está imerso, qual sejam: classe social, idade, sexo (Alkmim, 2001, p. 35-36). Bechara (2009) salienta que, no nível sociocultural, se constitui “os diferentes níveis de língua e estratos ou camadas socioculturais”. Para o autor, “essa diferença no estrato sociocultural se diz diastrática (do latim *stratum* ‘estrato’, ‘camada’)” (Bechara, 2009, p. 31). Exemplos: jargões próprios de um grupo profissional, como policiais e militares, que utilizam frases como “vamos na rota dele” ou “não mexe com o meu peixe”.
- (4) Variação de registro ou diafásica:** representa a diversificação do uso da fala pelo falante, tendo em vista o contexto de comunicação. Alkmim (2001, p. 38), utiliza também o termo *variação estilística* para se referir à *variação diafásica*. Sobre esse tipo de variação, Bechara (2009, p. 31) acrescenta que “no estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua”, “essa diferença se diz diafásica (do grego *fásis* ‘expressão’)”. Exemplos: quando os indivíduos estão em contato com amigos, as pessoas usam gírias, estrangeirismos e vícios de fala, como o famoso “tipo isso, tipo aquilo”, “Que mico”! (Que vergonha!) “Fui trolado”! (Fui enganado!).

Nessa esfera, vale ressaltar que a variação que será observada nessa pesquisa, mais especificamente, é a variação social ou diastrática, já que estão em observação os itens

lexicais produzidos nas práticas linguísticas realizadas pelos falantes dentro da feira livre. Além disso, também objetivamos a questão da divisão do trabalho dentro desse espaço, haja vista o “gênero” e a “classe social” de seus falantes.

Nesta pesquisa a comunidade delimitada para este estudo é compreendida como comunidade de fala, considerando o que Labov (1972, p. 184), afirma ao situar o estudo da língua no contexto social, e propõe “o estudo da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala”. A partir dessa proposição, na seção seguinte abordaremos esse ponto.

2.1.3 Comunidade de fala

Como antecipado anteriormente, nesta seção, tratamos de um conceito caro a Sociolinguística: a comunidade de fala. Porém, antes de tratarmos desse conceito, faz-se necessário estabelecer a diferença em relação a outro conceito próximo: comunidade linguística que, segundo Romaine (1994, *apud* Vanin, 2009, p. 149), envolve “o conjunto de povos que compartilham uma língua em comum. Assim, países lusófonos, como Brasil, Portugal e Moçambique, por exemplo, fazem parte de uma mesma comunidade linguística”. Dito isso, em termos gerais, comunidade de fala diz respeito ao espaço onde o falante realiza as suas práticas linguísticas. Essa, por sua vez, envolve uma série de variações linguísticas, ligadas a comportamentos sociais, bem como é dentro dela que, não só o falante sofre as pressões para determinados usos da língua, como também é o falante, por meio de suas práticas, que produz inovações de registro dentro dela.

Labov (2008 [1972]) compreende como comunidade de fala aquela que o falante compartilha “normas e atitudes sociais” perante uma língua ou variedade linguística. Para esse linguista, “a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado no uso de elementos de linguagem, tanto quanto pela participação em um conjunto de normas compartilhadas” (Labov, 1972, p. 120-121).⁴ Labov (2008 [1972]), ainda completa afirmando que “estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (Labov, 2008 [1972], p.150). (Tradução nossa da versão original). Diante disso, podemos dizer que é possível o estudo de uma comunidade de fala a partir das observações do modo como as pessoas se comportam em determinada comunidade.

⁴ “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms” (Labov, 2008 [1972], p.150. Texto original).

Segundo Labov (2008 [1972]), os “membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (Labov, 1972, p. 192, *apud* Görski, 2008, p. 7). A maneira como o falante interage sobre os fatos cotidianos demonstra valores. Görski *et al.* (2010), a esse respeito diz, por exemplo, que:

Ao grupo de prestígio, cuja fala é dominante na escola, no trabalho, na mídia etc., são atribuídos valores positivos (ex.: a fala é ‘bonita’, ‘correta’ etc.); os grupos socialmente desprestigiados, em contrapartida, costumam ser vinculados valores negativos (ex.: a fala é ‘feia’, ‘errada’ etc.) (Görski *et al.*, 2010, p. 37).

Em outras palavras, a comunidade de fala revela as marcas sociais na qual o falante está inserido, ou seja, o uso de determinadas características linguísticas compartilhadas, determinam o pertencimento identitário desse indivíduo.

Gregory Riordan Guy (2020 [1980]), em artigo traduzido por Leonardo Z. Maya resume as características da comunidade de fala nos seguintes termos:

- (1) Definição de comunidade de fala
- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usadas na comunidade, mas não o são fora dela.
 - densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
 - normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas (Guy, 2020 [1980], p. 18).

Como podemos observar ser integrante de uma comunidade de fala significa dizer que há hábitos linguísticos, nos termos do intercâmbio de palavras, marcas fonológicas e semânticas, construções gramaticais específicas, bem como em que situações dessa comunidade podem usar esse ou aquele comportamento. Nesse contexto, ainda conforme o mesmo autor: “a participação como membro em uma comunidade de fala é definida por contraste, em função do uso de traços específicos da comunidade: usá-los mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso” (Guy, 2020 [1980], p. 18).

A partir do entendimento do que se trata uma comunidade de fala, delimitamos a feira livre do município de Teixeira de Freitas/BA, como nosso espaço de pesquisa, considerando que nela há práticas linguísticas específica, estabelecido por pressões sociais que passam pela

natureza do trabalho realizado nesse espaço: a comercialização de produtos diversos, oriundos, sobretudo das comunidades agrícolas próximas. Nesse sentido entendemos a feira livre como uma comunidade de fala. Na próxima seção trataremos do léxico como espaço de memória linguística e cultural.

2.2 Léxico como espaço de memória linguística e cultural

Para Antunes (2012), “o léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como amplo repertório de palavras de uma língua, ou um conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (Antunes, 2012, p. 27). Maria Nazaré Laroca (2003, p. 71) comunga da mesma ideia ao conceituar o léxico como “conjunto das unidades vocabulares de uma língua”. Além das necessidades dos falantes de comunicação, o léxico, a despeito de ser visto como o componente linguístico intermediário, que estabelece a relação entre os sujeitos e o mundo, é também compreendido como um espaço de memória, já que guarda não só as palavras, mas todo conhecimento por trás delas. Nessa mesma direção, ainda podemos apontar Maria Tereza Camargo Biderman (1998, p.139 *apud* Laroca, p. 71, 2003), que reitera que o léxico advém “da somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades”. Nesse contexto, podemos afirmar que o estudo do léxico possibilita não só observar o perfil identitário de uma comunidade, haja vista o funcionamento e a manutenção de suas práticas linguísticas a partir do conjunto de seus itens lexicais enquanto memória sócio-histórica e linguístico-cultural, como também traz possibilidades de documentar a variação lexical dessa mesma comunidade.

A partir dessa perspectiva, podemos dizer que, entre os componentes do sistema linguístico, o léxico, responsável por armazenar o conjunto das palavras de uma língua, talvez seja o componente que mais expressa à cultura de um povo. Nesse contexto, ao conhecer o léxico de uma língua, conhecemos o mundo e a forma como determinada comunidade linguística vive; seja dentro da dimensão concreta de suas práticas, seja na dimensão subjetiva dessas (Antunes, 2012).

Perini (2005) afirma que existe uma relação dos itens lexicais com todos os elementos da gramática a partir das informações que cada item lexical contém. Essa relação “é fonológica (como se pronuncia); morfológica (composição em morfemas, possibilidades de variação); sintática (como se insere nas orações); e semântica (o que significa)” (Perini, 2005, p. 344). O autor enfatiza que “o estudo do léxico é uma parte do estudo da língua que não se insere propriamente na gramática, embora intimamente ligado a ela” (Perini, 2005, p. 345). O

autor denomina esse estudo de *lexicologia*. A partir desse entendimento, Perini (2005, p. 345) revela que “o léxico não pertence a nenhum dos componentes da gramática (fonológico, morfológico, sintático, semântico); antes, é o lugar onde todos os componentes se cruzam, depositando a informação idiossincrática”. Ainda nos seus termos:

O léxico pode ser considerado, a grosso modo, como um repositório da informação idiossincrática (não diretamente governada por regras) da língua. O léxico não se compõe apenas de palavras, pois compreendem também morfemas separados, além de expressões fixas do tipo *a olhos vistos*, *bater as botas* etc. (Perini, 2005, p. 344). Grifos do autor.

Segundo Antunes (2012), como repositório das palavras de nossa língua, o léxico armazena tanto as **unidades lexicais** quanto **unidades funcionais**. As primeiras remetem ao mundo extralinguístico (mundo da experiência), portanto, constitui-se como um inventário aberto, já que outros itens podem ser criados; envolve processos de formação de palavras e apresentam índices de frequência variáveis, considerando o número menor de ocorrências nas diversas situações comunicativas. Aqui, podemos citar substantivos, adjetivos e verbos. Já as últimas, envolvem unidades que remetem ao interior do sistema linguístico, estabelecendo funções e relações entre os constituintes deste; apresenta altos índices de frequência, porém constitui-se em um inventário fechado, já que outros itens não podem ser criados – envolvem processos flexionais. Aqui, podemos destacar artigos, pronomes, preposições, advérbios e conjunções. Nesta pesquisa, importa as unidades lexicais, plenas de significado, dado o vocabulário utilizado nas práticas linguísticas evocadas no trabalho realizadas pelos sujeitos da feira livre.

O processo de nomeação das palavras que utilizamos para designar os elementos extralinguísticos caracteriza-se como natural da atividade humana. Esse processo de organização é denominado de categorização. Biderman (1998) define categorização da seguinte forma:

Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (Biderman, 1998, p. 88).

Para Biderman (1998, p. 81), “a palavra é a pedra de toque da linguagem humana. Vários são os ângulos sob os quais esta complexa matéria pode ser analisada” e é por meio dela “que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (Biderman, 1998, p. 88). Sendo assim, podemos afirmar que o léxico de uma língua armazena significados e conteúdos com papel de significantes da linguagem humana que ao serem associados ao conhecimento e, conseqüentemente, ao processo de nomeação do mundo, ou seja, o léxico utiliza da percepção e da cognição para realização desse processo. Assim, ao entendermos o léxico nessa configuração, concordamos que esse tem importância para a cultura e, como consequência, abrange as práticas linguísticas das diversas comunidades de fala – por exemplo, os itens lexicais da região nordeste do Brasil. Ainda de acordo com a autora:

O léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. [...]. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical (Biderman, 1998, p. 12).

Como podemos constatar, o léxico é considerado como um patrimônio, um tesouro cultural que surge a partir do processo da percepção que o falante tem da realidade e resulta na necessidade de nomear essa realidade; conseqüentemente, faz surgir o léxico da língua.

Basílio traz a definição que reflete a noção do léxico como um conjunto dinâmico e em expansão:

O léxico (...) não é apenas um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante (Basílio, 2004, p. 10).

Essa definição, portanto, chama atenção para os recursos de ampliação ou de renovação do léxico de que as línguas dispõem. Entrelaçados com as práticas sociais que as criaram, as palavras compõem um sistema dinâmico que são submetidos a alterações ao decorrer do tempo. Em versão mais recente, Basílio (2015) apresenta uma perspectiva a respeito do léxico:

Em trabalhos anteriores, sugeri que o léxico pode ser entendido como “um sistema de armazenamento e transmissão de formas simbólicas, isto é, formas que têm ou **evocam significados**” (Basílio, 2005:301). Hoje, prefiro dizer que o léxico pode ser entendido como um conjunto cambiante de unidades básicas estáveis de caráter simbólico, isto é, formas que se associam a conceitos (Basílio, 2015, p. 103). Grifo nosso.

Para acrescentar, Oliveira (2001) afirma que

O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sócio-cultural de uma comunidade. Em vista disso, torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem (Oliveira, 2001, p. 109).

Como vimos, há uma intrínseca relação entre léxico e cultura, sobretudo quando consideramos o processo de variação que envolve nessa relação. Em consonância a essa dependência entre os eixos: léxico e cultura, Basílio (2015), diz que estas formas são balizadas pelas “unidades lexicais, cujas possibilidades de evocação são infinitas, dependendo de circunstâncias que abrangem desde a história da língua e a história dos falantes envolvidos numa situação linguística e sociocultural” (Basílio, 2015, p. 103). Nesse quadro, o repertório de palavras está “à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua” (Antunes, 2012, p. 27). Para a autora, o léxico de uma língua tem papel tão importante como o estudo dos aspectos gramaticais e sintáticos. Contudo, esses últimos são mais fechados, em termos de possibilidades, que o léxico:

O léxico ao contrário, é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seu significado ou mudam, de um lugar para o outro, de um tempo para outro (Antunes, 2012, p. 29).

Desse modo, compreendemos o léxico como um movimento, capaz de ser modificado e ampliado por seus falantes. Considerando que para cada momento histórico, o falante se apropria do léxico, outrora já conhecido ou não, para o exercício do processo comunicativo. Desse modo, o falante carrega consigo as marcas identitárias e culturais através do léxico que ele utiliza para se expressar dentro da comunidade através da linguagem. Em outras palavras, podemos dizer que o léxico determina a identidade linguística de um falante ou comunidade,

pois consideramos que o vocabulário que este utiliza e a forma como constrói as sentenças de comunicação revelam, mais que a competência linguística desse indivíduo, sua competência sócio-histórica. Em outros termos, dentro deste contexto, podemos mensurar as marcas lexicais que precedem do cenário social e cultural do falante e identificar seu território linguístico. Em Antunes (2012), vemos que

Nos grupos em que atuamos ou aqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos. É a forma de pronunciar as palavras; é a curva melódica de nossas entonações; são os tipos de combinação sintática que fazemos (a ordem das palavras na sequência da sentença) e outros muitos itens, que indicam nossa procedência, que revelam a “casa” onde fazemos morada (Antunes, 2012, p. 46).

A “casa onde fazemos morada” (Antunes, 2012), segundo a autora, determina o repertório de palavras que fazem parte das escolhas lexicais de nossa preferência, ou melhor, o léxico que utilizamos indica o lugar de pertencimento. O ambiente onde estamos inseridos exerce influência sobre as práticas linguísticas, logo interfere na formação do léxico, ou seja, o léxico está envolvido diretamente com os aspectos sociais e culturais de um povo. Apesar desses aspectos criativos que marcam o componente lexical, é importante salientar que o léxico resulta da competência do falante em criar palavras, as quais resultam de processos diversos – alguns mais produtivos que outros. Este é o tópico da próxima seção.

Na seção seguinte, passaremos a falar dos processos de formação de palavras à luz de concepções teóricas diversas.

2.2.1 Processos de formação de palavras

Atualmente, estima-se que a Língua Portuguesa possui entre 200 mil a 600 mil palavras (Bizzocchi, 2013). Conforme Margarida Basílio (2004),

Quase sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar muito para pensar nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu (Basílio, 2004, p. 5).

Ou seja, não apenas temos a competência para formar palavras, como os processos envolvidos são tão automáticos que não nem nos damos conta disso. Basílio (2004) ainda

complementa chamando a atenção para o fato de que conhecer o processo de formação de palavras possibilita uma melhor compreensão do seu conteúdo significativo e com que intenção elas foram usadas num determinado contexto de comunicação, seja, por exemplo: num bate-papo entre amigos, num ofício ou até mesmo num anúncio de loja. O falante está constantemente formando novas palavras. Nesse sentido, Basílio (2004) afirma que:

Formamos palavras novas frequentemente no uso diário da língua, seja construindo termos como *verbalidade* ou *agilização*, característicos do discurso formal, seja usando formas só permitidas em situações coloquiais, tais como *deduragem*, *caretice* e muitas outras, entre as quais se incluem dezenas de diminutivos e aumentativos” (Basílio, 2004, p. 5).

Basílio, em sua obra *Teoria Lexical* (2004), reflete acerca das necessidades que motiva o falante a formar novas palavras e sobre a aceitação de determinadas combinações em oposição a outras. Segundo a autora, “na medida em que podemos formar palavras a partir de outras palavras, é forçoso reconhecer que as palavras podem ser unidades complexas, constituídas de mais de um elemento” (Basílio, 2004, p.13). Contudo, vale destacar que, para a criação de novas palavras, o falante dispõe de um aparato de regras que orientam esse processo. É sobre este aparato que tratamos na próxima seção.

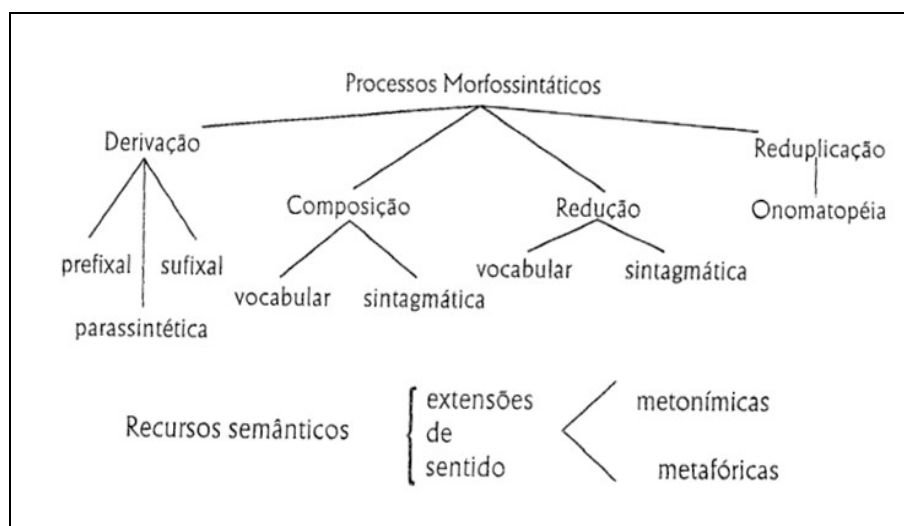
Elencamos aqui as considerações de Basílio (1997) cuja pesquisa centra-se na estrutura lexical. No artigo intitulado “O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais”, a autora contrasta dois procedimentos: regras de formação de palavras (RFP) e procedimentos, ou melhor, princípios de analogia (PA). Ela argumenta que estes últimos alcançam o que as regras podem capturar e o que a RFP não pode capturar de outros fatos que neste ponto - a nosso ver - é a fala das feirantes, com seu material heterogêneo, variável, instável, que se apresenta como campo de testes para a proposta de PA. Basílio (1997). Para a autora, empiricamente podemos analisar as palavras sobre dois pontos de vista: o primeiro é chamado de Regra de Formação de Palavras (RFP) e o segundo ponto de análise é o denominado de Princípio de Analogia (PA). Para exemplificar a autora apresenta o seguinte excerto:

Por exemplo, se dizemos que *micreiro* é formado a partir de uma regra de adição de -eiro a substantivos, do mesmo modo podemos dizer que *micreiro* foi formado por analogia ao par, digamos, *viola/violeiro*. Como podemos conceber RFPs sem a existência prévia de formas lexicalmente relacionadas, estas estariam disponíveis para formações por PA, de modo que qualquer produto de RFPs poderia também ser analisado como função analógica (Basílio, 1997, p. 10).

Basílio (1997) faz uma proposta inovadora para a análise de formações de palavras. Ao traçar um paralelo entre RFP e o PA, Basílio (1997, p.18) afirma que, empiricamente, podem parecer equivalentes já que, uma palavra formada por RFP pode ser analisada por PA, conforme mostra no exemplo em destaque acima.

Na nossa língua, de acordo com a concepção de Maria Nazaré Laroça (2003), possuímos diversos recursos de expansão lexical que são conhecidos como **processos de formação de palavras**. Esses processos envolvem a combinação de elementos já existentes na língua para formar novas palavras os quais estão destacados na Figura 1 a seguir:

Figura 1: Processos Morfossintáticos



Fonte: Laroça (2003, p.72).

Tanto Laroça (2003) quanto Basílio (2004) destacam a **derivação** e a **composição** como processos muito produtivos na formação de novas palavras. Em linhas gerais, a derivação consiste na adição de um afixo a uma base, que pode ser uma **forma livre** ou uma **forma presa**. Basílio (2004) afirma que:

O processo de derivação se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. Por exemplo, as formas retratista (retrato + ista), livreiro (livro + eiro), lavável (lava + vel), contemplação (contempla + ção), reler (re + ler) e predispor (pre + dispor) são formas derivadas: em todas verificamos a estruturação base + afixo, que se concretiza em base + sufixo (como em retratista) ou em prefixo + base (como em reler) (Basílio, 2004, p. 26).

A autora apresenta como formativos mínimos, ou morfemas, o afixo e a raiz. O afixo, quando posicionado antes da base, denomina-se **prefixo** e, quando acrescentado após a base, **sufixo**. Segundo a autora “os prefixos nunca mudam a classe da palavra a que se adicionam” (Basílio, 2004, p. 9). Para Laroca (2003), “a derivação consiste na formação de novas palavras por meio de afixos adicionados à palavra-base” (Laroca, 2003, p.72). A autora afirma que a derivação é um processo sincrônico, sendo que “o falante nativo deverá ter a habilidade de apreender os morfemas constituintes, bem como ter a consciência do acervo de afixos disponíveis e produtivos para a formação e decodificação de novas palavras” (Laroca, 2003, p.72).

Basílio (2004) ainda destaca a **derivação parassintética**. Nesse processo, temos: prefixo + radical + sufixo. Segundo a autora, esse processo “consiste na adição simultânea de prefixo a uma base para a formação de uma palavra” (Basílio, 2004, p. 43). Sendo assim,

O que caracteriza a derivação parassintética não é a presença ou ocorrência simultânea de prefixo e sufixo junto à base, mas a estrutura de formação, que exige utilização simultânea de prefixo e sufixo no processo de formação. Assim, nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética (Basílio, 2004, p. 43).

Outros recursos destacados na figura 1, “Processos Morfosintáticos”, são **os processos recursos semânticos**, nos termos das **extensões de sentido metonímica e metafórica**. Segundo Laroca (2003, p. 78), o primeiro caracteriza-se pelo emprego do nome da marca pelo produto, tais como: gilete (Gillete); bombril (Bombril). Essa mudança de categorização da palavra de substantivo próprio para comum é denominada pela autora de derivação imprópria ou derivação de conversão (Laroca, 2003). Já no segundo, a base de sustentação funda-se no sistema metafórico convencional que fundamenta a nossa linguagem. (Laroca, 2003, p. 78). Sobre esse processo a autora afirma que é um processo de expansão lexical capaz de produzir elementos que ultrapassam o nível da palavra. Laroca (2003) ressalta a importância dos estudos de Lakoff e Johnson (1980), para a compreensão da metáfora convencional. Ela afirma que:

A partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980) sabe-se que a metáfora é uma manifestação linguística de cunho cognitivo e social, em vez de mera figura de linguagem, ornamento estilístico. As metáforas da vida cotidiana são conceitos metafóricos que alimentam a linguagem de várias maneiras (Laroca, 2003, p. 78).

Para identificar a metáfora convencional, a autora cita as palavras de Dalacorte (1998,): “a teoria proposta por Lakoff e Johnson (1980) mostra que, quando uma metáfora é utilizada, o usuário ativa na sua mente o conceito metafórico que se refere ao significado que quer expressar para identificação daquela metáfora” (Laroca, 2003, p. 78).

Apresentamos alguns exemplos na Tabela 2.

Tabela 2: Tipos de Derivação⁵

PREFIXAL	SUFIXAL	PARASSINTÉTICA
Prefixo + palavra-base	Sufixo + palavra-base	Prefixo + palavra-base + sufixo
Exemplo: hipermercado, pré-pago, superfaturar.	Exemplo: besteirol, liquidante, calçadista.	Exemplo: empobrecer, entristecer, esburacar.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Entre os processos, encontramos ainda a **derivação regressiva**. Conforme Basílio (2004), este ocorre quando uma nova palavra é formada pela supressão de um elemento, ao invés de acréscimo. A autora deixa claro que não se trata de remoção de afixos, de abreviação ou de redução. Trata-se de um processo em que há a retirada de uma sequência fônica que foi “reinterpretada” como afixo, como em sarampão cuja supressão da sequência fônica “-ão” é reinterpretada como sufixo aumentativo, deu origem à palavra sarampo.

A **composição vocabular** caracteriza-se pela junção de uma base a outra, sem obrigatoriedade de elementos fixos (Basílio, 2004). Neste caso, não existem funções sintáticas ou semânticas predeterminadas, em outras palavras, cada elemento terá uma função definida pela estrutura da composição. Basílio (2004) explica que, em ocorrências como: couve-flor e peixe-espada, ambos formados pela composição substantivo + substantivo, o primeiro elemento será o núcleo e o segundo, o modificador ou especificador. A autora ainda faz referência à formação de palavras a partir da **composição em bases presas**. Para Basílio (2004), esse processo desempenha papel importante e produtivo nos estudos referentes à linguagem técnica-científica, pois ela se difere da composição em bases livres pelo fato ser o segundo termo o núcleo e o primeiro o especificador, como podemos ver na palavra *sociolinguística*, na qual *sócio-* é a base presa. Nas palavras da autora:

⁵ Tabela 2 criada a partir de Laroca, 2003.

Na composição de bases presas, característica da língua formal e tendo por objetivo a denominação na linguagem científico-tecnológica, não há espaço para a construção metafórica. As formações são sempre descritivas e eventuais distanciamentos entre o significado do todo e o das partes se devem a fatores usuais de evolução semântica, assim como a fatores de diversificação terminológica (Basílio, 2004, p. 35).

Destacamos outros processos de composição, baseados em Rocha Lima (2006) na Tabela 3. Apresentamos na Tabela 3 os processos de justaposição, aglutinação, hibridismo e onomatopeia:

Tabela 3: Outros Processos de Composição

JUSTAPOSIÇÃO	AGLUTINAÇÃO	HIBRIDISMO	ONOMATOPEIA
As palavras não sofrem alteração na grafia e na pronúncia.	Pelo menos uma das palavras sofre alteração.	As palavras são formadas pela reunião de morfemas de idiomas diferentes.	As palavras são formadas a partir da imitação de determinados sons ou ruídos.
Exemplos: Peixe - espada (peixe + espada), Pontapé (ponta + pé), Passatempo (passa + tempo)	Exemplos: Vinagre (vinho + acre), Aguardente (água+ ardente) Pernilongo (perna + longo)	Exemplos: Automóvel (auto – grego + móvel – latim) Bicicleta (bi – latim + ciclo – grego + eta – francês)	Exemplos: Cacarejar Tique-taque. Zum-zum Zinzilular (da cigarra).

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

No processo de composição de palavras por justaposição as palavras que se unem não sofrem alteração e continuam a ser faladas e escritas exatamente da mesma forma como antes da composição. Retornando ao exemplo da tabela temos: peixe – espada, nesta composição a composição é a seguinte: (peixe + espada). Segundo Rocha Lima (2006, p. 279) “os elementos de uma palavra composta podem apenas justapor-se, conservando cada qual sua integridade de forma e sua acentuação” como é o caso do vocábulo *pontapé* constituída por: (ponta + pé). Quanto os elementos de uma palavra composta por processo de composição por aglutinação seguindo as orientações de Rocha Lima (2006, p. 279) podem “aglutinar-se mais ou menos intimamente, subordinados a um acento único, perdendo-se, então, por via de regra, alguns elementos morfológicos”, como os exemplos da Tabela 3: (*vinagre* e *aguardente*). No processo de formação por hibridismo, uma palavra constitui um hibridismo quando, em sua formação, entram elementos de idiomas diferentes. Nos exemplos temos: *automóvel* (auto – grego + móvel – latim), *bicicleta* (bi – latim + ciclo – grego + eta – francês). Contudo, é importante destacar que sem uma consulta a dicionários especializados, torna-se uma tarefa difícil saber se uma palavra é híbrida ou não. Por fim, apresentamos na tabela outro processo

de formação de palavras que é a onomatopeia, esta se baseia na “reprodução imitativa, *lato sensu*, de certos ruídos” (Rocha Lima, 2006, p. 282), como vimos nos exemplos expostos na mesma tabela: zum-zum, zinzilular (da cigarra).

O processo de formação de palavras contribui para o conceito de língua heterogênea em que, na interação, as mudanças nas palavras ocorrem, isto é, a língua não é estática e tampouco imutável. Sendo assim, a língua, como vimos, não é estática. Ao contrário, ela se modifica com o passar do tempo e com o uso. Muda a forma de falar, mudam as palavras do repertório vocabular, a grafia e, muitas vezes, o significado da palavra. Nesse sentido, Ieda Alves (2004) afirma que “enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística” (Alves, 2004, p. 5). Diante desse contexto, destacamos outro processo de formação de palavras: o **neologismo**. Palavra de origem grega (*neo* = novo + *logos* = ideia de palavra + *ismo* = sufixo que forma substantivos), neologismo significa então “palavra nova”. De acordo com Cunha (1992), o termo *neologismo* foi introduzido na língua portuguesa nos séculos XVIII e o termo *neologia* ocorreu nos séculos XIX (atestado em 1858). Ao processo de criação do léxico, Alves (2004) denomina de *neologia*, enquanto ao elemento fruto desse processo, ou seja, a nova palavra, ela denomina de neologismo⁶. De certo, é a partir das necessidades do falante em expressar uma ideia, em determinado ato comunicativo, é que o indivíduo utiliza desse mecanismo. Segundo Bechara (2009):

As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se neologismos, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os arcaísmos, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados (Bechara, 2009, p. 430).

Bechara (2009) enfatiza ainda que os neologismos ou as novas criações na nossa língua portuguesa são provenientes das múltiplas experiências que temos no dia-a-dia. Para o gramático “as múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral” (Bechara, 2009, p. 430). Essa prática está, sempre, ligada à mudança, evolução, criação, novidade no léxico. Bechara (2009) traz a concepção que:

⁶ Sobre o processo de neologia e os tipos de neologismos, um estudo mais aprofundado pode ser encontrado em Alves (2004).

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua (Bechara, 2009, p. 430).

Para Alves (2004) o processo de formação de palavras por neologismo é resultante de elementos provenientes da nossa própria língua, por processos autóctones e também por itens lexicais oriundos de outros sistemas linguísticos. Alves (2004) apresenta os neologismos distribuindo-os nos seguintes tipos, expostos na Tabela 4:

Tabela 4: Tipologia de processos de neologismos segundo Alves (2004)⁷.

TIPOS DE PROCESSOS DE NEOLOGISMOS		EXEMPLOS
FONOLÓGICO	Criação onomatopaica	toc-toc
	Transformação do significante	tchurma (<turma)
	Transformação analógica	bebemorar (beber e morar)
	Transformação gráfica	xou (<show)
SINTÁTICO	Derivação prefixal	não-violentos
	Derivação sufixal	frevança
	Derivação parassintética	apalhaçar
	Sintático: composição subordinativa com bases autônomas	enredos-denúncias
	Composição coordenativa com bases autônomas	ritmico-harmônicas
	Composição com base(s) não-autônoma(s)	onico-micose
	Composição sintagmática	produção independente
	Composição por sigla ou acronímica	ERP
CONVERSÃO	Conversão	consorciados
SEMÂNTICO	Semântico	baixinho
OUTROS PROCESSOS	Truncação	euro
	Palavra-valise	brasiguaió
	Reduplicação	trança-trança
	Derivação regressiva	amassos
EMPRÉSTIMO	Estrangeirismo	<i>pole-position</i>
	Tradução	<i>gray power</i> “poder grisalho”
	Integração	turnê
	Decalque	alta tecnologia

Fonte: Elaborada pela autora (2003), a partir de Alves (2004).

⁷ Tabela criada a partir dos estudos de Alves, Ieda. Maria. Neologismo: **criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004.

De acordo com Alves (2004), na neologia fonológica ou lexical, o processo de criação acontece sem base em palavra já existente; no processo sintático, a criação é realizada com elementos já presentes na língua; e na semântica, acontece através de processos estilísticos, tais como a metáfora, metonímia, dentre outros, e significados diferentes podem ser atribuídos às palavras dando origem a novos itens lexicais. Segundo a autora, quando o indivíduo cria um neologismo, o falante tem a noção de que está inovando e originando um novo vocábulo. De certo, essa formação pode ocorrer tanto com elementos da própria língua quanto com estrangeirismos (Alves, 2004). No que diz respeito à introdução do neologismo no dicionário, Alves pontua que:

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma (Alves, 2004, p. 84).

Segundo Azeredo (2008), “a introdução, assimilação e circulação de um neologismo estão sujeitas, principalmente, a fatores históricos e socioculturais” (Azeredo, 2008, p. 400). De acordo com o autor, o falante apropria-se do emprego de neologismo para designar certa necessidade na comunidade na qual está inserido como, por exemplo, evocar um objeto, transmitir uma ideia, conceituar algo ou objeto que, por sua vez, poderá ser usado temporariamente ou ser enraizado na língua. Essa naturalização na língua dificulta identificá-lo. Nas palavras do autor:

Uma vez posta circulação (...), a forma neológica pode ser notada como tal por muitos usuários e não o ser por outros, e à medida que o seu emprego se repete e se expande, é possível que a consciência de neologia se torne cada vez menos clara. Mas também pode acontecer que a referida forma se mantenha restrita à circunstância de seu uso inaugural, e assim persista por muito tempo na condição de neologismo (Azeredo, 2008, p. 402).

A seguir discorreremos sobre alguns fenômenos de interesse da Linguística Cognitiva que podem ser favoráveis no processo de organização do conhecimento, estabelecendo relações entre a perspectiva adotada por ela e as demais abordagens linguísticas, tendo a categorização como orientação central da discussão.

2.3 Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (doravante LC), um dos paradigmas teóricos da Linguística, tem como princípio o estudo da língua na percepção do conhecimento interligado as vivências dos falantes nas relações com o mundo manifestado nas capacidades cognitivas generalizadas, nas organizações conceituais, nas proposições de categorização, nos mecanismos de processamento das informações. A LC perpassa também nas experiências culturais, sociais e individuais de cada indivíduo. Assim, o falante é visto como sujeito capaz de produzir significados em situações comunicativas concretas que interagem com interlocutores reais. Silva (1997) define a LC como:

(...) uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual (Silva, 1997, p. 59).

Baseado na definição de Silva (1997), a capacidade de significação tem papel importante no aspecto social da cognição de cada indivíduo e é relevante dizer que não existem significados acabados, mas estruturas de construção de sentidos a partir de dados contextuais simples e complexos, que resultam na integração entre diferentes domínios do conhecimento. Nessa perspectiva, os elementos da vida dos falantes constituem o produto de um trabalho imaginativo da mente humana, pela percepção de uma unidade do cérebro concomitante com a mente.

Segundo Silva (2004), “a Linguística Cognitiva reconhece explicitamente, não só que a capacidade para a linguagem se fundamenta em capacidades cognitivas gerais, como também que todas estas capacidades são culturalmente situadas e definidas” (Silva, 2004, p. 7). Assim, até mesmo os nossos gestos considerados mais ingênuos apresentam significações diferentes, pois a capacidade de compreender essas interações não está explicitamente exposta, em outras palavras, aparece por trás desses gestos. A partir dessa compreensão, podemos dizer que as frases recebem influências de tais fatores, que subordinam à estrutura conceitual para fins comunicativos quando o sentido de uma atividade estabelece relação intrínseca e colaborativa associadas às operações de projeção e domínios. Ferrari (2010) colabora também ao afirmar que o “significado de uma expressão linguística não reflete

diretamente a relação entre ‘palavra’ e ‘mundo’, mas é sempre mediado por processos inerentes à cognição humana” (Ferrari, 2010, p. 151). Apesar das diversas linhas de investigação que percorre a LC, uma característica importante é considerar como núcleo do processo o significado, conforme expomos anteriormente, outro ponto essencial a ser considerado pela LC: a reintrodução do léxico na gramática, o restabelecimento da ligação da gramática ao seu desempenho, além de despertar o interesse na construção sociocultural da linguagem e do significado. Entretanto, esclarece que o significado só tem forma quando o indivíduo faz uso de sua própria interpretação sobre o mundo que o rodeia. Para Ferrari (2011, p. 15) “a LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais”.

Quando o indivíduo envolve relativamente o corpo e a mente, numa relação de pensamento corporificado o qual acontece quando entra em contato com o mundo através dos sentidos corporais há estabelecimento de extensões de sentido, em que a sua estrutura e sua organização estão associadas à estrutura do nosso corpo.

De acordo com o supracitado acima, a Linguística Cognitiva assume que a linguagem é parte integrante da cognição e tem como fundamento os processos cognitivos, sócio interacionais e culturais. Silva (2004) afirma que

(...) a linguagem é parte integrante da cognição (e não um módulo separado) e se fundamenta em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, do processamento mental, da interação e da experiência social e cultural (Silva, 2004, p. 2).

Os princípios da LC invocam o entendimento que a probabilidade de que processos cognitivos e constituições linguísticas pertençam às categorias prototípicas e é essencial para possível análise de uma série de fenômenos voltados ao estudo da linguística cognitiva. Baseado nos trabalhos de Rosch (1975), Taylor (2008), define como acontece esse fenômeno cognitivo:

As categorias são processadas pela mente humana (aprendida, lembrada, denotada e evoluída em línguas) em termos de sua estrutura interna. As categorias de cores parecem ser representadas na cognição não como um conjunto de características criteriosas com limites claros, mas sim em termos de um protótipo (os casos mais claros, melhores exemplos) da categoria, cercado por outras cores de semelhança decrescente com o protótipo e de

grau decrescente de associação (Taylor, 2008, p. 40, *apud* Rosch, 1975b, p. 193).

Para Rosch (1975), as categorias de cores são processadas pelo cérebro humano de acordo com sua estrutura interna; elas parecem ser representadas na cognição não como um conjunto de características com padrões e limites claros, mas sim como protótipos da categoria (melhor exemplo) cercado por outras cores menos parecidas e menos parecidas com o protótipo (Taylor, 2008).

Para Taylor (2008), os estudos de Rosch possibilitou outra descoberta importante. O autor esclarece que muitas categorias não possuem limites claros. E, segundo o autor, essa descoberta foi rapidamente aplicada ao estudo do significado das palavras, alcançando resultados particularmente frutíferos no estudo da polissemia. A teoria do protótipo também pode ser aplicada ao estudo das próprias categorias linguísticas, incluindo categorias lexicais (substantivos, adjetivos, etc.), estruturas sintáticas e até mesmo categorias fonológicas (por exemplo, fonemas).

Dessa maneira, a flexibilidade dos processos que conectam cognição e linguagem se corporifica nas premissas que orientam as análises cognitivas, desencadeando-as, seguindo os postulados de Silva (2004):

- 1º - a primazia dos estudos semânticos em decorrência da própria perspectiva adotada, ou seja, se a função da linguagem é a categorização, então a significação será o fenômeno linguístico primário;
- 2º - que se a linguagem serve para categorizar o mundo, então o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não se pode postular a existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação distinto do nível de conhecimento em que está associado às formas linguísticas; e
- 3º - que se a função categorizadora da linguagem impõe estruturas e formas ao conhecimento, então este não está objetivamente refletido nela: ao invés de espelhá-lo, a linguagem é um meio de interpretá-lo, construí-lo e organizá-lo, refletindo as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e de suas culturas (Silva, 2004, p.2).

A partir das concepções de Silva (2004), os princípios expostos acima revelam também o arcabouço filosófico e epistemológico de que tratam as bases dos estudos cognitivos de Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987).

Silva (2007) nos apresenta aspectos relevantes que devem ser considerados no tratamento da linguagem, pois, segundo o autor, cada um desses princípios revela importantes fatores, conforme apresentado na Tabela 5.

Tabela 5: Tipos de saberes mobilizados na Cognição humana - baseado em Silva, 2004.

Linguística Enciclopédica e Perspectivizado	Linguística Cognitiva Experiencialista	Construções Linguísticas Interpretáveis
- entende que o significado da forma linguística é enciclopédico e perspectivizado: ele organiza o conhecimento de mundo na perspectiva da sociedade e da cultura da qual os falantes participam. Assim, linguagem é conhecimento.	II - na visão filosófica e epistemológica, a linguística cognitiva é experiencialista, ou seja, as pesquisas se darão em contextos reais de uso, olhando a língua corporificada e encarnada no sujeito que dela se utiliza para fins comunicativos e interacionais, e desta realidade não se pode desvincular.	III - compreende que a categorização do conhecimento efetuada pela linguagem reflete as experiências compartilhadas pelos indivíduos, em diferentes projeções e configurações da realidade vivenciada, das mais concretas às mais abstratas, o que permite que as construções linguísticas sejam interpretáveis e a comunicação funcione.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

A LC vista como uma subárea das Ciências Cognitivas, Lakoff e Johnson (1999, p. 568) afirmam ser “a ciência da mente e do cérebro”. Conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 496), a Linguística Cognitiva considerada como uma teoria linguística faz uso das descobertas da segunda geração das Ciências Cognitivas para “explicar tanto quanto possível a linguagem”. Contudo, é interessante frisar que a LC percorreu um longo caminho até chegar ao que temos hoje no Brasil. O uso do domínio corpo e mente são domínios que contribuem para que novos sentidos sejam constituídos. Para Ferrari (2014), na Linguística Cognitiva, “palavras não contêm significados, mas orientam a construção de sentido” (2014, p. 14). Com base nessas constatações, a utilização de dados linguísticos com essas características demonstra-se intensamente significativos e abertos às novas experiências dos falantes e de suas comunidades.

Essa corrente de estudos linguísticos surgiu ao final do século XX e se centrou no objetivo de descrever o fenômeno do funcionamento das línguas nas situações comunicativas. De acordo com a literatura vigente é possível assegurar que os primeiros estudos tenham surgidos nos EUA e em alguns países da Europa. O marco seria a publicação, em 1980, do livro “Metáforas da vida cotidiana”⁸ de George Lakoff e Mark Johnson (1980). Os seus

⁸ “Metaphors we live by”, de George Lakoff e Mark Johnson (1980). Texto original.

precursores são os linguistas norte-americanos Ronald Langacker, George Lakoff e Leonard Talmy, Charles Fillmore e o europeu Gilles Fauconnier. Esses teóricos se destacam nessa área do conhecimento, pois buscam através dela, explicação de questões relacionadas entre sintaxe e semântica, trazendo para o foco da investigação especialmente as relações entre forma e significado na teoria linguística. De acordo com Silva (2007, p. 52),

(...) não há um único fundador nem um único território claramente delimitado, mas um conglomerado de centros de investigação mais ou menos extensos espalhados pelos EUA, pela Europa e mais recentemente pela Ásia, que partilham de uma perspectiva geral comum e desenvolvem distintos programas e teorias linguísticas (ainda) não redutíveis a uma única e uniforme teoria da linguagem.

Para nível de contextualização, exatamente em agosto de 2007, foi realizada a “IV Conferência de Linguística e Cognição”. No desenvolvimento desta, fundaram a Associação Brasileira de Linguística Cognitiva, diante da coordenação de Maria Margarida Salomão, considerada uma das introdutoras nos estudos de Linguística Cognitiva no Brasil. Salomão (2007) nos alerta que o melhor caminho para que possamos entender os pressupostos que fundamentam o cognitivismo, considera importante e necessário retornarmos os saberes ponderados nas pesquisas realizadas durante o século XX, pois foram a partir destas fontes que a Linguística Cognitiva embasou seus fundamentos teóricos. Reafirma a autora ao dizer:

Rer a tradição é tarefa indispensável a todos nós que nos aventuramos pelos mares da linguística, tão volumosa e dispersiva é a produção contemporânea que se torna difícil ao navegador achar o norte. Assim, é tentador proceder como memorialista e acender nossa lanterna de popa (Salomão, 2007, p. 28).

As principais linhas de investigação em Linguística Cognitiva são: Teoria da Metáfora Conceptual, da Metonímia Conceptual e dos esquemas imagéticos, Semântica Cognitiva, Gramática Cognitiva, e Gramática de Construções, Teoria do Protótipo, Teoria dos Modelos Cognitivos e Culturais e o desenvolvimento da Linguística Cultural, Teoria da Gramaticalização, Teoria Neural da Linguagem, Semântica de *Frames*, Teoria dos Espaços Mentais, Teoria da Integração (ou Mesclagem) Conceptual, entre outras.

Embora o foco desta pesquisa esteja na descrição dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) abordamos algumas das linhas de investigação em Linguística Cognitiva. Recorremos a Teoria do Protótipo, da Teoria da Metáfora Conceptual e da Semântica de *Frames*, pois elas apresentam características estruturais da categorização linguística.

Antes de explorar, especificamente, as considerações básicas acerca da Teoria dos protótipos, os conceitos básicos do processo de **categorização** são retomados. A categorização é o processo através do qual é possível agrupar elementos semelhantes (objetos, pessoas, lugares, etc.) em classes específicas. As estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à capacidade humana de memória. Para Lakoff (1986)

“Sem a capacidade de categorizar, não poderíamos funcionar de forma alguma, seja no mundo físico ou em nossas vidas sociais e intelectuais. Uma compreensão de como categorizamos é fundamental para qualquer compreensão de como pensamos e como funcionamos e, portanto, fundamental para uma compreensão do que nos torna humanos” (Lakoff, 1986, p. 6). (Tradução nossa do original)⁹

Percebe-se que se agrupam objetos em categorias para falar do mundo, mas não se criam um número infinito de categorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações. Posto isso, Lakoff (1986) afirma que o processo de categorização é uma atividade básica da condição humana, uma vez que estamos empregando categorização em toda parte. Segundo o autor:

“Categorização não é uma questão a ser tomada de ânimo leve. Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Toda vez que vemos algo como um tipo de coisa, por exemplo, uma árvore, estamos categorizando. Sempre que raciocinamos sobre tipos de coisas - cabelos, nações, doenças, emoções, qualquer tipo de coisa - estamos empregando” (Lakoff, 1986, p. 5). (Tradução nossa do original)¹⁰.

Para Augusto Silva (1997) uma das “capacidades cognitivas fundamentais é a categorização, isto é, o processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria” (Silva, 1997, p. 66).

Segundo Lakoff (1986) “ao se mover sobre o mundo, categorizamos automaticamente pessoas, animais e objetos físicos, tanto naturais quanto artificiais”¹¹ (Lakoff, 1986, p. 6)

⁹ Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human. (Lakoff, 1986, p. 6). Texto original.

¹⁰ “Categorization is not a matter to be taken lightly. There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action, and speech. Every time we see something as a kind of thing, for example, a tree, we are categorizing. Whenever we reason about kinds of things-hairs, nations, illnesses, emotions, any kind of thing at all-we are employing categories¹⁰. (Lakoff, 1986, p. 5). Texto original.

¹¹ “[i]n moving about the world, we automatically categorize people, animals, and physical objects, both natural and man-made”. (Lakoff, 1986, p.6). Texto original.

Contudo, é importante frisar que com o advento dos avanços dos estudos da ciência cognitiva, o modo de compreensão de como categorizamos passou por transformações¹².

De acordo com Silva (1997), a LC concebe a categorização linguística no processamento de sua base nos protótipos, ou seja, ela se encaixa nos modelos com características com maior representatividade mental. Como consequência desse processo, estas categorias linguísticas apresentam uma estrutura fundamentada em protótipos.

A Tabela 6, proposta por Ferrari (2011, p. 42), apresenta a ideia do modelo de organização categorial, cujos membros compartilham alguns traços da categoria “AVE”:

Tabela 6: Traços de membros da categoria “AVE”

SABIÁ	AVESTRUZ	PINGUIM
Tem bico Tem dois pés Põe ovos Tem duas asas Tem penas Pode voar	Tem bico Tem dois pés Põe ovos Tem duas asas Tem penas	Tem bico Tem dois pés Põe ovos

Fonte: Ferrari (2011, p. 42).

Conforme se percebe, esse modelo de organização categorial apresenta como problemático para explicar membros híbridos uma vez que este não representa todas as características adequadas para encontrar a categoria. De acordo com Taylor (1995), essa ideia implica algumas considerações: (i) uma conjunção de traços necessários e suficientes é o que define a categoria, (ii) as características são binárias, (iii) as categorias apresentam limites claros e bem definidos e (iv) não há diferença de *status* entre seus membros.

Com base nessas considerações, ao representarmos o mundo que nos cerca, recorreremos a agrupamento de elementos de tudo que está em nossa volta, e conseqüentemente, agrupamos: conjunto de objetos, qualidades, profissões ou atividades em classes específicas. Relativamente esses conjuntos estão correlacionados a um determinado conjunto de objetos semelhantes, porém, não necessariamente idênticos. De certo, eles fazem parte de uma mesma categoria e esta apresenta um **modelo prototípico**, ou seja, o elemento que apresenta as características principais daquela classe. Segundo Silva (1997) a **Teoria de Protótipos** tem a sua origem na investigação psicolinguística de Eleanor Rosch na década de 70. Essa teoria nasceu na antropologia e na psicologia cognitivista, essa teoria constituiu um

¹² Para maiores esclarecimentos ver (Lakoff, 1986) e (Ferrari, 2001).

desenvolvimento teórico dentro do paradigma da LC, tendo sido assim estendida à análise lexical e semântica. O princípio norteador deste modelo apoia-se na ideia que as categorias são organizadas em torno de protótipos centrais. Em outras palavras, considera-se um elemento como membro de uma categoria não por se saber que possui um determinado atributo ou não, mas por levar em conta o quanto as dimensões desse elemento se aproximam das dimensões ideais para esse modelo. Segundo Lakoff (1986, p. 7), “Rosch observou que seus próprios estudos e de outros demonstraram que categorias, em geral, possuem os melhores exemplos (chamados de “protótipos”) e que todas as capacidades especificamente humanas que acabamos de mencionar desempenham um papel de categorização”¹³ (Lakoff, 1986, p. 7). O autor continua expondo seu ponto de vista sobre a teoria do protótipo: “A teoria do protótipo, como está evoluindo, está mudando nossa ideia da mais fundamental das capacidades humanas - a capacidade de categorizar - e com ela, nossa ideia do que o ser humano, a mente e a razão humana são semelhantes”¹⁴ (Lakoff, 1986, p. 7).

De acordo com Eysenk e Keane (1990), a Teoria de Protótipos foi proposta especificamente para apontar as falhas do ponto de vista de definição de propriedades. Para que possamos compreender melhor os princípios do modelo de protótipos, Eysenk e Keane (1990)¹⁵ apresentam os seguintes aspectos:

1. “As características têm uma estrutura baseada num protótipo;
2. Não há um conjunto delimitador de atributos necessários e suficientes para determinar a inclusão numa categoria. Embora possa haver um conjunto de atributos necessários, eles não são suficientes para a inclusão;
3. Os limites das categorias são imprecisos a ponto de alguns membros poderem pertencer a mais de uma categoria, como acontece, por exemplo, com o tomate em relação a “fruto” e “vegetal”;

¹³ “Rosch observed that studies by herself and others demonstrated that categories, in general, have best examples (called “prototypes”) and that all of the specifically human capacities just mentioned do play a role in categorization” (Lakoff, 1986, p. 7). Texto original.

¹⁴ “Prototype theory, as it is evolving, is changing our idea of the most fundamental of human capacities -the capacity to categorize - and with it, our idea of what the human mind and human reason are like” (Lakoff, 1986, p. 7). Texto original.

¹⁵ 1. Features have a prototype-based structure;

2. There is no delimiting set of necessary and sufficient attributes to determine inclusion in a category. While there may be a set of required attributes, they are not sufficient for inclusion;

3. Category boundaries are imprecise to the extent that some members may belong to more than one category, as happens, for example, with tomato in relation to “fruit” and “vegetable”;

4. The specimens of a category can be ordered in terms of the degree of typicality they possess. There is a typicality gradient between the exemplars;

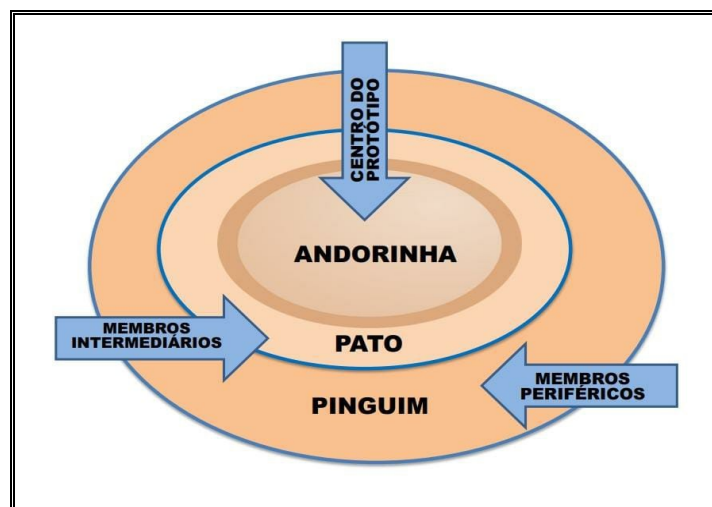
5. The classification of specimens in a category is determined by the similarity of the attributes of an object with the prototype of the category;

6. The categories are ordered, according to a hierarchy, in three levels: superordinate, basic, subordinate, for example, “fruit”, “orange” and “orange pear”. According to Rosch et al. (1978) these levels reflect the best way in which one can organize a set of categories (Eysenck e Keane, 1990, p. 235). Texto original.

4. Os exemplares de uma categoria podem ser ordenados em termos do grau de tipicidade que possuem. Existe um gradiente de tipicidade entre os exemplares;
5. A classificação dos exemplares numa categoria é determinada pela similaridade dos atributos de um objeto com o protótipo da categoria;
6. As categorias são ordenadas, segundo uma hierarquia, em três níveis: superordenados, básicos, subordinados, por exemplo, “fruta”, “laranja” e “laranja pera”. Segundo Rosch *et al.* (1978) estes níveis refletem a melhor maneira como cada um pode organizar um conjunto de categorias” (Eysenck e Keane, 1990, p. 235). (Tradução nossa do original).

Eleanor Rosch (1970), psicóloga norte-americana, também reformulou a ideia clássica de categorização, adotando a ideia de protótipo dentro da categoria. O trabalho de Rosch foi iniciado com a pesquisa das cores, denominado de estudo das cores básicas. Nesse trabalho a autora evidencia que as cores têm um foco central primário e que nossa percepção cognitiva capta o ponto mais crucial da cor, ou seja, o ponto prototípico. Isso, aplicado à noção de categorização, leva-nos à percepção de que dentro de uma mesma classe há elementos mais prototípicos, ou seja, apresentam maior número de características relacionadas à classe, e outros elementos mais periféricos, isto é, apresentam menor número de características condizentes à classe a que pertencem como vimos na representação do protótipo “ave” abaixo da Figura 2. Tomemos novamente, por exemplo, a categoria “ave”. Se levarmos em consideração o modelo prototípico ideal, pertencem a essa classe os seres que apresentam essas características como é o caso do pato, do pinguim, da andorinha, entre outros, teríamos a seguinte representação de um **protótipo**:

Figura 2: Modelo de Protótipo “AVE”



Fonte: Esquema elaborado pela autora com base em Ferrari (2011).

Retomemos o exemplo de “ave” novamente, segundo a ideia de **prototipicidade** de Rosch (1970): “ave” (tem bico, duas asas, põe ovos, tem dois pés, possui pena). Segundo a autora, dentre os elementos citados anteriormente, numa escala de mais prototípico ao periférico temos:

- Andorinha (tem bico, duas asas, põe ovos, tem dois pés, possui penas, voa), ou seja, é um **modelo prototípico de ave**;
- Pato (tem bico, duas asas, põe ovos, tem dois pés que servem de nadadeiras, possui penas, nada, voa) é um **modelo mais intermediário de ave**;
- Pinguim (tem bico, duas asas atrofiadas, põe ovos, tem dois pés, não voa), é um **modelo mais periférico da categoria ave**.

De certo, a categorização da realidade em questão não se faz por exclusão dos pontos que separam os membros de uma categoria, mas sim pelo reconhecimento dos pontos que podem aproximá-los. As categorias apresentam muitas vezes limites generalizados. Desta forma, existem categorias com exemplares mais representativos, ou seja, mais prototípicos, do que outros, os quais se dispõem pelas margens do protótipo, os membros periféricos do protótipo. Outro exemplo proposto aqui: a categoria “fruto”. Quando se faz uma investigação a respeito dos exemplos que cada indivíduo considera para fazer parte da categoria “fruto”, terão resultados com proporções diferentes, pois cada pessoa terá uma visão a respeito do elemento “fruto”. Porém, de acordo com centro do protótipo para fruto que contém certamente protótipos específicos da categoria, temos: laranja, maçã, banana, ameixa, morango, tangerina, melancia, uva; enquanto que exemplos como o milho, a azeitona, a pimenta, o pepino, a abóbora, o quiabo, a vagem, a berinjela ou tomate ficarão nas margens do protótipo, representando assim, um modelo mais periférico da categoria “fruto”. Isto se explica pelo conjunto de características que associamos à imagem mental de fruto (suculento, doce, utilizado para sucos, sobremesa, saladas associadas com outros frutos, etc.) e que estão presentes em cada exemplar de forma diferente. Quando há a inserção de um elemento dentro de uma categoria, isso significa a presença do grau de semelhança estabelecido com o protótipo. Ferrari (2010) pontua que

A Teoria dos Protótipos prevê que as categorias se organizam, de modo geral, em torno de um núcleo prototípico. Embora o protótipo se caracterize por possuir todos os traços definidores de uma determinada categoria, membros que apresentam um número menor de traços definidores também podem ser incluídos (Ferrari, 2010, p. 152).

Para Pereira (2002) um protótipo representa uma predisposição para um modelo central ou um conjunto de elementos relativamente variáveis representativos de uma categoria. Os elementos são percebidos como mais prototípicos quando sustentam um maior número dos fatores característicos daquela categoria. Ferrari (2016) citando Wittgenstein (1979) diz que “a metáfora das semelhanças familiares destaca que os membros de uma categoria apresentam as mesmas relações de semelhança observadas entre os membros de uma família” (Wittgenstein, (1979) *apud* Ferrari, 2016, p. 33).

Com base nos princípios dessa teoria, além de levar em conta a questão prototípica e periférica dentro de uma mesma classe, o contexto também deve ser levado em consideração. Como preconiza a LC, uma ideia experiencialista e de mente corporificada, a partir das experiências psicológicas e sensoriais motoras vivenciadas por cada indivíduo com o mundo podemos construir e também inferir sentidos na e através da linguagem.

Outra teoria importante da LC é a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) que, segundo Silva e Leite (2015), surgiu há 35 anos a partir de estudos de George Lakoff e Mark Johnson (1980), publicados intitulados de “Metáforas da vida cotidiana”¹⁶. Para Lakoff e Johnson (2002), a metáfora pode ser compreendida como apenas um recurso estilístico ou até mesmo de desempenho para fazer comparações, mas “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (Lakoff e Johnson, 2002, p. 45). Em outras palavras, a metáfora conceptual parte do princípio de que forma as experiências dos indivíduos são explicadas no uso comum da linguagem. Nesse sentido, o entendimento de mundo que cada indivíduo tem, passa a ser vinculado à concepção da metáfora, no sentido de que a maioria dos conceitos fundamentais do nosso dia-a-dia, como por exemplo: a ideia de tempo, de quantidade, de estado e de ação; os conceitos emocionais, como ódio e amor, são compreendidos pela metáfora. Para Lakoff e Johnson, as metáforas “expressam as maneiras de se compreender experiências, dão origem às nossas vidas... (e) são necessárias para dar sentido ao que acontece em torno de nós”¹⁷ (Lakoff e Johnson, 1980, p. 185-186). Baseados nessas evidências, a LC considera a metáfora conceptual de fundamental importância na compreensão do mundo e da cultura uma vez que esta estrutura o pensamento.

Para que haja o entendimento das expressões metafóricas é necessário buscar as similaridades entre os termos comparados sendo que para cada pensamento metafórico, é possível identificar um **domínio-fonte** e um **domínio-alvo**. Almeida (2010) entende que as

¹⁶ Metaphors We Live By. (Silva e Leite, 2015, p.1). Texto original.

¹⁷ “Express the ways of understanding experiences; they give rise to our lives... [and] are necessary to make sense of what happens around us” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 185-186). Texto original.

“expressões linguísticas metafóricas são o reflexo visível de um mecanismo cognitivo que consiste em estabelecer uma vinculação conceitual entre domínios distintos.” (Almeida *et al.*, 2010, p. 34). Quanto aos domínios Lakoff (1987) afirma que

(...) o domínio-fonte é estruturado por um modelo proposicional ou uma imagem esquemática. O mapeamento é tipicamente parcial; mapeia a estrutura do domínio-fonte para uma estrutura correspondente no domínio-alvo. Os domínios fonte e alvo são representados estruturalmente por esquemas de contentores, e o mapeamento é representado por um esquema de fonte-caminho-meta¹⁸ (Lakoff, 1987, p. 288). Tradução nossa do original.

Segundo Lakoff e Turner (1989), a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos.

Como dissemos a formulação do pensamento metafórico resulta-se do mapeamento ou correspondência entre os domínios: domínio-fonte (A) e domínio-alvo (B) e são decorrentes da correlação estrutural entre ambos. Quanto à direcionalidade entre esses domínios, estes tomarão sempre a direção de $A \rightarrow B$, por considerar A (domínio - fonte), ou seja, aquele que é considerado o mais concreto e tem a capacidade de prover o conhecimento organizado da experiência do indivíduo. Kövecses (2005, p. 4-8) descreve os onze elementos dessa geração. São eles:

Tabela 7: Elementos da geração do pensamento metafórico.

<p>1. domínio fonte – concreto, físico, sempre coativado com um determinado domínio alvo, por exemplo, CALOR; 2. Domínio alvo – abstrato, fluido, sempre coativado com um determinado domínio fonte, por exemplo, AFEIÇÃO; 3. Base na experiência – a experiência corpórea alicerça a seleção de um domínio fonte em relação a um domínio-alvo, por exemplo, AFEIÇÃO corresponde-se com CALOR corpóreo; 4. Estruturas neuronais correspondentes – a experiência recorrente de base Corpórea resulta em determinadas conexões neuronais, por exemplo, sempre quando a área do cérebro que corresponde ao sentimento AFEIÇÃO é ativada, a área que corresponde ao CALOR também o é. Trata-se, portanto, de coativação e recorrência entre dois domínios; 5. Relação entre domínio fonte e domínio alvo – essas relações mostram que um domínio fonte pode se ligar a diferentes domínios alvo, sendo também verdadeiro o inverso, por exemplo, domínio fonte VIAGEM, domínios alvo VIDA, AMOR. Esses domínios licenciam as</p>
--

¹⁸ (...) the source domain is structured by a propositional model or a schematic image. The mapping is typically partial; maps the structure in the source domain to a corresponding structure in the target domain. The source and target domains are structurally represented by container schemes, and the mapping is represented by a source-path-goal scheme (Lakoff, 1987, p. 288). Texto original.

metáforas: A VIDA É UMA VIAGEM e O AMOR É UMA VIAGEM; 6. Expressões linguísticas metafóricas resultam da interligação de dois domínios – expressões como “começar a vida”, “terminar a vida”, “ter uma vida toda pela frente” resultam do mapeamento entre o domínio-fonte VIAGEM e do domínio alvo VIDA; 7. Mapeamentos - são correspondências conceptuais básicas e essenciais entre domínios-fonte e alvo para a geração de metáforas. Tomemos o exemplo da metáfora O AMOR É UMA VIAGEM. Os mapeamentos ou as correspondências entre os domínios VIAGEM e AMOR são: Viajantes → amantes; Veículo → a relação amorosa; Destino → o propósito da relação; Distância percorrida → o progresso alcançado na relação; e Obstáculos do caminho → dificuldades encontradas na relação; 8. Acarretamento – os mapeamentos entre os domínios-fonte e alvo sempre mapeiam ideias que vão além das correspondências básicas. Esses mapeamentos adicionais são denominados acarretamentos ou inferências; 9. Mescla – a junção de um domínio fonte a um domínio alvo resulta no processo cognitivo denominado mescla, ou seja, nessa etapa novos elementos são adicionados tanto ao domínio fonte quanto ao domínio alvo, resultando em novo enquadre conceptual; 10. Metáforas conceptuais também podem ser realizadas de forma não-verbal; 11. Metáforas conceptuais sempre produzem modelos culturais que atuam no pensamento.

Fonte: Kövecses (2005 p. 4-8).

Com base nas sequências de componentes apresentados por Kövecses (2005), podemos identificar as expressões em seus contextos de uso e entender sua ideia metafórica. Silva corrobora ao dizer que as “metáforas conceptuais desempenham, pois, um papel crucial na conceptualização de muitos domínios. Elas constituem uma *maneira de pensar (...)*” (Silva, 1997, p. 75).

Com os estudos da LC, a percepção humana torna-se a condição sem a qual não poderá acontecer para a construção do significado, que passa a ser compreendida numa visão perspectivista, em outras palavras, o indivíduo fica livre para criar sua própria percepção de mundo dependendo de processos que sucedem na interação corpo-ambiente-mente e da qual essa interação resultam conteúdos mentais. Ferrari (2011, p. 14), acrescenta que “a Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é compreendido e experienciado”.

Sobre Teoria dos Modelos Cognitivos e Culturais (MCIs) trataremos com especificidades na próxima seção por ser um dos conceitos basilares e essenciais da nossa pesquisa.

2.3.1. Modelos Cognitivos Idealizados (MCI): a relação entre língua e domínios de conhecimento

Para compreendermos o conceito de Modelos Cognitivos Idealizados, precisamos considerar alguns princípios da Linguística Cognitiva, vertente teórica da Linguística que

parte do pressuposto de que a linguagem humana também é como um instrumento cognitivo e assim como outras capacidades cognitivas (imaginação, sistema sensorio motor, pensamento, raciocínio lógico, etc.) funcionam integradas. Dessa forma, a estruturação das línguas humanas passa pela relação direta com estrutura sociocultural das comunidades humanas e que todo o nosso conhecimento, inclusive o linguístico é armazenado e projetado entre domínios de conhecimento armazenados na memória (Silva, 1997).

Nesse contexto, Neusa Salim Miranda (1999) afirma que esses domínios de conhecimento são de dois tipos: **domínios estáveis** e **domínios locais**. Os primeiros são estruturas de memória pessoal ou social (esquemas e *frames*) que alimentam os últimos (espaços mentais) que são constituídos nas interações em processo. Os **Modelos Cognitivos Idealizados** (MCIs), segundo Miranda (1999) são identificados como *domínios estáveis*. Para a autora, os MCIs:

São conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Têm esses conhecimentos papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária (Salomão, 1998, *apud* Miranda, 1999, p. 83).

Lakoff (1987), em sua obra “Mulheres, fogo e coisas perigosas” (1987)¹⁹, discorre sobre os modelos cognitivos idealizados e apresenta o seguinte conceito “cada MCI é um todo de estruturas complexas, uma *Gestalt*, que usa quatro tipos de princípios estruturantes: mapeamentos proposicionais, imagético-esquemáticos, metafóricos e metonímicos”²⁰ (Lakoff, 1987, p. 68). Nessa mesma perspectiva, Macedo (2008), a partir do conceito de corporificação, completa afirmando que os MCIs se constituem como “uma forma de representação situada que emerge a partir da interação do sujeito cognoscente com o mundo, e porque incluem aspectos imaginativos da cognição” (Lakoff, 1987, *apud* Macedo, 2008, p. 34). Para Lakoff (1987), cada modelo cognitivo idealizado representa uma estrutura complexa, constituída por estrutura proposicional com base em Fillmore na Semântica de *Frames*, estrutura imagético-esquemática, seguido pelos embasamentos teóricos de Langacker, mapeamentos metafóricos metonímicos embasados por Lakoff em parceria de Johnson.

¹⁹ *Women, fire, and dangerous things* (1987). Texto original.

²⁰ “MCI’s: “Each ICM is a complex structures whole, a gestals, which uses four kinds of structuring principles: propositional, image-schematic, metaphoric and metonymic mappings” (Lakoff, 1987, p. 68). Texto original.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a natureza dos corpos interage com o ambiente e impõe uma estrutura à experiência, assim as experiências recorrentes levam à formação de categorias, que são *gestalts* experienciais. Essas *gestalts*, então, fornecem coerência à experiência. Lakoff (1987) define uma *gestalt* a forma como compreendemos os **Modelos Cognitivos Idealizados** – MCIs²¹. Segundo o autor, estamos a todo o momento realizando experiências de *gestalt* de acordo com a focalização que damos às experiências. Sendo assim, o termo *gestalt*, ora apresentado pela psicolinguística, tem uma proposição específica nos estudos da LC. Os MCIs que construímos seriam resultados dessas *gestalts* realizadas por nós.

De acordo com Alan Cienki (2007), “a noção de Modelos Cognitivos Idealizados foi precedida de uma exploração teórica da aplicação das *Gestalts* na linguística, nomeadamente numa nova abordagem apelidada de “linguística experiencial”²² (Cienki, 2007, p. 175).

Dessa maneira a partir dessas impressões, segundo Cienk (2007), é possível através da análise de uma *gestalt*, realizarmos diferentes inferências. As noções de experiência e de *gestalt* comportam diversas modalidades, sejam linguísticas, corpóreas etc., pois, a linguagem, a cultura e a cognição caminham juntas no processo de produção de sentido. Para o autor a “abordagem da *Gestalt* apóia a visão que a gramática não depende de regras absolutas, mas envolve padrões flexíveis e noções como similaridade parcial, ou mapeamento parcial para um padrão”²³ (Cienk, 2007, p. 176).

Como Lakoff (1987) e Cienk (2007) nos sugerem, as *Gestalts* são processos globais e possíveis de serem analisados. Não se trata de nuclearmos, portanto, as experiências para compreendê-las, mas sim, devemos inferir possíveis pontos de vista, bem como entender a existência de outros pontos de vista distintos do indivíduo. Esse processo nos auxilia na formação de **Modelos Cognitivos Idealizados** representativos para as concepções culturais.

Para exemplificar o conceito de MCI, tomemos a categoria conceitual *humano* apresentado por Carmo e Mota (2020):

²¹ MCIs são “construtos idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e praticamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana” (Feltes, 2007, p. 89).

²² “the notion of Idealized Cognitive Models was preceded by a theoretical exploration of the application of Gestalts in linguistics, namely in a new approach dubbed “experiential linguistics” (Cienki, 2007, p. 175). Texto original.

²³ “Gestalt approach supports the view that grammar does not rely on absolute rules, but rather involves flexible patterns and notions like partial similarity, or partial mapping to a pattern” (Cienk, 2007, p. 176). Texto original.

(...) essa categoria organiza-se em um MCI, funcionando como *background* a cada instanciamento de um item lexical que o compõe. Dentro dos MCI, cabem todas as nuances. No MCI de humano cabe tanto a sua perspectiva biológica (animal, mamífero, primata) quanto a mais social (pessoa bondosa em oposição ao que é divino). Além dessas categorias mais “naturais”, o MCI enquadra práticas sociais e políticas. Aqui podemos pensar no MCI que ordena o trabalho dentro de uma sociedade de classes, ou naquele MCI que ordena as funções de homens e mulheres dentro de uma dada comunidade social (Carmo e Mota, 2020, p. 224).

De acordo com Lakoff (1987) para que haja uma efetiva categorização do mundo, o sujeito tem que se submeter ao MCI, pois este responde por sistematizar os sentidos provocados pelas interlocuções interacionais. Nesse sentido, pensamento e linguagem se relacionam para produção de conhecimento. Lakoff (1987) entende que “as categorias conceituais humanas têm propriedades que são, pelo menos em parte, determinadas pela natureza corporal das pessoas que as categorizam”²⁴ (Lakoff, 1987, p. 371).

No caso desta pesquisa, entendemos que as práticas linguísticas utilizadas no espaço dinâmico da feira livre, não só acionam como constituem e ampliam um **Modelo Cognitivo Idealizado da feira livre**, haja vista as ações, ou seja, as *Gestalts* realizadas em seus limites. Cienk (2007) sintetiza ao dizer que “a sintaxe de uma linguagem é estruturada por numerosas Gestalts sobrepostas, cujo conhecimento orienta os falantes (ou escritores, ou sinalizadores) em sua produção de linguagem e orienta os destinatários em sua compreensão”²⁵ (Cienk, 2007, 176). O autor continua e afirma que:

Os ICMs são propostos como uma forma de organizar o conhecimento, não como um reflexo direto de um estado de coisas objetivas no mundo, mas de acordo com certas estruturas cognitivas principais. Os modelos são idealizados, na medida em que envolvem uma abstração, através processos perceptivos e conceituais, desde as complexidades do mundo físico”²⁶ (Cienk, 2007, 176). (Tradução nossa do original).

Abordaremos na próxima seção, um breve arcabouço teórico sobre a temática da pesquisa: feira livre.

²⁴ “human conceptual categories have properties that are, at least in part, determined by the bodily nature of the people doing the categorizing rather than solely by the properties of the category members” (Lakoff, 1987, p. 371). Texto original.

²⁵ “the syntax of a language is structured by numerous overlapping Gestalts, the knowledge of which guides speakers (or writers, or signers) in their production of language and guides addressees in their comprehension” (Cienk, 2007, 176). Texto original.

²⁶ “ICMs are proposed as a way in which we organize knowledge, not as a direct reflection of an objective state of affairs in the world, but according to certain cognitive structuring principles. The models are idealized, in that they involve an abstraction, through perceptual and conceptual processes, from the complexities of the physical world” (Cienk, 2007, 176). Texto original.

2.4. Feira Livre: Breve histórico

A feira como dizemos na introdução desta pesquisa é um espaço dinâmico que tem um papel fundamental na vida econômica de uma determinada comunidade. Caracterizada por um tipo de mercado popular que comercializa periodicamente produtos dos mais variados. Doralice Sátyro Maia (2006) afirma que:

Em todo o território brasileiro as feiras aconteciam como manifestação da atividade comercial, em que pequenos agricultores vendiam os produtos por eles cultivados ou pequenos comerciantes revendiam algumas mercadorias de necessidade imediata (Maia, 2006, p. 5).

A feira abastece a população que reside na cidade e também a população circunvizinha do município. Também pode ser compreendida como um espaço de tradição popular, de convivência social e cultural, onde os indivíduos desenvolvem atividades paralelas, tais como: encontro com os amigos, apresentações artísticas e culturais, ritualísticas diversas. Em outras palavras, neste local transita inúmeras possibilidades. Geovany Pachelly Galdino Dantas (2007) considera a feira como espaço das diversas relações e sentidos ao afirmar que:

(...) Como centros populares destinados ao abastecimento da população local [as feiras] (...) são também o lugar onde se dá um grande número de atividades paralelas, o lugar de encontros e reencontros, das conversas, das manifestações populares, da sociabilidade em todas as suas dimensões, e um espaço onde as pessoas realizam diversas estratégias de sobrevivência, [além de ser] o local onde o capital comercial exerce domínio (Dantas, 2007, p. 18).

Maia (2006), declara a feira como um espaço de movimento. Nas palavras da autora “o dia da feira é (...) o dia de pôr as conversas em dia, de discutir política, de comprar, de vender, enfim é o dia de movimento na cidade” (2006, p. 9). Neste sentido, entendemos que ir à feira pressupõe uma prática social porque as interlocuções de diversas ordens acontecem a todo o momento. Assim, compreendemos a feira como um “laboratório de possibilidades” para o estudo que se propõe esta pesquisa, pois a consideramos como espaço sócio-histórico-cultural possível de investigar as unidades lexicais, plenas de significados, manifestadas no vocabulário utilizado nas práticas linguísticas e extralinguísticas realizadas neste espaço.

Para Rute Vieira (2004), a feira reflete “uma rugosidade capaz de resistir ao processo globalizante não apenas por se opor às modernizações, mas também por absorvê-las, em

parte, e readaptá-las a partir da criatividade popular” (Vieira, 2004, p. 1). Mesmo diante de um cenário mercantilista atual, cercado por grandes supermercados nos quais são comercializados praticamente todos os produtos que normalmente são encontrados facilmente nela, a feira continua sendo esse universo multifacetado que atrai pessoas para seu universo.

Já José Alexandre Felizola Diniz (1987) difere de Vieira (2004) ao defender que as feiras livres são “essencialmente, lugares de compra e venda de produtos variados, destacando-se, hoje, bens industrializados, ao lado de produtos agrícolas tradicionais” (Diniz, 1987, p. 72). Por outro lado, Gilmar Mascarenhas (2005, p. 6) afirma que a feira “é dotada [a denominação “feira-livre”] em todo o Brasil para designar as feiras semanais de caráter interurbano (de âmbito praticamente restrito ao bairro)”.

Em Maia (2006) podemos encontrar, ainda, em poucas palavras, o significado de feira livre assumido nesta pesquisa:

(...) Além da função comercial, [as feiras] ainda exercem o papel de local de encontro e de lazer para a população. Nelas tudo se vende: alimentos — produzidos na região e aqueles vindos de outras mais longínquas —, roupas [...], utensílios domésticos, plásticos, louças, instrumentos para a atividade rural como depósitos para leite, arreios, chapéus, botas, chicotes etc. Para os que vivem nessas cidades, é o dia de abastecer a casa; para os comerciantes, é um dia em que se vende mais e para muitos moradores e trabalhadores do campo é dia de ir à cidade, seja para vender seus produtos, para comprar os necessários, mas também para ir ao médico, resolver negócios e também colocar a conversa em dia. Dia de feira é dia de mercado, mas também de encontro (Maia, 2006, p. 8).

Ao observar a feira livre sob a ótica de um retrato, este reflete a marca de um povo que acolhe uma cultura carregada de identidade e que possui um significativo referencial da criatividade e da cultura popular em suas origens. A feira, nesse contexto, ganha forma de espaço de cultura, pois as relações entre as pessoas que vendem seus produtos (os feirantes) com os compradores (pessoas que circulam pela feira) fortalecem e desenvolvem atividades de diversas dimensões culturais e nessa interrelação entre feirantes e fregueses — expressão utilizada para referendar aos clientes; tudo isso contribui para esse processo. Feira nesse sentido designa a expressão de cultura popular. Segundo Dalenogare e Alberti (2011), a feira é um espaço privilegiado de educação popular e de produção cultural. Nestes espaços, os feirantes são capazes de produzir atividades do dia a dia em diferentes saberes do trabalho. A feira representa movimento que transforma uma simples ação de comprar e vender em cultura popular.

Como podemos constatar, nos dias atuais, nas feiras livres continuam presentes todos esses aspectos da cultura popular, tais como a oralidade, espacialidade, artesanato e festa. Conforme Moraes e Araújo (2006),

Nesses espaços das conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, erguesse uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos (Moraes e Araújo, 2006, p. 267).

Todas essas atividades realizadas na feira, conversas, encontros, transgressões, compra e venda estabelecem práticas linguísticas únicas, definidas no limite de uma comunidade de fala que não só atravessou o tempo, dada a sua origem na Idade Média (Pirenne, 1965), como também resistiu na manutenção de práticas muito próprias. Em cada lugar onde ocorre, apresenta seus traços básicos e incorpora aspectos dos contextos sócio espaciais onde estão postas.

A seguir, apresentamos a Feira Livre de Teixeira de Freitas/BA, a fim de contextualizar o espaço situacional da pesquisa.

2.4.1 A Feira Livre de Teixeira de Freitas/BA

O Centro Municipal de Abastecimento de Teixeira de Freitas/BA, mais conhecido como “Mercadão”, localizado no centro da cidade, é considerado um dos locais mais tradicionais e populares da cidade de Teixeira de Freitas. Formada por vários boxes e 97 barracas padronizadas de alvenaria no total, atendem os 100 feirantes²⁷, conforme dados oficiais do site da Prefeitura Municipal do município, que trabalham diariamente vendendo produtos alimentícios, vestuários, dentre outros. A área coberta compõe um galpão feito por uma estrutura pré-moldada, cobrindo toda a área destinada a comercialização de peixaria²⁸ (Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, 2021).

²⁷ Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/prefeitura-de-teixeira-de-freitas-inicia-mais-uma-obra-no-mercadao-saiba-detalhes/>

²⁸ Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/secretaria-de-infraestrutura-segure-com-construcao-de-boxes-no-mercado-municipal/>

A Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, recentemente, por meio da Secretaria de Administração, instalou pontos de acesso ao *Wi-Fi* gratuitos no Mercado Municipal. Marcelo Mattos²⁹ (2022), até então, o secretário de Administração do município, destaca a importância da internet para o acesso à informação ao afirmar que:

Uma conexão de internet com qualidade permite que os cidadãos acompanhem, de forma instantânea, os debates e transformações que ocorrem no meio virtual. Além disso, torna possível a comunicação entre teixeirenses e gestão pública através das redes sociais (Mattos, 2022).

As Figuras 3 e 4³⁰, abaixo, mostram os espaços atuais da feira do Mercado. À esquerda, temos barracas na parte externa ao galpão e à direita, temos barracas distribuídas no interior do galpão estruturado em ferro. Ressaltamos que recentemente houve reforma no espaço destinado a peixaria. (Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas – PMTF, 2023) Segundo a PMTF (2023), a prefeitura tem investido no Mercado Municipal.³¹

(...) além da construção de boxes para a exposição de produtos, ocorreu também à instalação das redes de drenagem, de esgoto e pavimentação. O investimento no local garante aos feirantes que trabalham diariamente no Mercado a possibilidade de trabalhar em uma estrutura adequada e de qualidade, além de muito mais conforto também aos clientes no espaço — que é um dos mais tradicionais da cidade (Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, 2023).

Figuras 3 e 4: Imagem externa e interna do Mercado.



Fonte: Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas, Wesley Morau (2022).

²⁹ Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/prefeitura-instala-pontos-de-wi-fi-gratuitos-no-mercadao-e-distritos-da-cidade/>

³⁰ Mercado Municipal de Teixeira de Freitas (Foto: Wesley Morau).

³¹ Disponível em <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/inauguracao-da-peixaria-do-mercado-municipal-ocorreu-na-ultima-segunda-03/>

Cabe lembrar que o “Mercadão” iniciou suas atividades por volta do ano de 1960, aproximadamente. Nos relatos de Rocha (2020) sua construção foi autorizada pela Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas em 1987.

Segundo Santos e Alves (2010) “quanto a inauguração do Centro de Abastecimento, não encontramos nenhum documento oficial, mas o senhor Clemente Pinheiro Costa de 68 anos, feirante há 31 anos, afirmou ter ocorrido no mês de janeiro de 1989” (Santos e Alves, 2010, p. 54).

Nessa época a feira era conhecida popularmente como “Feira da Pausoeira”. Nos relatos das informantes da pesquisa, a feira recebeu esse nome em razão das barracas serem construídas com pedaços de madeira (pau) e/ou a alocação das mercadorias para a venda ficarem expostas em cima de tábuas.

Na Figura 5, temos a imagem do Centro de Abastecimento Municipal fotografada no ano de 1988 (Rocha, 2020)³².

Figura 5: Centro de Abastecimento – parte externa e interna (1988)³³.



Fonte: Daniel Rocha da Silva (2020).

A construção do Centro de Abastecimento consolidou o fortalecimento do espaço territorial enquanto cidade recém-emancipada, reafirmando assim, a comercialização. Como

³² Feira da Pausoeira. Ano desconhecido. Fonte: Júnior Guimarães de Pádua. Disponível no Museu Virtual de Teixeira de Freitas. Disponível: <https://www.tirabanha.com.br/2020/01/25/teixeira-de-freitas-1988-uma-historia-do-mercadao/>

³³ Construção do Centro de Abastecimento. 1988. MR. Disponível: <https://www.tirabanha.com.br/2020/01/25/teixeira-de-freitas-1988-uma-historia-do-mercadao/>

todo espaço tem sua história e memória, a produção desse local é fruto do processo relacional homem-espaço.

Para Santos (1988), “a produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais” (Santos, 1988, p. 22). O Mercado também tem uma trajetória composta por fatos interessantes. Segundo Daniel Rocha da Silva (2020)³⁴, a instalação da feira aconteceu em razão dos feirantes da época ficarem contrariados em estabelecerem-se no local destinado ao funcionamento do mercado municipal, arquitetado na administração do então prefeito de Alcobaça/BA, Amazias Barreto de Moraes, em 1968.

Esse espaço destinado a feira livre ficou conhecido informalmente pelos feirantes como mencionado anteriormente, como “Feira da Pausoeira”.

De acordo com a informante da pesquisa 01 (MAR) em seu relato na entrevista fica evidente a presença dessa informação:

Excerto 1:

- ☞ (bpubdl05)³⁵ *DEI: [8] Mas/ a senhora fica aqui tem muito tempo que a senhora já tá aqui, né? //
- ☞ (bpubdl05) *DEI: [9] Muito tempo?/
- ☞ (bpubdl06) *MAR: [10] Aqui?// Quando abriu o mercado//
- ☞ (bpubdl05) *DEI: [11] É mesmo?//
- ☞ (bpubdl01) *MAR: [12] É/ Porque nós trabalhava na Pausueira ali/ É, é/
- ☞ (bpubdl05) *DEI: [13] Pausueira?//
- ☞ (bpubdl01) *MAR: [14] Tinha um lugar chamado Pausueira/ é/, é/ tinha um negócio de ‘tiosquide’ de talba,/ de pau /de madeira/nera? Ali/
- ☞ (bpubdl05) *DEI: [15] Ahh/...Humm...//
- ☞ (bpubdl01) *MAR: [16] Tinha um porque nós trabalhamos/ era só negócio de tiosquide e tal, né?//
- ☞ (bpubdl05) *DEI: [17] Ah//.
- ☞ (bpubdl01) *MAR: [18] Nós tinha um do lado de baixo/ (...)/Aí quando eh// abriu aqui/ muita gente invadiu/, quebrou/, mas essa parte nós não tem/ Que meu marido não quebrou/ Ai veio o fiscal/, deu nós aqui/ aqui comecei a trabalhar // (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 01 MAR, 2023).

³⁴ Ver <https://www.tirabanha.com.br/2020/01/25/teixeira-de-freitas-1988-uma-historia-do-mercadao/>

³⁵ Ver *corpus* C-ORAL BRASIL. A sigla “bpubdl01” informa a língua (b = português brasileiro), o contexto (fam = familiar/privado, pub = público), a tipologia interacional (cv = conversação, dl = diálogo, mn = monólogo) e o número do texto em seguida. Depois do asterisco, há as iniciais dos falantes, seguido de um número entre colchetes, que indica o número do enunciado. Os colchetes angulares indicam sobreposição de fala. As barras simples indicam quebras prosódicas não terminais e as barras duplas indicam quebras prosódicas terminais. As anotações após as quebras prosódicas indicam a sigla das unidades informacionais. (Raso; Mello, 2012). Nos excertos as siglas “bpubdl05” e “bpubdl06” referem-se as pesquisadoras que realizaram as entrevistas em campo.

Na Figura 6 podemos analisar a presença das barracas de madeira na Feira da “Pausoeira”³⁶.

Figura 6: Feira da *Pausoeira* (ano desconhecido).



Fonte: Rocha, 2020.

Nos dados da informante 03 MBOL podemos também constatar informações a respeito da Pausoeira.

Excerto 2:

☞ (bpubdl03) *MBOL: [8] Nome de quê? //

☞ (bpubdl06) *LUA: [8] Do Mercado Municipal/, sempre foi nesse ponto aqui que a senhora teve?//

☞ (bpubdl03) *MBOL: [8] Não./ Nós começou na Pausoeira/, tinha que carregar pau nas costas/, botar lá embaixo na igreja/ lá no Buraquinho/, chovendo/, carregando banca pra lá e pra cá/. Ai/ depois que/ eh/ fizeram a barraquinha de pau pra mim/, era tampada de pau //

☞ (bpubdl05) *DEI: [8] Por que Pausoeira? //

☞ (bpubdl03) *MBOL: [8] É pau/. Só tinha pau aqui/ Não tinha barraca assim./ É barraca de pau/ Só tinha pau aqui/ Não tinha barraca/, é pau/ (...)// (Trecho extraído do corpus de estudo, informante 03 MBOL, 2023).

Atualmente, o Mercado está localizado na Rua Marechal Eurico Gaspar Dutra, nº 1, no Bairro Wilson Brito, município de Teixeira de Freitas/BA. Vale salientar que, a cidade de Teixeira de Freitas³⁷, está localizada no Extremo Sul da Bahia, a 884 quilômetros da capital Salvador. Desenvolveu-se às margens da BR 101. A rodovia BR 101 tem relevância no

³⁶ Foto: Junior Guimarães de Pádua. Feira da Pausoeira. Ano desconhecido. Disponível no Museu Virtual de Teixeira de Freitas. Consultado em 02 de fevereiro de 2023.

³⁷ Ver mais sobre a História da cidade de Teixeira de Freitas-BA em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/teixeira-de-freitas/historico>

desenvolvimento da cidade e do comércio porque facilita o acesso das cidades circunvizinhas que se destinam a feira. Nesse contexto, o Mercado historicamente se tornou um ponto de encontro para as atividades de comércio na microrregião. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2022), Teixeira de Freitas possui uma população residente estimada de 145.216³⁸ residentes, considerada então, a maior cidade da sua Região Geográfica Imediata e a oitava maior do estado da Bahia. Nesse sentido a região ganha destaque por estar em um lugar privilegiado sendo referência no comércio local e circunvizinho.

Além da região sede a cidade também é constituída pelos seguintes distritos: Cachoeira do Mato, Duque de Caxias Jardim Novo, Santo Antônio e Vila Marinha. O município recebe pessoas de várias regiões circunvizinhas, tais como: Alcobaça, Caravelas, Ibirapuã, Itamaraju, Itanhém, Lajedão, Medeiro Neto, Mucuri, Pedro Canário, Prado e Vereda que vem à procura de serviços de diversas especificidades ofertados no município teixeirense. Essas inter-relações fortalecem o comércio local e faz de Teixeira de Freitas/BA um grande polo comercial do extremo sul da Bahia. Vale ressaltar que os municípios vizinhos são frequentadores assíduos do Mercado. Destacamos que a feira do Mercado em relação aos demais municípios está situada num lugar estratégico em observância a BAs, fato que facilita o acesso destes municípios ao comércio local.³⁹

A palavra **feira**, no sentido figurado, significa “grande desordem”; “balbúrdia⁴⁰”. Aqui, ousamos dizer que a feira do Centro de Abastecimento de Teixeira de Freitas/BA teve *balbúrdia* no histórico de sua formação. Afirmamos isso, devido à situação confusa, compreendida como bagunça, desorganização e dos conflitos gerados pela informalidade das relações, que se estabeleceu no processo de sua formação. Contudo, mesmo diante dessa estruturação de autoafirmação por um espaço, conquistado com persistência e força de trabalho, compreendemos a feira como um fenômeno urbano complexo, rico de cultura e peculiaridades. Espaço este que definimos como campo de pesquisa deste estudo.

³⁸ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/teixeira-de-freitas.html>

³⁹ Ver <https://via101.com.br/rodovia-ba-290>

⁴⁰ “Feira”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/FEIRA> [consultado em 14-02-2023].

3 PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

“Tudo aquilo que não pode ser prontamente processado, analisado e sistematizado pela mente humana provoca desconforto” (Tarallo, 1986, p. 5).

Considerando os limites do *corpus* de estudo, essa pesquisa levanta a seguinte pergunta: Quais são os itens lexicais que constituem o campo do trabalho da feira livre de Teixeira de Freitas Bahia, tendo em vista as práticas linguísticas realizadas nesse espaço de cruzamento? Partindo então desta problemática, esta pesquisa tem como objetivo geral discutir como o Modelo Cognitivo Idealizado Feira Livre (MCI Feira Livre) é estabelecido, tendo em vista os itens lexicais evocados por falantes que trabalham na feira livre de Teixeira de Freitas/BA. Para realizar essa tarefa, cumpre o seguinte percurso: (1) identifica os itens lexicais e/ou possíveis neologismos em práticas linguísticas da feira livre; (2) estabelece os limites no MCI Feira Livre, considerando atividades realizadas por seus trabalhadores – ou seja, os feirantes; e, por fim, (3) problematiza a divisão do trabalho da feira livre, tendo em vista a categoria extralinguística “classe social”, considerando o MCI Feira Livre.

Para a construção do caminho teórico-metodológica desta investigação, reunimos postulados da Linguística de *Corpus* (Berber Sardinha, 2004), “Teoria da língua em ato”⁴¹ (Cresti, 2000; Raso, 2012), da Sociolinguística (Tarallo, 1986). Antes, cabem algumas observações, a fim de situar a natureza desta investigação que, do ponto de vista do tipo de pesquisa, agrega aspectos qualitativos e quantitativos; do método, segue os fundamentos da linha indutiva; da técnica, segue a abordagem empírica nos termos da pesquisa de campo. Para tanto, tomamos a obra “Fundamentos de metodologia científica” (2003) de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi.

3.1. Tipo, método e técnica de pesquisa

Dentro do meio científico-acadêmico, entende-se por pesquisa como uma atividade que, obrigatoriamente, devemos realizar para a produção, desenvolvimento e descoberta do conhecimento. Isso envolve não apenas a descoberta de um fenômeno novo, quanto à solução para problemas ou respostas para perguntas específicas (Mussi *et al.*, 2009). Em todos esses

⁴¹ *Language into Act Theory (LAcT)*. (Cresti, 2000; Raso, 2012).

casos, a pesquisa envolve um rigor na escolha da metodologia a ser seguida, não apenas para levar a cabo a investigação do fenômeno/objeto/dado da realidade investigado, como também essa metodologia precisa ser replicável, haja vista o questionamento dos resultados ou a possibilidade de seu uso em outros casos (Marconi e Lakatos, 2003).

Do ponto de vista do tipo, esta pesquisa agrega aspectos qualitativos e quantitativos, dada a natureza do fenômeno estudado, advindo de dados linguísticos: o léxico. Conforme Mussi *et al.* (2009), citando Jones (2007, p.298), a abordagem qualitativa visa “compreender o significado de uma experiência dos participantes, em um ambiente específico, bem como o modo como os componentes se mesclam para formar o todo”, ao passo que na abordagem quantitativa a ênfase recai na análise, examinando separadamente os componentes. No caso dessa proposta de pesquisa, os informantes serão abordados em seu contexto de trabalho (a feira livre), sendo assim será observada a relação objetiva entre práticas linguísticas e as marcas sociais destes. Por outro lado, os dados mensurados serão contabilizados dentro do universo da amostra desses dados linguísticos coletados.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), o método indutivo parte da observação de dados particulares objetivamente percebidos pela comunidade. A partir desses dados busca-se estabelecer inferências “não contida nas partes examinadas”, tendo em vista “conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que os das premissas nas quais se basearam” (Marconi e Lakatos, 2003, p. 86). Com base nesse princípio, as autoras pontuam três etapas para a realização desse tipo de método:

- a) **observação dos fenômenos** - nessa etapa observamos os fatos ou fenômenos e os analisamos, com a finalidade de descobrir as causas de sua manifestação;
- b) **descoberta da relação entre eles** - na segunda etapa procuramos por intermédio da comparação, aproximar os fatos ou fenômenos, com a finalidade de descobrir a relação constante existente entre eles;
- c) **generalização da relação** - nessa última etapa generalizamos a relação encontrada na precedente, entre os fenômenos e fatos semelhantes, muitos dos quais ainda não observamos (e muitos inclusive inobserváveis) (Marconi e Lakatos, 2003, p. 86-87). Grifos nossos.

Em outras palavras, considerando os dados dessa pesquisa que são de natureza linguística, iremos à campo observar o fenômeno a ser investigado (léxico) nos limites de seu espaço de ocorrência (feira livre), haja vista suas causas. Em seguida, buscaremos descobrir a relação entre o fenômeno e seu espaço de ocorrência, considerando operações aproximativas e comparativas nos dados em observação. Por fim, procederemos à generalização ou hipótese

da relação percebida, considerando o espaço de investigação. Como pretendemos partir do fenômeno para o estabelecimento das generalizações ou hipóteses, como técnica de pesquisa caminharemos pela modalidade empírica da pesquisa de campo que, em linhas gerais, podemos dizer que configura uma técnica que serve para recolher informações acerca de um dado fenômeno, haja vista a busca de uma resposta, o estabelecimento de uma hipótese ou “esbarrar” em um novo fenômeno. Nos termos de Marconi e Lakatos (2003):

Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. A pesquisa de campo propriamente dita “não deve ser confundida com a simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 186).

Dessa maneira, entendemos que esta pesquisa cumprirá os parâmetros da técnica da pesquisa de campo ao buscar coletar dados empíricos do fenômeno em foco (o léxico), em seu contexto de ocorrência (a feira livre). Como não temos informação acerca de pesquisas que tratem tal fenômeno numa perspectiva de análise linguística, essa pesquisa tem caráter exploratório-descritivo, dado seu objetivo geral: discutir como o MCI Feira Livre é estabelecido, tendo em vista os itens lexicais evocados por falantes que trabalham na feira livre de Teixeira de Freitas/BA.

A seguir apresentamos o aparato teórico-metodológico desta pesquisa. Todos estão marcados pelo caráter indutivo de pesquisa, bem como permitem a análise qualitativa e quantitativa dos dados, como também permitem que esses dados sejam coletados em campo.

3.2 Postulados teórico-metodológicos da Linguística

Uma vez apresentadas na seção anterior às características desta investigação, nesta apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que se enquadram dentro desse desenho, quais sejam: a Linguística de *Corpus* (Berber Sardinha, 2004), *Language into Act Theory* (Cresti, 2000; Raso, 2012) e a Sociolinguística (Tarallo, 1986).

A seguir, na próxima seção, trataremos dos fundamentos desses arcabouços teóricos.

3.2.1 Linguística de Corpus

A Linguística de *Corpus* neste estudo destaca-se como uma metodologia que permite o tratamento de um número imenso de dados linguísticos (dezenas, centenas, milhares), pois parte de dois princípios fundamentais: a pesquisa com linguagem natural (falada ou escrita) e o uso do computador. Caracterizada pelo método indutivo, a Linguística de *Corpus* permite análises quantitativa e qualitativa dos dados.

Para melhor definição, recortamos o trabalho precursor de Tony Berber Sardinha (2004) quando diz que a Linguística de *Corpus*:

ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (Sardinha, 2004, p. 325).

Entretanto, esses dados não são simplesmente “manipulados” no computador. Esses precisam ser tratados rigorosamente nos termos da compilação de um “*corpus*” e processados em uma “ferramenta” computacional que permita essa manipulação nos termos de buscas, agrupamentos, contagem, etc.

Para explicitar a noção de *corpus*, termo utilizado em diversas áreas, Sardinha (2004) utiliza a definição estabelecida por Sanchez (1995):

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (Sanchez, 1995, p. 8-9, *apud* Sardinha, 2004, p. 338).

Entretanto, Sardinha (2004) adverte que um *corpus* deve ser compilado com objetivos específicos. Dessa forma, o autor deve informar que ao fazer isso é preciso considerar: (1) modo - falado ou escrito; (2) tempo - sincrônico, contemporâneo e histórico; (3) seleção - amostragem, monitor, dinâmico, orgânico, estático e equilibrado; (4) conteúdo - especializado, regional ou dialetal e multilíngue; (5) finalidade - de estudo, de referência, de

treinamento ou teste; (6) disposição interna - paralelo ou alinhado (Sardinha, 2004, p. 339-341).

Considerando, os objetivos desta investigação, na Tabela 8, especificamos as características do *corpus* de estudo:

Tabela 8: Critérios de compilação do *corpus*

CORPUS DE ESTUDO		
Modo	Falado	Porções de falas espontâneas transcritas.
Tempo	Contemporâneo	Ano 2023.
Seleção	Amostragem	Variedade linguística informal.
Conteúdo	Regional ou Dialetal	Variedade linguística coletada em uma feira livre de Teixeira de Freitas/BA.
Finalidade	Estudo	Descrever o corpus compilado para este estudo.

Fonte: Autoria própria (2023).

Como podemos observar o *corpus* de estudo constitui-se por marcas de traços não só de variação diatópica, já que está limitado a variedade linguística produzida em Teixeira de Freitas/BA, como também está assinalado pela variação diafásica, já que recorta o registro informal de fala, e diastrática, haja vista o lugar onde as práticas linguísticas serão coletadas: a feira livre.

3.2.1.1 Ferramenta computacional para análise do corpus: o *AntConc*.

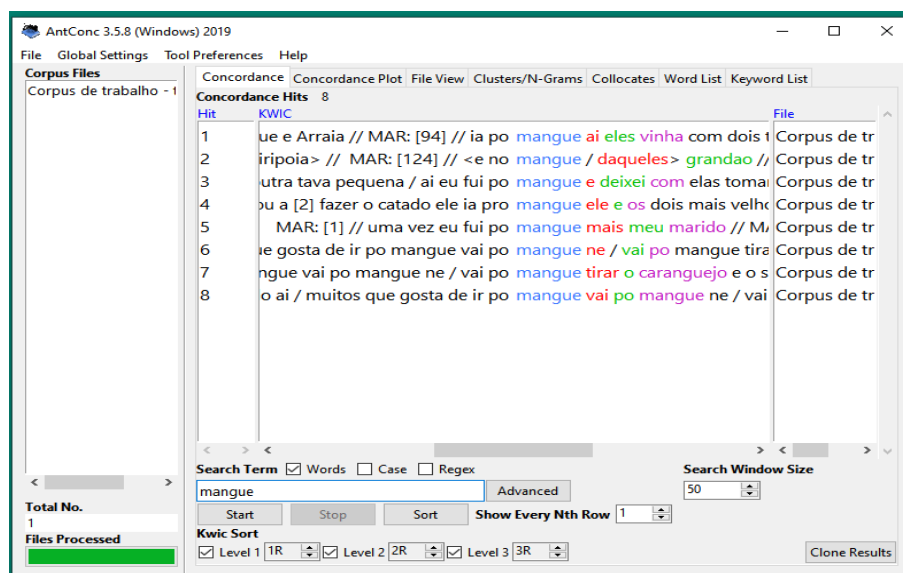
Como ferramenta computacional, esta pesquisa utilizará o *AntConc* (Anthony, 2020), pois, além de estar disponível gratuitamente na internet, permite operações no *corpus* como: lista de palavras, concordância, gráfico de concordância, visualização de arquivos, colocações e lista de palavras-chave. O *AntConc* é um programa escrito em *Perl* 5.8 utilizando o editor de texto *ActiveState Komodo*, permite realizar as principais técnicas de linguística de *corpus* e roda em qualquer ambiente tais como: Windows, bem como em *Macintosh OSX* e *Linux*. Entretanto, para que o *corpus* seja “rodado” no *AntConc*, esta precisa obrigatoriamente estar em arquivo *txt* que é o formato mais simples para guardar arquivos. *Softwares* do tipo Bloco

de Notas, *Notepad++*, *TextMate*, *Word* dos editores de texto podem salvar seu arquivo neste formato.

O gráfico de concordância (*Concordance*) gera linhas de concordância de um determinado termo a partir dos textos analisados pelo pesquisador, em outras palavras, representado por um gráfico, com características semelhantes a um “código de barras”, mostra a distribuição, no arquivo em questão, do termo selecionado pesquisado.

Para efeitos de demonstração, na Figura 7, apresentamos a interface do *AntConc*, bem como a demonstração das linhas de concordância, na qual temos a palavra “mangue” destacada em azul, por meio da função *Concordance*:

Figura 7: Demonstração da ferramenta *Concordance*.



Fonte: (Carmo e Mota, 2022, p. 7410).

Conforme a demonstração na Figura 7 acima, podemos ver em torno do termo destacado que temos o contexto sintático de sua ocorrência.

3.2.2 *Language into Act Theory e o conceito de fala espontânea*

Esta pesquisa parte de dados da modalidade falada para compilar o seu *corpus* de estudo. Para tanto, adota uma visão de fala oriunda da *Language into Act Theory* (LAcT), esta tem extensão nos pressupostos da Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962), que, por sua vez, utiliza *corpora* de fala espontânea. Conforme Cresti (2000), uma de suas proponentes, a LAcT é uma teoria pragmática *corpus-driven*, ou seja, parte da observação dos dados para

eventuais generalizações ou descrições de padrões linguísticos. Como observa dados de fala espontânea, utiliza um critério semiortográfico para a transcrição dos textos orais, baseado em sua perspectiva do que seja fala espontânea. Conforme Crysna Bonjardim da Silva Carmo (2017, p. 45), a LAcT “é uma teoria pragmática, pois entende a fala como resultado da atividade comunicativa do falante, ou seja, como uma forma de ação” e recorta como objeto de investigação a “*fala espontânea*, ou seja, aquela que é executada ao mesmo tempo em que é planejada” (Nencioni, 1983, *apud* Carmo, 2017, p. 45).

Alessandra Emanuelle Macieira Silva (2017), por sua vez, compreende que a fala espontânea transita por um percurso de “fluxo de fala natural e não programado”, em outras palavras, o discurso acontece de maneira natural pelo falante. A autora acrescenta que:

O fato de estar relacionado ao discurso natural e não planejado previamente, possibilita que através do estudo da fala espontânea seja possível analisar outras variações linguísticas: a alteração de acordo com o contexto comunicativo em que o falante está inserido (diafásica) e a variação de acordo com o estrato social e nível cultural do falante (diatrática) (Silva, 2017, p. 7).

Contudo, Raso (2012) assinala que para que haja uma análise da fala se faz necessário levar em consideração os “níveis hierárquicos definidos na expressão comunicativa da fala” (Raso, 2012, p. 92). Para o autor:

Esse tipo de análise pressupõe, portanto: i. que primeiro seja individualizada a unidade ilocucionária; ii. que dentro dessa unidade seja individualizada a sua estrutura informacional; e iii. que somente dentro da unidade informacional seja possível uma análise sintática (Raso, 2012, p. 92).

Entretanto, diferente de outras teorias sobre o estudo da modalidade falada, a LAcT parte do princípio de que a fala espontânea se estrutura a partir do comportamento da *prosódia* – “a camada suprasegmental da fala que engloba tudo o que se encontra acima do nível segmental (fones)” (Carmo, 2017, p. 45). Em outras palavras, além de “envolver” o signo linguístico, a prosódia através da variação de seu comportamento, conforme a referida autora, estrutura a fala nos termos de sua estrutura informacional. Para tanto, deve-se considerar as “quebras” que percebemos enquanto falamos, pois elas são de duas naturezas: “quando a quebra apresenta valor conclusivo, denomina-se de **quebra prosódica terminal**, ao passo que, quando não apresenta valor conclusivo, recebe o nome de **quebra prosódica não terminal**” (Carmo, 2017, p. 49). Apresentamos uma demonstração, para exemplificar as

ocorrências das quebras prosódicas em enunciados retirados de um *corpus* de fala espontânea do C- ORAL BRASIL (Raso; Mello, 2012): Exemplo:

☞ (bfamd110) *HEL: como se aquela pessoa que tá atendendo ali é que tinha que resolver o problema / porque ela que fez o negócio estragar / entendeu // ⁴²

Nesse exemplo, observamos que no enunciado apresenta uma quebra prosódica terminal. De acordo com Carmo (2017, p. 49), “todo enunciado apresenta obrigatoriamente uma quebra prosódica terminal”. Essas quebras prosódicas são as que irão determinar a unidade de referência da fala espontânea, segundo a LAcT, ou seja: o *enunciado*, “a menor unidade linguística que possui autonomia pragmática e interpretabilidade em isolamento” (Carmo, 2017, p. 46). Carmo (2017) ressalta que essa visão se difere das outras abordagens teóricas conhecidas, já que essas tomam o turno conversacional, a sentença ou a cláusula como unidades. Contudo, vale ressaltar que o termo “quebras prosódicas” foi adaptado para o termo “fronteiras prosódicas” pela *Language Into Act Theory*, em artigo intitulado “Detecção automática de fronteiras prosódicas entre unidades entonacionais” (2020) escrito por Bárbara Teixeira, Tommaso Raso e Plínio Barbosa.

Conforme Raso *et al* (2007, p. 149), o “enunciado, por sua vez, pode ser simples – executado em uma única unidade – ou pode ser complexo, isto é, executado em mais unidades”. Vejamos os exemplos apresentados pelos autores Tommaso Raso, Heliana Mello, Andréa Ulisses Jesus, Luciano Alves de Deus:

1. João me ligou ontem//. O enunciado [...] é executado em uma única unidade tonal, correspondente, portanto, a uma unidade informacional de comentário, necessária e suficiente para veicular a força ilocucionária. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte: A: Recebeu alguma notícia dos amigos que estão na praia? B: João me ligou ontem.
2. João / me ligou ontem//. Nesse exemplo, o enunciado (...) seria executado através de duas unidades tonais, uma de tópico e uma de comentário. Um possível contexto em que essa execução seria apropriada é o seguinte: A: Você tem notícias do João? B: João / me ligou ontem (Raso *et al* (2007, p. 150).

⁴² A prosódia apresenta dois tipos de quebras: a barra dupla marca as *quebras terminais* (“//” na transcrição) e a barra simples *quebras não-terminais* (“/” na transcrição). (Raso *et al*, 2007).

Nesse sentido os autores decidiram adotar unidades entonacionais percebidas como conclusivas ou não-conclusivas, e postularam a existência de uma distinção clara entre fronteiras terminais e não terminais.

De acordo com Raso *et al* (2020) as fronteiras prosódicas desempenham um papel importante na estruturação da fala e na interpretação do discurso, ajudando os ouvintes a segmentar a fala em unidades significativas e facilitando a compreensão da mensagem.

3.2.3 Sociolinguística e os parâmetros de recorte da amostra

Esta pesquisa estabelece sua pergunta de pesquisa dentro do campo de trabalho da feira livre, mais especificamente, dentro das práticas linguísticas produzidas nesse contexto de interação. Dessa forma, seu universo de investigação é a variação diastrática (social). Portanto, sustenta-se na seguinte afirmação de Labov (2008): “o objetivo da pesquisa sociolinguística na comunidade deve ser: descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (Labov, 2008, p. 244). Tânia Alkmim (2001) acrescenta ainda que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (Alkmim, 2001, p. 31). Nesse contexto, a postura do pesquisador deve ser a mais discreta possível na conduta da coleta dos dados e registro destes, pois qualquer atitude impensada poderá comprometer os dados coletados. Entretanto, é preciso que o pesquisador tenha contato com os participantes antes da coleta de dados (Tarallo, 1986). A gravação tem papel fundamental sendo o instrumento primordial para a coleta de dados, junto aos participantes da pesquisa. Dessa forma ressaltamos que esta seja realizada de forma direta, ou seja, o participante produzindo a língua falada em contextos reais de uso (Tarallo, 1986; Labov, 2008).

Uma vez realizada a coleta de dados, a pesquisa cumpriu os seguintes passos, haja vista as orientações estabelecidas por Fernando Tarallo (1986) e os parâmetros exigidos para a compilação do *corpus* de estudo por Sardinha (2004), quais sejam: (1º) seleção do(s) informante(s), considerando o universo da amostra (urbano: feira livre) e o tamanho e a estratificação da amostra (quantidade, homem e/ou mulher, jovem ou velho, etc.); (2º) descrição do **envelope de variação**, ou seja, identificação da **variável** observada (itens lexicais) e a identificação dos contextos de ocorrência dessa variável (campo do trabalho da feira livre); (3º) compilação do *corpus* para manipulação em ferramenta computacional; (4º)

observação do comportamento da variável observada no *corpus*; (5º) levantamento de questões e hipóteses relativas à variável, haja vista o contexto de sua realização (campo de trabalho da feira livre); (6º) análise qualitativa e quantitativa dos resultados encontrados.

Por se tratar de uma pesquisa de campo com envolvimento direto de pessoas, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética, o qual foram observados e cumpridos todos os trâmites legais. Disto isso, de posse das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por parte dos sujeitos da pesquisa, as entrevistas foram iniciadas.

4. ESTUDO DA CRIAÇÃO LEXICAL NA FALA ESPONTÂNEA DE FEIRANTES DO MERCADÃO DE TEIXEIRA DE FREITAS/BA: ANÁLISE DE DADOS

“(...) o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações de uso” (Alkmim, 2006, p. 31).

Com já destacado, esta pesquisa tem como proposição fundamental discutir como o Modelo Cognitivo Idealizado Feira Livre (MCI Feira Livre) é estabelecido, tendo em vista os itens lexicais evocados por falantes que trabalham na feira livre de Teixeira de Freitas/BA. Para tanto, parte do seguinte questionamento: quais são os itens lexicais que constituem o campo de trabalho da feira livre de Teixeira de Freitas, Bahia, tendo em vista as práticas linguísticas realizadas nesse espaço de cruzamento? Para responder este questionamento, iniciamos apresentando o perfil sociolinguístico dos sujeitos da pesquisa.

4.1. Perfil sociolinguístico dos sujeitos da pesquisa

Para realizar esta pesquisa, o **grupo social** selecionado foi o de mulheres que trabalham no Mercado Municipal de Teixeira de Freitas - BA. Ou seja, o grupo social das “feirantes do Mercadão”. Dada à natureza exploratória deste estudo e a modalidade da língua (fala espontânea), delimitou-se o número de 04 informantes, cujos dados sociolinguísticos estão discriminados nas Tabelas 9, 10, 11 e 12⁴³ abaixo:

Tabela 9: Metadados do participante 01 (MAR)

Metadados do participante 01 (MAR)	
Origem	Itagibá – BA
Idade	92 anos D.N: 23/09/1931
Escolaridade	Católica
Religião	1ª série do fundamental I (antiga cartilha)
Ocupação	Feirante
Outras informações relevantes	- viúva de um feirante; - mãe de 08 filhos; - mora em Teixeira de Freitas – BA; - começou a trabalhar há mais de 20 anos de idade na feira, mas sempre acompanhou o marido feirante; - trabalha no ramo da goma; - tem um box dentro do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas/BA; - trabalha com PIX e cartão de crédito/ débito, mas não sabe manuseá-los.

Fonte: Autoria própria (2023)

⁴³ Os dados sociolinguísticos discriminados nas tabelas 9, 10, 11 e 12 foram extraídos dos a partir das gravações de cada informante.

Tabela 10: Metadados da participante 02 (BEN)

Metadados da participante 02 (BEN)	
Origem	Medeiros Neto – BA
Idade	52 anos D.N: 13/01/1971
Escolaridade	1ª série do fundamental I (antigo MOBRAL)
Religião	Espírita
Ocupação	Feirante
Outras informações relevantes	<ul style="list-style-type: none"> - trabalha na feira desde os 7 anos de idade com o pai que vendia peixe; - sabe escrever seu próprio nome; - dona de um centro de umbanda, considera-se mãe de terreiro; - casada; - é identificada com “a mulher que faz tarrafas”; - mãe de 11 filhos; - mora em Teixeira de Freitas – BA; - começou a trabalhar aos 12 anos de idade; - trabalha no ramo da pimenta, legumes, hortaliças e verduras; - Trabalha com PIX e cartão de crédito/ débito, mas não sabe manuseá-los; - tem uma barraca na parte externa do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas/ BA.

Fonte: Autoria própria (2023)

Tabela 11: Metadados do participante 03 (MBOL)

Metadados do participante 03 (MBOL)	
Origem	Machacalis – MG
Idade	70 anos D.N: 15/02/1953
Escolaridade	5ª/6º ano do Fundamental II
Religião	Católica
Ocupação	Feirante
Outras informações relevantes	<ul style="list-style-type: none"> - filha de agricultor, oriunda de uma família de 12 irmãos; - morou na roça por 27 anos; - viúva; - mãe de 03 filhos; - mora em Teixeira de Freitas – BA; - começou a trabalhar desde a infância fazendo a pára (mandioca seca pisada no pilão); - é identificada como “Maria das Bolas”; - trabalha com PIX e cartão de crédito/ débito, mas não sabe manuseá-los; - trabalha há mais de 43 anos na feira; - trabalha no ramo da pimenta e temperos diversos feitos pela própria feirante; - tem uma barraca na parte externa do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas/ BA.

Fonte: Autoria própria (2023)

Tabela 12: Metadados do participante 04 (OLE)

Metadados do participante 04 (OLE)	
Origem	Aguas Formosas – MG (Criada na Bahia)
Idade	73 anos D.N: 13/01/1951
Escolaridade	1ª série do fundamental I (Cartilha) ABC
Religião	Católica
Ocupação	Feirante
Outras informações relevantes	<ul style="list-style-type: none"> - veio da zona rural para a cidade casada; - sabe escrever seu próprio nome e ler pouco (resolve a questão do troco perfeitamente); - estudou na época da palmatória (“bolos” nas mãos com vara de pau); - era filha de uma família de agricultor composta de 13 irmãos, criados na enxada; - lavava roupa pra fora (lavadora de roupa à mão) e (lisava) passava ferro de brasa; - mãe de 11 filhos (sendo 07 vivos); - empregou (dois cruzeiros para investir na comercialização de farinha na feira em 1975) para ajudar o marido; - trabalha com PIX e cartão de crédito/ débito, mas não sabe manuseá-los; - mora em Teixeira de Freitas – BA desde a década de 70; - começou a estudar aos 05 anos de idade nas escolas do campo; - trabalha no ramo da farinha, biscoito, puba, tapioca, milho, feijão, goma; secos e molhados; - tem uma barraca na parte externa do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas/ BA.

Fonte: Autoria própria (2023)

Tarallo (1986 p. 27) diz que “o critério básico para a seleção de informantes será o da amostragem aleatória”. Contudo, quando saímos a campo, diante da paisagem sociolinguística múltipla e, considerando os objetivos da pesquisa, definimos compor uma amostra representativa, a partir dos seguintes critérios: mulheres trabalhadoras da feira, acima de 50 anos, que cursaram até o ensino fundamental e que possuem relações significativas na comunidade em questão, haja vista o fato de serem moradoras da cidade e por trabalharem no Mercado há pelo menos 20 anos. Para efeitos de ilustração, apresentamos a seguir, o contexto de uma das informantes no qual conseguimos visualizar o recorte sociolinguístico deste estudo:

Excerto 3:

☛ (bpubdl05) *DEI: [54] e como é como foi sua vida sua infância / a senhora estudou / alguma coisa assim //

☛ (bpubdl01) *MAR: [55] nada / eu estudei só no tempo do meu pai/ só estudei cartilha / primeiro livro / quando eu passei no primeiro livro era assim / nós morava em roça / não tinha professor / esse professor veio dum lugar longe / chegou lá / tinha aquelas cama de cavalete (hhh) / ele caiu na cama / foi embora tratar / lá ele morreu e nós parou o estudo / era difícil demais / moça //

☛ (bpubdl05) *DEI: [56] nossa //

☛ (bpubdl06) *LUA: [57] em roça / né //

☞ (bpubdl05) *DEI: [58] Mas a senhora aprendeu assim alguma letra / escrever //

☞ (bpubdl01) *MAR: [59] Não / não/ Eu ainda faço meu nome / ruim / ruim/ mas faço/ E pra somar alguma coisinha / um desconto / qualquer coisa//

☞ (bpubdl05) *DEI: [60] mas / como a senhora consegue vender //

☞ (bpubdl01) *MAR: [61] ai eu vendo tudo da minha cabeça / (hhh) //

☞ (bpubdl05) *DEI: [62] é //

☞ (bpubdl01) *MAR: [63] eu vendo tudo na minha cabeça / tudo da minha cabeça //

☞ (bpubdl06) *LUA: [64] o dinheiro / o troco / né / os valores //

☞ (bpubdl01) *MAR: [65] não / graças a Deus / não dá erro com nada / eu trabalho a muitos ano / menina / quando abriu esse mercado / aí / já tem mais de trinta anos / não tem não // (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 01 MAR, 2023).

Os sujeitos da pesquisa, conforme Tabelas 9, 10, 11 e 12 acima, encontram-se entre os 50 e 92 anos. Embora duas (02 informantes 03 e 04) tenham nascido em Minas Gerais, todas cresceram, trabalham e vivem em Teixeira de Freitas - BA, onde desenvolvem a atividade de feirante há mais de duas décadas. Destacamos que elas apresentam características semelhantes em relação à feira, ou seja, todas afirmam que a feira é um lugar de agregar e de conquistar a fonte de renda principal para sustento de suas famílias.

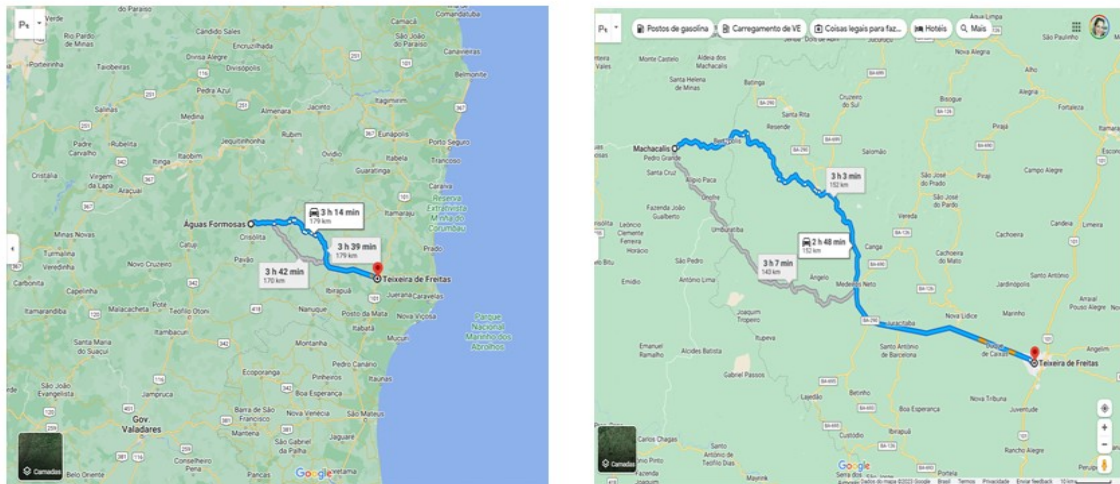
Nas Figuras 8 e 9, a seguir, temos a distância, Machacalis (MG), que fica a 152 km de Teixeira de Freitas (BA) e Águas Formosas (MG), que fica a 117.72 km. As informantes 03 e 04 são oriundas destas cidades. Ambas as cidades, observadas a partir da BA-290, distam, mais ou menos, 3 horas 14 minutos ou 179 km da cidade de Teixeira de Freitas (BA) onde elas residem atualmente e trabalham.

Nesse sentido, as informantes destacam a cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, como local de possibilidade de sobrevivência e afirmam que a feira do Mercado abriu espaço para o trabalho para a subsistência. Para as informantes o trabalho diário as fortalecem na superação dos desafios do labor a cada nova feira, mostrando-nos a essência de mulheres fortes obstinadas pelo trabalho e que, por meio deste, empreende transformações silenciosas no espaço, economia e cultura da região local.

Ao observar as Figuras 8 e 9, podemos notar a trajetória percorrida dessas mulheres feirantes até chegarem à cidade porto, Teixeira de Freitas, Bahia. A ausência de uma estrutura empresarial formal neste contexto proporciona um ambiente propício para a emergência de um paradigma de vida alternativo. Este ambiente possibilita que mulheres feirantes exerçam a gestão de pequenos empreendimentos, evidenciando sua capacidade empreendedora. Esta dinâmica é acompanhada por um sentimento de autorrealização e

elevação da autoestima, decorrente da obtenção de subsistência através do próprio trabalho. Adicionalmente, tais mulheres encontram-se alinhadas com os processos de globalização e as transformações sociais, econômicas e urbanas em curso, demonstrando sua adaptabilidade às dinâmicas contemporâneas.

Figuras 8 e 9: Distâncias de Águas Formosas (MG) e Machacalis (MG) em relação a Teixeira de Freitas-BA. ⁴⁴



Retomando as palavras de Sanchez (1995, *apud* Berber Sardinha, 2000) *corpus* “é um conjunto de dados linguísticos [...] sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos”. Diante do objetivo principal deste estudo, qual seja: analisar os processos de formação e os aspectos extralinguísticos envolvidos na criação lexical do campo de trabalho das feirantes do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas – BA, tendo em vista os limites do MCI Feira Livre, o *corpus* compilado é classificado como de amostragem, pois é constituído como uma porção de linguagem falada; apresenta tamanho finito, recortado dentro do ano de 2023. Quanto ao conteúdo, é de natureza dialetal, pois busca captar fenômenos da **diastratia linguística**, ou seja, mostrar traços de identidade dos falantes e de sua comunidade de fala, enviesados por fatores pessoais como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e nível socioeconômico.

⁴⁴ <https://www.google.com/maps/dir/%C3%81guas+Formosas,+MG,+39880-000/teixeira+de+freitas/@-17.2902516,->

Quanto aos números brutos, o *corpus* de estudo resulta da compilação dos dados extraídos de 04 gravações feitas a partir de entrevistas realizadas em contexto informal e público de trabalho das feirantes. Cada gravação contém: informante 01 (**MAR**), 07 minutos; no qual compilados na íntegra seu universo, a informante 02 (**BEN**), 45 minutos e 20 segundos, destes fizemos um recorte de 22 minutos e 22 segundos; informante 03 (**MBOL**) 19 minutos e 07 segundos, com o recorte, compilamos 11 minutos e 07 segundos e a informante 04 (**OLE**), 15 minutos e 52 segundos, recortamos para este estudo, 06 minutos e 02 segundos – ao todo temos 1 hora, 27 minutos e 19 segundos do *corpus* de estudo, destes; compilados um total de 46 minutos e 31 segundos. Vale destacar que as gravações foram captadas por gravador de áudio Zoom H6 Portátil. Este gravador portátil possui um sistema de microfone intercambiável. Conta com uma interface de áudio USB e vem com módulos de microfone XY. Acrescenta-se, ainda, que, para captação dos dados, o microfone de lapela (sem fio omnidirecional VHF Saramonic SR-WM4C, *wireless* com sistema VHF) oferece uma boa qualidade para gravações de áudio de longa distância até 60 metros de distância sem obstáculo. Em termos de tamanho total, o *corpus* possui:

Tabela 13: Números do *Corpus* de estudo por informante.

DADOS OBTIDOS					
	01 (MAR)	02 (BEN)	03 (MBOL)	(04 OLE)	TOTAL
Enunciados	77	43	43	102	265
Número de palavras (tokens)	1360	3092	1924	1253	7629
Tipos de palavras (types)	396	740	509	365	2010

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os sujeitos da pesquisa são informantes que trabalham na atividade feirante há mais de duas décadas. Dessa forma, podemos afirmar que esses sujeitos constituíram um modo de falar muito particular, que pode ser caracterizado como um tipo de “variedade sociolinguística”, marcada pelo contexto de trabalho. Conforme Alkmim (2007, p. 32) “a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas” e, quanto ao “[...] conjunto de variedades linguísticas utilizadas por uma comunidade é chamado repertório verbal”. Assim como qualquer outra variação linguística, a linguagem dos feirantes, objeto de nosso estudo, deve ser observada como legítima, já que, “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, [...]. É absolutamente impróprio dizer que há línguas pobres em vocabulário” (Alkmim, 2007, p. 41).

Cabe destacar que a linguagem espontânea dos feirantes é marcada por variadas gírias e jargões particulares, os quais revelam características de um ambiente rico em aspectos culturais, linguísticos e sociais. Embora não seja objeto desta pesquisa, ressalta-se ainda a presença marcante da linguagem não verbal em suas práticas linguísticas, utilizadas como estratégias comerciais.

Por meio de gestos e expressões faciais, as feirantes comunicam não apenas a qualidade e atratividade de seus produtos, mas também estabelecem conexões interpessoais com os clientes, influenciando suas decisões de compra. Gestos como apontar para produtos específicos ou utilizar as mãos para descrever características dos itens à venda ajudam a direcionar a atenção dos consumidores para os produtos em destaque, enquanto expressões faciais de cordialidade e interesse demonstram disposição para negociar e oferecer um serviço personalizado. Além disso, a disposição e organização dos produtos nas barracas também são formas de linguagem não verbal que impactam as percepções dos clientes sobre a qualidade e variedade dos produtos oferecidos. A forma como as feirantes interagem fisicamente com os produtos, como ao manuseá-los com cuidado e demonstrar familiaridade com suas características, também transmite confiança e expertise, o que pode influenciar positivamente as decisões de compra dos consumidores. Dentre os exemplos citados, merece destaque uma linguagem não verbal apresentada no *corpus* da pesquisa pela informante 03 **OLE**:

Excerto 4:

☞ (*bpubdl05*) *DEI: [73]: A Maria? /Maria das Bolas? //

☞ (*bpubdl03*) *MBOL: [74]: É que tem um balão na minha barraca, /ninguém tem, /só eu tenho/ Para identificar a minha barraca/ Essas bolas estão aí há muito tempo/ há muito tempo// (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 03 **MBOL**, 2023).

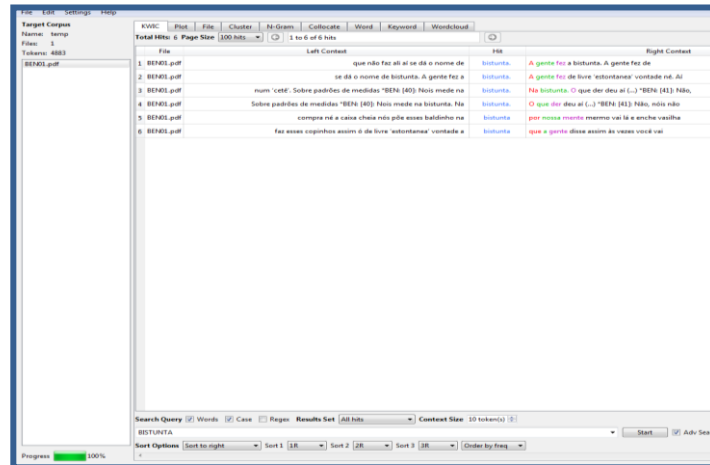
A informante 03 **OLE** utiliza bolas grandes coloridas penduradas no teto da barraca para chamar a atenção dos clientes e também aponta-se deste mecanismo como forma de identificação de seu espaço. Em suma, na Feira Livre de Teixeira de Freitas, a linguagem não verbal desempenha um papel crucial nas interações comerciais, contribuindo para o sucesso das feirantes ao promover a atratividade de seus produtos e estabelecer vínculos positivos com os clientes.

Para visualizar as linhas de concordância utilizamos a ferramenta *AntConc* (Anthony, 2020) e selecionamos o termo “bistunta”. Nela, é possível ver, além do termo em contexto, o

arquivo de origem à direita da tela. O termo aparece destacado (em azul) e, no topo, foi possível ver quantas ocorrências havia naquele texto do *corpus* de estudo.

Na Figura 10 a seguir, apresentamos as linhas de concordância para o léxico “bistunta” apresentadas para o termo selecionado destacado em azul.

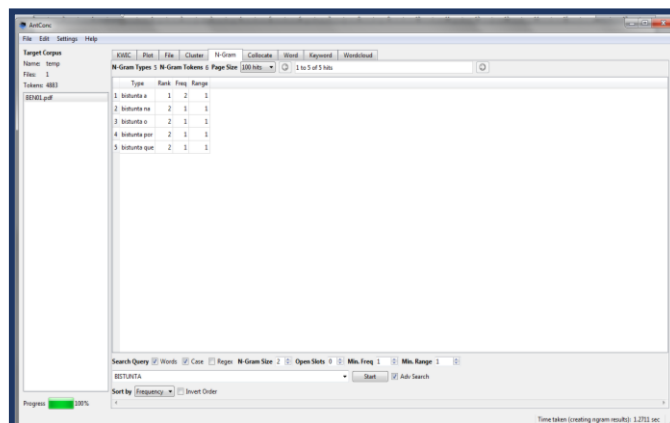
Figura 10: Linhas de concordância para o léxico “bistunta” (*AntConc*, 2020).



Fonte: Elaborada pela autora a partir da ferramenta *AntConc* (Anthony 2020).

No campo do *N-Grams* podemos encontrar uma sequência contígua de itens de um texto ou mais. Eles podem ser utilizados como forma de analisar fonemas, letras, sílabas ou palavras, por exemplo. Para o objetivo desse estudo, vimos as etapas necessárias para gerar n-gramas da palavra “bistunta” extraída do *corpus* de estudo. Na Figura 11 mostramos o resultado ao usarmos a aba *Clusters/N-Grams* para contar termos que possuem alguma estrutura, caractere ou palavra em comum. No caso aqui, utilizamos o vocábulo “bistunta”.

Figura 11: Linhas de concordância para o léxico “bistunta” (*AntConc*, 2020).



Fonte: Elaborada pela autora a partir da ferramenta *AntConc* (Anthony 2020).

4.2 *Corpus* de Estudo da Feira Livre: análise de dados

Para realizar a análise de dados, reunimos construtos que envolvem processos cognitivos envolvidos no delineamento do domínio de conhecimento “feira livre”, bem como processos de formação presentes na formação do léxico pertencente a esse espaço tão particular no que se refere as práticas linguísticas estruturadas, da forma como conhecemos, desde a Idade Média.

4.2.1 *Limites cognitivos da Feira Livre: frames, modelos cognitivos idealizados e metáforas conceptuais*

Esta pesquisa tem na Linguística Cognitiva uma de suas bases. Por isso, utiliza mecanismos cognitivos para explicar fenômenos que ultrapassam o signo linguístico, ao qual é tomado como pista na construção do sentido nas cenas de interação humana. Nesse contexto, destacamos a noção de *frames* e *modelos cognitivos idealizados* (doravante MCI) para delinear os limites de cena de interação compreendida como **feira livre**.

4.2.1.1 *Frames da Feira Livre*

De acordo com Salomão (2009, p. 171), a “semântica de *frames* é esforço intelectual que retrocede ao final da década de setenta do século passado”. Para a autora

A noção de *frame* emerge na semântica linguística, em artigo de Fillmore (1975), dedicado a demonstrar as insuficiências do tratamento componencial da significação lexical – ou seja, as insuficiências da descrição do significado lexical em termos de uma lista de condições necessárias (os “componentes”, ou “traços semânticos”), cuja conjunção constituiria a condição suficiente para a pertinência de um lexema a uma dada categoria significativa (Salomão, 2009, p. 171-172).

Para Neuza Salim Miranda (2013, p. 84), a “palavra-chave para se definir a Semântica de *Frames* é, pois, experiência, ou mais precisamente, a relação entre linguagem e experiência”. O conceito de *frame*, na Linguística, foi sistematizado por Charles Fillmore. Em “Semântica de *Frames* e a Natureza da Linguagem”⁴⁵, de 1976, o autor defende a importância da caracterização como um atributo de um sistema linguístico, bem como a descrição de

⁴⁵ “*Frame Semantics and the Nature of Language*”. (Tradução nossa).

frames cognitivos e interacionais, em termos dos quais o usuário da língua “[...] interpreta seu ambiente, formula suas próprias mensagens, compreende as mensagens dos outros, e acumula ou cria um modelo interno de seu mundo”⁴⁶ (Fillmore, 1976, p. 23). O linguista caracteriza um *frame* como uma espécie de catálogo de esquemas que os indivíduos possuem na memória, e que os auxilia a estruturar, classificar e interpretar experiências. Essas, quando acionados por determinados itens lexicais, são capazes de evocar argumentos e de construir teses específicas sobre algo. Fillmore define *frame* da seguinte maneira:

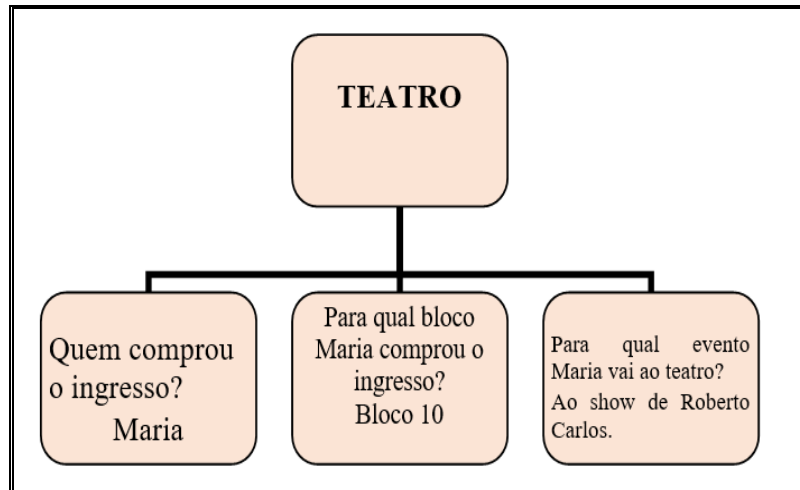
(...) qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos são disponibilizados automaticamente (Fillmore, 1982, p. 112).

Para exemplificar, tomemos como exemplo o *frame* Teatro que também pode ser identificado como MCI. Nele, podemos encontrar o armazenamento de todas as informações e as experiências que cada indivíduo possui com relação a um teatro: desde os elementos básicos, como a de saber que se trata de um local fechado, com várias poltronas organizadas em fileiras, com palco para apresentação de artistas equipado com som e iluminação adequados, dentre outras; informações relacionadas a ações específicas, como comprar o ingresso na hora ou com antecedência do espetáculo e/ou show que está em cartaz, procurar e ou selecionar antecipadamente a localização da poltrona por meio de *frame* de compra/vendas. No excerto “Maria comprou o ingresso no bloco 10 do show de Roberto Carlos em São Paulo”, ao considerar esse exemplo, é possível identificar nesse *frame* o **comprador** do ingresso e o número do bloco, o **produto**, de quem é o show e local do evento. Tais elementos são projetados a partir do *frame* de compra/venda “Teatro” preenchendo a configuração apropriada dos papéis e valores de cada um. Os *frames* nos auxiliam a conferir sentidos às mais diversas situações comunicativas. Ao mencionar o *frame* compra/venda “Teatro”, diversos elementos conceituais e imagéticos são evocados na memória, tanto de forma consciente quanto inconsciente. Esses *frames* coletivos contribuem para uma compreensão multifacetada e rica do conceito de teatro, abrangendo tanto aspectos práticos quanto simbólicos da arte teatral.

⁴⁶ “[...] in characterizing a language system we must add [...] a description the cognitive and interactional ‘frames’ in terms of which the language-user interprets his environment, formulates his own messages, understands the messages of others, and accumulates or creates an internal model of his world”.

A Figura 12, a seguir, exemplifica os *frames* que são evocados à memória quando mencionamos o *frame* compra/venda “Teatro”.

Figura 12: Alguns dos itens linguísticos que acionam o *frame* compra/venda Teatro.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

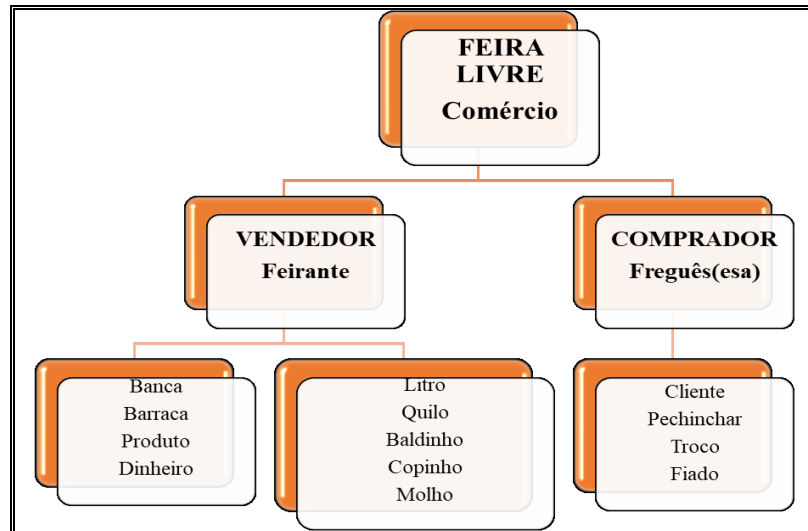
Conforme apresentado na Figura 12, percebemos que os *frames* são imediatamente acionados à memória quando evocados por um falante, pois as experiências socioculturais pelas quais os indivíduos vivenciam no trajeto de suas vidas são transformadas em conhecimento de mundo. Nesse sentido o conceito de *frame* é compreendido como um sistema utilizado para denominar a estrutura de conhecimento, armazenado em estruturas permanentes na memória de longo prazo e forma uma rede conceitual, a qual é organizado a partir da esquematização da experiência.

Para Fillmore (1982), o significado das palavras está subordinado ao *frame* no qual elas são acessadas, de modo que a interpretação dos vocábulos exige o acesso às estruturas do conhecimento que relacionam os elementos e itens lexicais referentes a uma experiência humana ou domínio social característico naquele contexto.

Esse conceito de “*frame*” refere-se a estruturas mentais que organizam e dão significado às experiências e informações. Assim, quando um léxico está em uso numa determinada situação específica, ele ativa um conjunto de associações, expectativas e entendimentos relacionados a esse contexto, moldando e influenciando a compreensão do entendimento o termo. Esses *frames* são essenciais para a interpretação e comunicação eficaz, uma vez que fornecem o cenário necessário para atribuir sentido às palavras e entender seu uso em diferentes situações.

Na Figura 13 abaixo, apresentamos o *frame* Feira Livre elaborado a partir do *corpus* de estudo desta pesquisa. Da perspectiva conceptual básica, palavras como **vendedor** e **comprador** estão associadas a eventos específicos do *frame* Feira Livre Comércio - Transação-comercial.

Figura 13: Itens linguísticos que acionam o *frame* Feira Livre.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Com base em Fillmore (1976), verbos como comprar, vender, pagar e arrecadar têm, como princípio o conceito de transação comercial, que pressupõe um acontecimento entre partes: um **comprador** (freguês-esa/cliente) no qual entrega o dinheiro em espécie (ou outra forma de pagamento) a um **vendedor** (feirante) na troca por algum produto (temperos, goma, farinha, etc.). Fillmore (1976) destaca que esse *frame* é fundado no contexto de uma troca. Com base nisto, compreendemos que ele contém dois episódios envolvidos: o de transferência do produto/mercadoria, de forma direta do vendedor para o comprador e o outro episódio é o da transferência do dinheiro (ou outra forma de pagamento) do **comprador** (freguês-esa/cliente) para o **vendedor** (feirante). É necessário entender o papel no campo semântico do verbo, no caso em questão, dos verbos vender e comprar. Fillmore (1982) ainda salienta que “cada *frame* caracteriza uma pequena ‘cena’ ou ‘situação’ abstrata, de modo que, para entender a estrutura semântica do verbo, por exemplo, é necessário entender as propriedades da esquematização dessas cenas” (Fillmore, 1982, p. 30).

Percebemos aí que os componentes de *frame* dos verbos vender e comprar pressupõe um deslocamento de domínio no qual, ao ponderar os eixos para a versão do objeto sendo deslocado de um domínio para outro, temos a evocação de constituintes de *frame* que se

refere ao deslocamento de domínio e, quando alteramos o objetivo e passamos a dar ênfase ao episódio do dinheiro, o qual desloca-se do **comprador** (freguês-esa/cliente) para o **vendedor** (feirante), tem-se agora outros constituintes de *frames* que evocam a perspectiva do dinheiro que é transferido da posse do comprador e passa para o vendedor. Esse movimento chamado de *perfilamento* só foi possível devido a essa mudança de objetivo. Para Salomão (2009), toda vez que o indivíduo evocar um *frame*, as expressões linguísticas impõem sobre ele uma perspectiva determinada. Essa obrigatoriamente permanecerá limitada ao léxico ou a uma expressão linguística na qual acontecerá o episódio, mostrando assim o *frame* na ótica perfilada. Nesta perspectiva, notamos que cada unidade lexical evoca um *frame*, contudo, é importante deixar claro que cada indivíduo dará enfoque a algum constituinte do *frame* de forma particular. Dito isso, podemos afirmar que reconhecemos na feira livre de Teixeira de Freitas *frames* ou cenas típicas que podem ser observadas em uma feira livre. Abaixo apresentamos alguns exemplos destes *frames* presentes na memória dos falantes:

- (1) **Barracas de frutas e legumes:** apresenta grande variedade de frutas, legumes e verduras frescas. Esse cenário de cores vibrantes e os aromas atraem a atenção dos visitantes.
- (2) **Comércio de alimentos típicos:** é comum encontrar barracas que oferecem alimentos populares e típicos da região, como pamonha, tapioca, queijos, requeijão, farinha de mandioca, biscoitos de goma, entre outros. Comidas de rua também estão presentes nesse mosaico, compondo a cultura gastronômica da feira, tais como pastéis, churros, bolos, doces, sucos com frutas da região, cachaças, etc.
- (3) **Artesanato e produtos locais:** apresenta ainda barracas de artesanato, com produtos típicos da região, como utensílios de barro, tecidos, bijuterias, entre outros. Esses produtos proporcionam uma opção diferenciada aos visitantes.
- (4) **Movimento de pessoas:** tem-se um movimento grande de pessoas circulando, fazendo compras e interagindo. É comum ver famílias, amigos e moradores da região se encontrando e aproveitando o ambiente descontraído da feira.
- (5) **Negociações:** é um local propício para negociações, em que os clientes buscam o melhor preço e os feirantes tentam vender seus produtos. Nesse cenário, destaca-se a “pechincha” e “mixariazinha” como argumentos nas negociações.

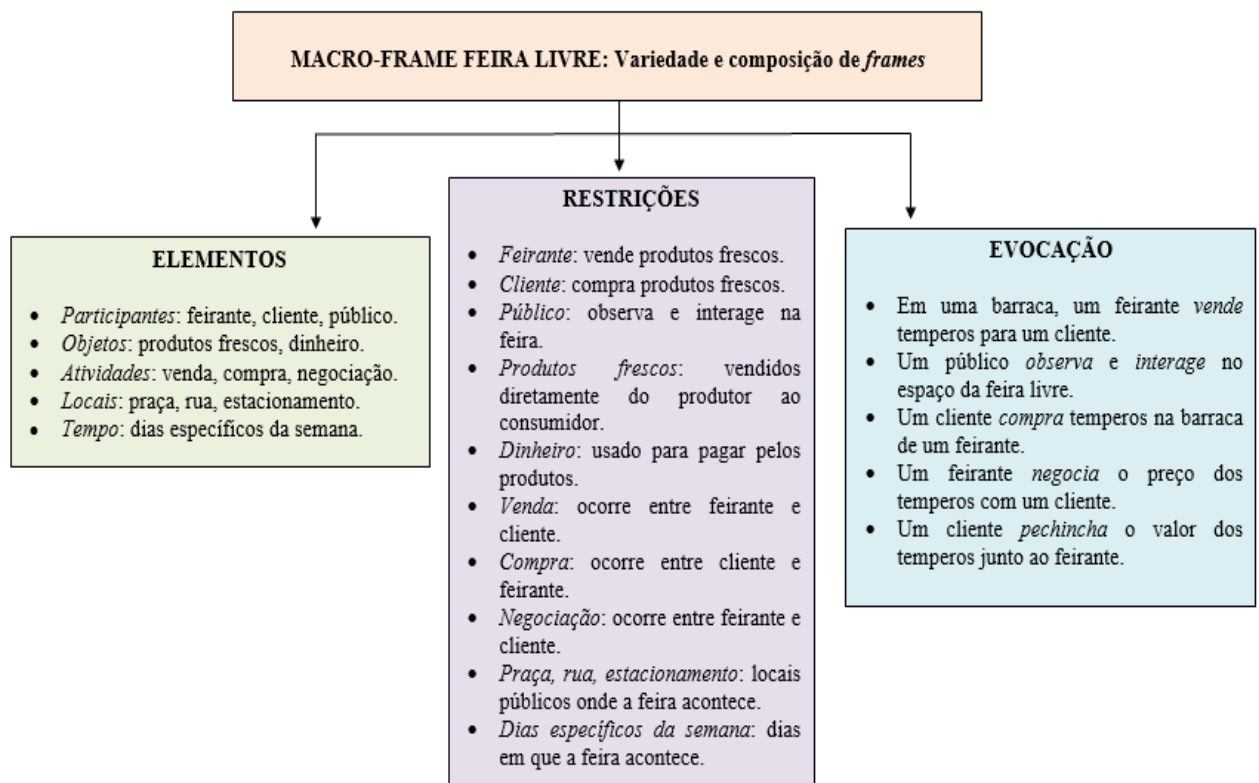
Esses são apenas alguns exemplos de *frames* que podem ser acionados em uma feira livre. Contudo, cada feira livre tem particularidades e características únicas, mas todos esses

elementos ajudam a criar a atmosfera peculiar desse espaço de práticas linguísticas particulares.

Desse modo, considerando os estudos de Fillmore (1982), no que se refere aos *elementos* (participantes, objetos, atividades, locais, tempo), *restrições* (o que cada elemento do *frame* pode executar) e *evocação* (perfilamento objetivo de *frames*), temos uma variedade e possibilidades de composição de diversos *frames* numa espécie de *macro-frame* (Fonseca; Miranda, 2014).

Dentro deste *macro-frame*, os elementos e restrições de cada *frame* individual interagem de maneira complexa e interconectada, permitindo a representação de uma ampla variedade de situações, contextos e experiências. Essa abordagem permite uma compreensão mais abrangente e holística dos fenômenos estudados, ao mesmo tempo em que oferece uma estrutura analítica importante para a investigação e interpretação de dados em diversas áreas do conhecimento, como na linguística, por exemplo. Assim, a aplicação dos conceitos de *frames* e *macro-frames* proporciona uma base teórica sólida para a análise e compreensão da complexidade das interações humanas e das representações mentais subjacentes, haja vista os itens lexicais envolvidos, exemplificados na Figura 14:

Figura 14: Macro-Frames da feira livre: variedade e composição.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

O *Macro-frame* Feira Livre pode ser usado para descrever uma feira livre em qualquer lugar do mundo. No entanto, enfatizamos a importância de notar que este pode ser adaptado para refletir as especificidades de uma determinada cultura. Por exemplo, em algumas culturas, considera-se a feira livre como lugar de socialização, já em outra compreende-se como um espaço para comprar produtos artesanais ou comprar produtos locais. Sendo assim, *frames* de “socialização”, “produtos artesanais” e “produtos locais” podem ser incorporados ao *Macro-frame* Feira Livre. Dessa forma, podemos afirmar que o uso de *frames* é uma maneira eficaz de descrever eventos e situações da vida real a partir das práticas linguísticas. Os *frames* são úteis, portanto, para organizar o conhecimento e para facilitar a comunicação dentro de uma comunidade de fala.

O Macro-Frame Feira Livre do Mercado de Teixeira de Freitas visto como um ambiente vibrante e dinâmico reflete a riqueza cultural e econômica da região. Este espaço único composto por diversos elementos contribui para sua identidade marcante.

No excerto abaixo do *corpus* de estudo da informante 03 MBOL podemos identificar os itens constituintes do **MACRO - FRAME FEIRA LIVRE** do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas:

Excerto 5:

☞ (bpubdl03) *MBOL: [80]: De três e de cinco. [Restrição – Dinheiro] /Muito obrigado//, volta sempre/as bola /pra identificar minha barraca/ [Elemento – Barraca das Bolas], gostou dos tempero;/ volta, / viu // [Restrição – Venda]

☞ (bpubdl03) *MBOL: [81]: Tem Chame-chure, / tempero do Guede./ Cinco reais também/E o tempero do chefe, /vai lavar? /Tempero chefe é esse, / açafraão, /vai levar? /Só chame chure, /né? /E o corante/ vai levar? / Esse aqui é o chamego da cozinha, /viu. E o verdinho/ vai lavar, / não? / Que levar daquele pra feijão, /pra carne de boi, /que levar não? / Desse aqui, /né? /Erva doce também? / Cinco, / dez, / quinze, /vinte, /vinte e cinco. / [Restrição – Dinheiro] O senhor quer pimenta do reino/, pimenta do reino? / [Evocação – A feirante vende temperos ao cliente] Cinco reais? / Eu tenho erva doce também, viu. //

☞ (bpubdl07) *CLI: [82]: Não gosto de erva-doce.//[Elemento – Participante – Cliente] [Evocação – Um cliente compra temperos na barraca da feirante]

(bpubdl03) *MBOL: [83]: Gosta não/, né?/ Fazer um chazinho//. Aqui é cinco reais, / ó// [Restrição – Dinheiro]

☞ (bpubdl03) *MBOL: [84]: Cê /pra vender /tem que conversar, /tem que agradecer,/ né /não fia, /tem que conversar com Deus. [Evocação – Uma feirante vende temperos a clientes] /Ela fala comigo /que eu vendo mais (irmã) /porque falo muita bestagem com os clientes. [Elemento – Participante – Feirante] (...) // (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 03 MBOL, 2023).

Esses constituintes, com base nos estudos explorados por Fonseca e Miranda (2014), oferecem uma perspectiva abrangente sobre a feira livre como um sistema complexo que vai além do simples ato de compra e venda de produtos, envolvendo aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais.

Se por um lado os *frames* “são conhecimentos operativos configurados no evento”, há outras estruturas cognitivas que organizam o nosso conhecimento possibilitando “o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária” (Miranda, 1999, p. 83-84). Esses esquemas conceptuais são definidos nos termos de **Modelos Cognitivos Idealizados**.

4.3 Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre – MCI/Feira Livre

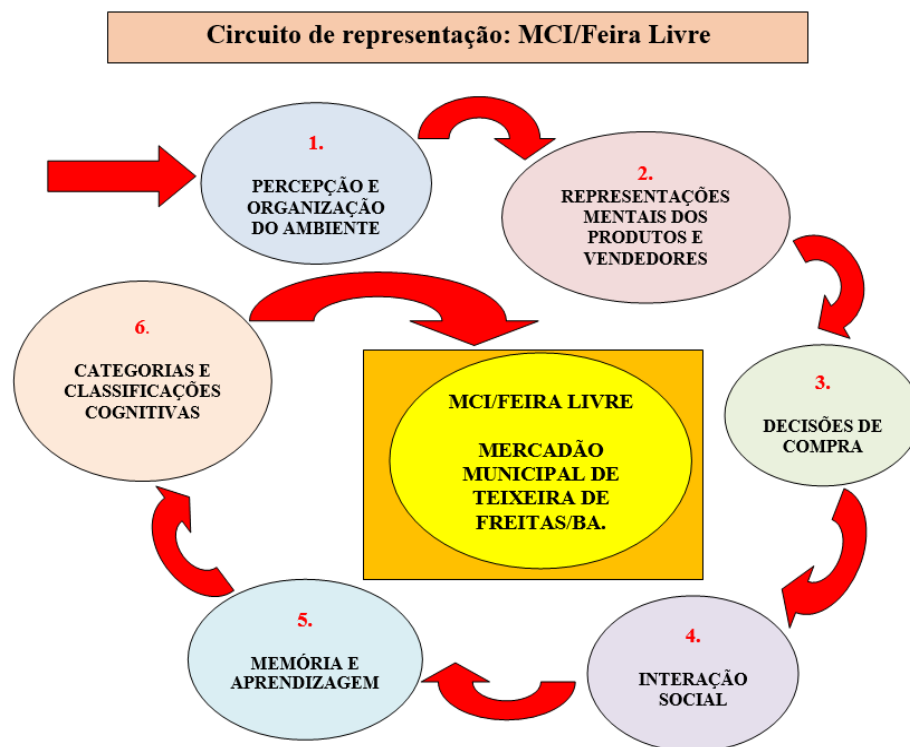
Conforme explicitado na seção 2.3.1, os Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCIs) são domínios de conhecimentos estáveis, cuja função primordial é ordenar o nosso conhecimento de mundo compartilhado socialmente. Sendo assim, reúne experiências humanas diversas e rotineiras, com vistas a facilitar o nosso movimento no interior das interações diversas e diárias nas quais estamos imersos, tais como: trabalho, escola, igreja, praia, hospital ou mesmo feiras livres. Contudo, vale lembrar que esses MCIs não são estruturas de conhecimento estáticas, pois se modificam com o tempo, bem como armazenam perspectivas contraditórias acerca de um mesmo objeto de conhecimento. Nesse contexto, podemos pensar no MCI/Casamento, por exemplo: no passado, apenas um casal heterossexual poderia oficializar legalmente sua união no Brasil. Atualmente casais homossexuais também podem fazer o mesmo. Embora também estejam dentro do mesmo MCI, há uma parte da população que concorda com todas essas possibilidades de união, mas a outra não. Contudo, o conhecimento dentro desse domínio não pode ser negado.

Nesse contexto, podemos afirmar que há um MCI/Feira Livre que irá apresentar variações conforme a comunidade na qual está inserida. Porém, a sua base conceptual sempre será reconhecida, uma vez que a feira livre constitui uma realidade presente culturalmente nas comunidades humanas, cuja estruturação ficou mais flagrante na Idade Média. Em outras palavras, quando utilizamos qualquer expressão linguística, seja um termo ou uma construção sintática, que compõe um dado MCI, este funciona como um *background* para a interpretação dessa expressão (Cienk, 2007).

Considerando tal perspectiva, o MCI/Feira Livre do “Mercadão” Municipal de Teixeira de Freitas pode ser elaborado, a partir dessa abordagem cognitiva, que descreve a organização, representação e processamento de informações relacionadas à feira livre. Este

modelo pode não ser um conceito estabelecido, mas podemos pensar uma representação teórica na qual os sujeitos cognitivamente organizam e interagem com os elementos presentes em uma feira. Para tanto, de acordo com Lakoff e Johnson (2002), podemos delinear o seguinte circuito:

Figura 15: Circuito do MCI/Feira Livre do “Mercadão” Municipal de Teixeira de Freitas/BA.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

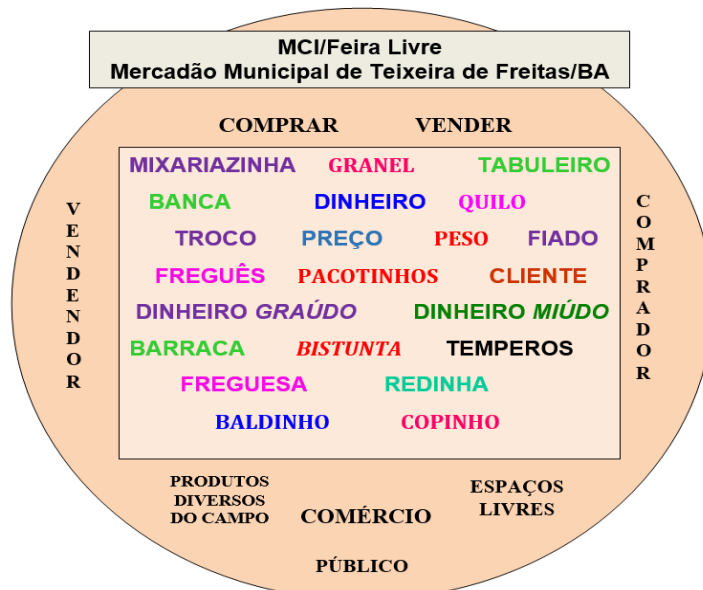
Este circuito pode ser compreendido da seguinte forma, tendo em vista a experiência do falante em: (1) percebe e organiza o ambiente, isso inclui: produtos, barracas, vendedores, possíveis relações e interações; (2) representa mentalmente o que foi apreendido em (1), isso inclui: característica dos produtos, localização dos vendedores na feira, preferências pessoais, preços, entre outros fatores; (3) toma decisões sobre a compra, isso inclui a avaliação das opções disponíveis, a comparação de produtos, a consideração de preços e a seleção com base nas preferências individuais; (4) interage socialmente, isso inclui a comunicação com os vendedores, à troca de informações sobre os produtos, a negociação e aspectos sociais particulares do movimento entre os sujeitos da própria feira; (5) memoriza e aprende, isso inclui experiências anteriores no/sobre o ambiente e o conhecimento adquirido sobre os

produtos e vendedores, os quais podem influenciar as decisões de compra e interações posteriores; (6) categoriza e classifica cognitivamente, isso inclui a forma como os sujeitos categorizam e classificam produtos e vendedores. Envolve critérios como tipo de alimento, qualidade, preço, confiabilidade do vendedor, entre outros; por fim, (7) armazena na memória de longo prazo todos esses conhecimentos na forma de **Modelo Cognitivo Idealizado**, com as particularidades do ambiente a qual frequenta - MCI/Feira Livre do “Mercadão” municipal de Teixeira de Freitas, Bahia. Esse domínio vai ser evocado cada vez que o falante entrar em contato com um ambiente semelhante, fazendo esse cálculo entre o conhecimento novo e o antigo.

Nesse contexto, a partir do exposto, partimos para a representação do Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre do Mercadão Municipal de Teixeira de Freitas (MCI/Feira Livre), delineado a partir dos termos mais significativos encontrados no *corpus* de estudo, quais sejam: *mixariazinha, granel, tabuleiro, banca, troco, preço, peso, fiado, freguês, freguesa, cliente, dinheiro, dinheiro graúdo, dinheiro miúdo, barraca, bistunta, temperos, pacotinhos, redinha, baldinho e copinho*.

Na Figura 15, apresentamos o MCI/Feira Livre do Mercadão Municipal de Teixeira de Freitas, Bahia. No plano de fundo da Figura 16, temos participantes e cenas obrigatórias em qualquer interação comercial (comprar, vender, produtos diversos, vendedores, compradores, público, espaços livres). Já no primeiro plano, temos os termos da feira livre identificados em nosso *corpus* de estudo:

Figura 16: Modelo Cognitivo Idealizado da Feira Livre (MCI/FEIRA LIVRE)



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Como já pontuado, outros fenômenos cognitivos atravessam e estruturam os MCIs. Além dos *frames* pontuados anteriormente, que movimentam o MCI em termos de instanciação de seus elementos, destacamos também o papel das **metáforas conceituais**. De acordo com Lakoff (1987), nossos processos cognitivos são fundamentados em metáforas, ou seja, estruturamos conceitos abstratos a partir de conceitos mais concretos. Na feira livre, por exemplo, as noções de “preços altos” e “preços baixos” podem ser compreendidos metaforicamente como “subir” e “descer”, influenciando nossa percepção de valores monetários. Temos aí exemplos de metáforas orientacionais e estão ligadas à orientação espacial: em cima/ embaixo, dentro/fora, frente/trás, profundo/raso. Essas metáforas conforme descritas por Lakoff e Johnson (2002), são uma categoria de metáforas conceituais que usam nossa experiência física e sensorial do mundo para entender conceitos mais abstratos e complexos. Essas metáforas usam orientações espaciais, direcionais e de movimento para expressar ideias e conceitos.

Essas metáforas orientacionais são fundamentais para nossa compreensão e organização do mundo, pois nos ajudam a estruturar e dar sentido aos conceitos abstratos por meio de nossas experiências sensoriais e físicas (Lakoff e Johnson 2002:87, p. 59).

Nesse contexto, palavras e expressões utilizadas na feira como “frescura”, “doce como mel”, “azedo como limão”, “arde como pimenta malagueta”, também passam por experiências corpóreas básicas, as quais passam pelos nossos sentidos: tato, audição, olfato, visão e paladar. Acima, destacamos o tato e o paladar. Aqui, a metáfora conceitual de orientacional sensorial está em destaque. Essas expressões exemplificam metáforas conceituais de orientação sensorial, que são uma subcategoria das metáforas conceituais em geral. Elas são metáforas que usam sensações físicas para descrever qualidades abstratas, como sabor, temperatura e textura. Essas metáforas ajudam a transmitir significados complexos de uma forma mais tangível e compreensível. Portanto, estas expressões relacionam sensações de paladar com características conceituais, como agradabilidade, intensidade ou impacto emocional (Lakoff e Johnson 2002:87, p. 59).

Lakoff e Johnson (1980, p. 19) afirmam que a dinâmica da metáfora é “[...] compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Por exemplo as expressões “doce como mel”, “azedo como limão” e “arde como pimenta malagueta” são exemplos de metáforas conceituais e se encaixam numa metáfora conceitual mais ampla chamada “SENTIR EMOÇÕES É EXPERIMENTAR SABORES”. Nessa metáfora, sensações gustativas são usadas para descrever emoções. Por exemplo, a doçura do mel pode ser associada a uma emoção positiva, o azedo do limão a uma emoção negativa associado a uma sensação desagradável e a ardência da pimenta

malagueta a uma emoção intensa ou extrema. No excerto do *corpus* e estudos encontramos essa metáfora:

Excerto 6:

🗨️ (*bpubdl02*) *BEN: [39]: Tem vários tipos de pimenta, /tem vários tipos/ A rocha é /uma roxa /ela é uma pimentinha assim/ do tamanho dessa cebolinha/ assim/ ó/ e /porém ela é roxinha mermo/ é/ Arde virada num cetê, /essa pimenta faz você gemer sem sentir dor, /faz você chorar igual uma criança pequena// (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 02 BEN, 2023).

Esse tipo de manifestação linguística expressa nossas avaliações, as quais vão compondo as decisões de compra que um falante/comprador utiliza para se movimentar dentro desse espaço interativo definido pelo comércio de produtos do campo, em termos de negociação, junto a outro falante/vendedor.

Posto isto, podemos dizer que este modelo é uma representação de como as pessoas podem cognitivamente processar e interagir em uma feira livre, utilizando princípios da teoria cognitiva para entender como as informações são percebidas, organizadas e utilizadas na tomada de decisões e interações sociais nesse contexto específico. Em outras palavras, na feira, existem *frames* associados a ideias de “compra”, “negociação”, “qualidade dos produtos”, “interações sociais” e assim por diante. Esses *frames* moldam nossas expectativas e comportamentos na feira. Ao passo que as metáforas conceituais, subjacente às nossas manifestações linguísticas, nos permitem uma compreensão comum ou no mínimo próxima, visto que as experiências dos falantes frequentadores da feira são as mesmas, dado que o aparato sensorio, motor e cognitivo também o são.

4.4 O Léxico da Feira Livre de Teixeira de Freitas/BA: Identificação e descrição dos processos de formação de palavras.

Para proceder à descrição dos dados, iniciamos explorando as unidades de medidas encontradas na feira livre, com destaque para a medida de cabeça: “bistunta”. Em seguida, destacamos os nomes pitorescos dos temperos, ou melhor, das misturinhas de temperos, vendidos na feira, nos termos dos processos morfológicos envolvidos. Por fim, a contingência sociolinguística do protagonista da feira: o feirante.

4.4.1 Unidades de medida da feira livre

Se buscarmos qualquer dicionário online, a palavra “medida” se refere à “ação e ao efeito de medir”. Ou seja, “comparar uma quantidade com a sua unidade ou algo não material com outra coisa”. Por exemplo, na Bíblia encontramos ocorrências como: (i) “quem mediu com o seu punho as águas, e tomou a medida dos céus aos palmos, e recolheu em uma medida o pó da terra, e pesou os montes e os outeiros em balanças?” (Isaías, 40: 12-31) e (ii) “no muito falar não falta transgressão, mas o que modera os lábios é prudente.” (Provérbios, 10:19). Em (i), temos *punho*, *palmos*, funcionando como uma espécie de unidade e a *balança* como instrumento para medir volumes diversos (águas, céus, pó da terra, outeiros), ao passo que em (ii), temos a ideia de medir as palavras, ou seja, calcular o impacto do que falamos. Em linhas gerais, podemos definir essas unidades de medida como um modo de quantificar diferentes grandezas físicas.

Conforme o Sistema Internacional de Unidades (SI), ao qual o Brasil é signatário, essas grandezas envolvem: comprimento (metro, m), massa (quilograma, kg), tempo (segundo, s), corrente elétrica (ampere, A), temperatura termodinâmica (kelvin, K), quantidade de substância (mol, mol), intensidade luminosa (candela, cd) (INMETRO, 2023)⁴⁷. Contudo, na nossa comunicação diária, tais grandezas não são utilizadas apenas para volumes objetivos: não apenas utilizamos tais parâmetros para quantificar unidades como as palavras em (ii), como também quantificamos sensações, entre outros domínios de conhecimento. Nesse contexto, podemos afirmar que medir é uma operação cognitiva que envolve processos metafóricos, já que compreende um conhecimento em termos de outro. Temos nesse caso uma metáfora chamada por Lakoff e Johnson de metáforas estruturais (Lakoff e Johnson, 2002, p. 59).

O conceito de metáforas estruturais proposto pelos autores oferece uma visão perspicaz sobre a natureza da linguagem e do pensamento humano. Segundo eles, as metáforas não são apenas figuras retóricas utilizadas para adorno linguístico, mas sim estruturas cognitivas fundamentais que moldam a nossa compreensão do mundo. Um exemplo destacado por Lakoff e Johnson (2002) é a metáfora conceitual que estrutura o entendimento do tempo como uma entidade física que podemos “gastar”, “economizar” ou “perder”. Essa metáfora, que muitos de nós utilizamos sem sequer perceber, revela como concebemos o

⁴⁷

<https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/documentos-tecnicos-em-metrologia/quadro-geral-de-unidades-de-medida-no-brasil.pdf/view>

tempo em termos de recursos escassos e valiosos, influenciando assim nossas decisões e prioridades.

Cabe ressaltar que esse sistema de medida, tal qual temos hoje, resulta de um processo que atravessou a própria história da civilização humana. De acordo com Fernanda Carpintero de Moraes (2019, p. 28-29), citando Gardner (1929), desde o início as comunidades humanas utilizavam “partes do corpo humano como medida padrão” para tentar padronizar a negociação nas mais diversas operações comerciais entre os povos. Nesse contexto, entravam medida do antebraço da pessoa, o pé, o polegar, palmo, braça (distância entre as pontas dos dedos médios com os braços abertos). Como podemos supor isso podia gerar problemas, dado que os humanos apresentam medidas distintas.

Entretanto, apesar do desenvolvimento da metrologia e a disseminação de seus parâmetros, ainda encontramos formas primárias de medidas em comunidades humanas, tais como indígenas, ribeirinhos, zonas campesinas e mais populares. Neste estudo, destacamos a feira livre de Teixeira de Freitas, cujos agentes, comerciantes, vendedores e clientes, utilizam medidas alternativas em suas barracas, ou seja, medidas não convencionais, para além das medidas oficiais como metro (m), quilograma (kg), dentre outras medidas oficiais. Isso pode ser atestado nos dados abaixo destacados pela cor laranja:

Excerto 7:

☞ (bpubdl02) *BEN: [40]: nós mede na **bistunta** / na **bistunta** / o que der deu aí //

☞ (bpubdl02) *BEN: [41]: Não/ nós não /aí / nós pega esses **baldinhos**/ nós já põe / assim / na comparação / nós pega ele/ aí com a caixa dessa / quando a gente compra/ né/ a caixa cheia / nós põe esses **baldinho** na **bistunta** por nossa mente mermo/ vai lá e enche vasilha igualmente aqui / aqui nós vai encher sabendo que vai dar um **litro**/ né / E aí/ não / aí nós vende o que der aí na **vasilhinha** / né / aí não vende nem no quilo/ né / às vezes/ nós faz dois por cinco / **dois copinho** por cinco / nós vende copinho e o baldinho R\$ 3,00 / **bistunta** é o nome da medida //

☞ (bpubdl02) *BEN: [42]: É a hora que der é / aí nós faz esses copinhos assim / ó / de livre estontanea vontade / a **bistunta** que a gente disse assim / às vezes você vai pensa numa coisa / vou fazer isso aqui / você vai fazer aqui a mesma coisa que não faz ali / aí se dá o nome de **bistunta** / A gente fez a **bistunta** / A gente fez de livre estontanea vontade / né / Aí também nós encher o baldinho daquele de lá desse aí / nós deixa os baldinho aí / e despeja na **redinha** aí às vezes chega alguém comprar o quilo / aí vai o valor do quilo quanto tá o valor do que ele quer / se for 7 ou 8 é 8 / né/. E aí nós já embalou / aí passa do valor da medida / comprando no **baldinho** ganha mais do que no peso // (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 02 BEN, 2023).

No excerto 7, a informante 02 **BEN** diz que os produtos são medidos “na bistunta”, que é o nome da medida, cuja definição, em suas palavras, o que “der deu”. Esse “deu” corresponde ao conteúdo que cabe dentro de *copinhos*. Segundo a informante esse conteúdo dos copinhos poderá corresponder para mais ou para menos ao considerar uma unidade de medida oficial padrão (quilo – kg). Mas ainda podemos encontrar o *litro* e o *molho*. Afinal, pode-se comprar “um molho de cebolinha” e “dois litros de milho”.

É importante ressaltar que as unidades de medidas utilizadas na feira livre, tais como as mencionadas, são exemplos de medidas informais que fazem parte da cultura local. Essas medidas informais são frequentemente baseadas em práticas tradicionais e na experiência dos vendedores e consumidores ao longo do tempo. Embora não sejam unidades de medida oficiais, elas são amplamente compreendidas e aceitas dentro do contexto da feira livre, facilitando as transações comerciais e a comunicação entre os participantes.

Na Figura 17, abaixo, temos imagens dessas unidades:

Figura 17: Copos com tamanhos diversos para medir os produtos “na bistunta”



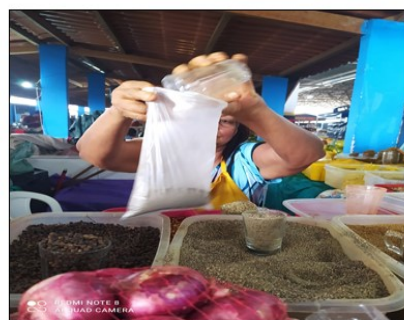
1. Copos de tamanhos diversos



3. Copo americano



2. Xicara contendo corante (urucum)



4. Adição do conteúdo do copo em um saco

Fonte: Fotografia arquivo pessoal, 2023.

Como podemos ver, temos copos de tamanhos diversos, copo americano e até xícaras que servem para medir na bistunta. Uma vez medidos, os produtos são depositados em *pacotinhos*, *baldinhos* e nas *redinhas*. Não encontramos esse tipo de medição no supermercado, já que os produtos vêm ensacados, empacotados, medidos em quilos. Contudo,

na seção de hortifrúti, podemos encontrar legumes diversos (batata, cebola, etc.) em redinhas, medidas em quilogramas e vendidas por unidade. Ou mesmo os “molhos” de verduras, como cebolinha, couve, agrião, etc. Molhos e redinhas são formas notadamente presentes na feira, conforme constatamos nos excertos 8 e 9 a seguir:

Excerto 8:

🗨️ (bpubdl02) *BEN: [43]: Essa é cebolinha mesmo/, faz os *pacotinhos*/, chama *pacotinho*/ e outros faz o *molho*/ né /só faz a mão /aí /amarrar/ né/ E aqui no momento na batatinha/ a batatinha/ aqui pelo preço que nós estamos comprando/ ela aqui/ nós ainda tá perdendo/ porque aqui/ eu embalei ela/ a gente embala sem pesagem/ porque se for pesar/ né/ que nem tá aqui/ o *pacotinho* aqui é R\$ 4/ se na vontade pesar aqui/ no valor do kit que ela tá aqui/ vai dar quase R\$ 8/ quase// (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 02 BEN, 2023).

Excerto 9:

🗨️ (bpubdl02) *BEN: [42]: Aí também nós encher o baldinho daquele de lá/ desse aí/ nós deixa os baldinho/ aí /e despeja na *redinha*/ aí às vezes/ chega alguém pra comprar o quilo /aí vai o valor do quilo/ quanto tá/ o valor do que ele quer/ se for 7 /ou 8/ é 8, /né.// (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 02 BEN, 2023).

Nesses excertos ficam evidentes que essas unidades também podem ser medidas na bistunta. Na Figura 18 abaixo, temos imagens dessas unidades dispostas nas bancas da feira.

Figura 18: Unidades de produtos: redinhas e molhos



5. Redinha de pimentão



6. Molhos de cebolinha e coentro

Fonte: Fotografia arquivo pessoal, 2023.

Outra medida encontrada na feira, também é o *litro* (L). Segundo o INMETRO (2023) é uma unidade de medida de volume, assim como o metro cúbico (m^3 - corresponde a mil litros). Entretanto, o litro é a unidade tomada para medir líquidos ligados ao nosso consumo direto, no sentido do que conseguimos manipular: leite, água, óleo, produtos de limpeza. No supermercado, compramos um litro de óleo. Contudo, encontramos essa medida na feira livre para medir massa, grandeza medida por quilograma, vejamos o excerto 10:

Excerto 10:

🗨️ (bpubdl02) *BEN: [41]: [...] nós põe esses *baldinho* na *bistunta* por nossa mente mermo / vai lá e enche vasilha igualmente aqui / aqui nós vai encher sabendo que vai dar um *litro*/ né / E aí / não / aí nós vende o que der aí na *vasilhinha* / né / aí não vende nem no quilo [...] (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 02 BEN, 2023).

Ou seja, na feira, encontramos farinha de mandioca, goma, cereais em geral, medidas no litro, tal como podemos verificar na Figura 19, abaixo, na qual vemos o milho:

Figura 19: Vasilhame de alumínio batido utilizado como unidade de medida (litro).



7. Vasilhame de alumínio que serve como medida de litro



8. Milho medido no litro.

Fonte: Fotografia arquivo pessoal, 2023.

Diante do exposto, podemos afirmar que na feira livre de Teixeira de Freitas, tanto encontramos medidas oficiais como *o quilo e o litro*, como também nos deparamos com outras estratégias de medição, como *pacotinhos, redinha, molho, copinho, baldinhos* medidos

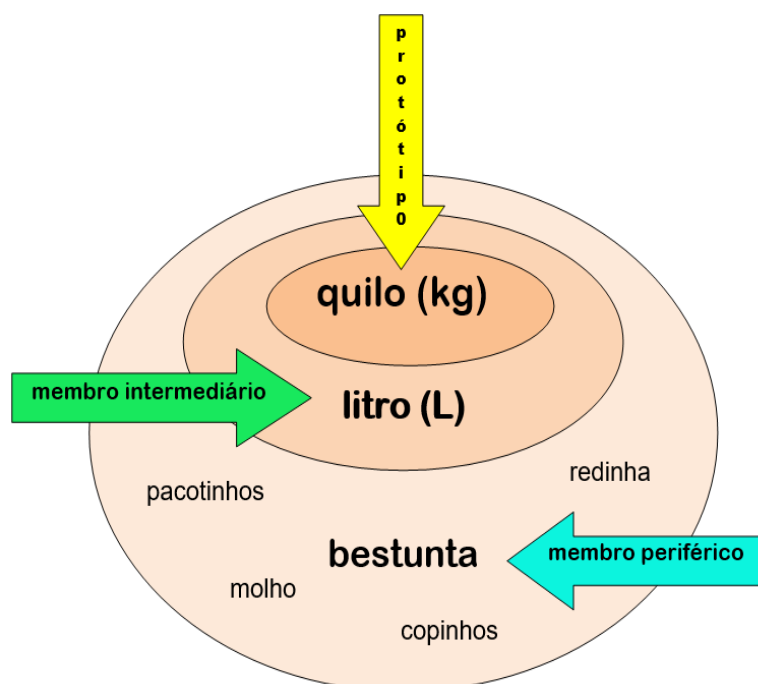
“na bistunta”, definida pela informante 02 **BEN**, no excerto 10, acima, como uma medida espontânea, a vontade, “o que der deu”.

Sendo assim, considerando que encontramos na feira livre de Teixeira de Freitas, unidades oficiais (kg, L, etc.) e não oficiais (“na bistunta”) podemos sistematizar esse domínio de conhecimento nos termos de uma categoria cognitiva, perspectivizada por efeitos de *prototipia*, tal como advoga Rosch (1970).

Para tanto, considerando que os trabalhadores da feira conhecem e escolhem usar ou não as medidas oficiais (INMETRO, 2023), podemos delimitar a categoria medidas da feira, da seguinte forma: (1) **protótipo**: quilo (**kg**) - unidade de massa, igual à massa do protótipo internacional do quilograma que corresponde a 1kg.); (2) **membro intermediário**: litro (L) - unidade de volume/capacidade, segue o sistema decimal, nos termos do metro cúbico (m³), este, medida oficial do SI), uma vez que originalmente é usado para medir líquidos, contudo na feira, vimos que ele também é utilizado para medir massa (milho, farinha, mandioca, etc.); por fim, (3) **membro periférico**: bistunta) – unidade espontânea, definida conforme vasilhames diversos, mas combinados entre as partes, tais como: pacotinhos, copinhos, redinha, molhos.

Para efeitos de ilustração, tomemos a Figura 20, na qual delineamos as medidas da feira livre a partir das noções de categorias cognitivas e protótipos:

Figura 20: Categoria medidas da feira: organizada por efeitos de prototipia.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Vale destacar que, apesar da categoria “medidas da feira” partir de parâmetros oficiais como o quilo, a medida “na bistunta” é muito ou talvez seja a mais utilizada entre os trabalhadores da feira. Contudo, chama atenção o fato desse termo não ser oficialmente reconhecido, embora tenha uma relação aparentemente próxima do termo dicionarizado *bestunto*(a). É sobre essa questão que nos deteremos a seguir.

4.4.2 Na *bistunta*: a medida informal da feira livre

Se fizermos uma pesquisa no Google, encontraremos a ocorrência do termo “bistunta”⁴⁸, tal como é dito na feira livre. O termo aparece primeiramente discriminado no *Dicionário Informal do Português* com a seguinte acepção: *apelido pejorativo para pessoas consideradas poucas inteligentes*. É identificado como uma *gíria*. Considerando o exemplo exposto na página, trata-se de um substantivo feminino: *você precisa parar de **bistunta***. Se prosseguirmos em nossa busca, a segunda página, onde o termo aparece, é em um *blog* de culinária intitulado “O intrépido cozinheiro”⁴⁹, no qual lemos o seguinte depoimento, datado em março de 2011:

VAI NA BISTUNTA

Às vezes você escuta uma palavra daquelas antigas, da qual nunca ouviu falar antes. **Bistunta** significa algo como “de cabeça”, usado quando você coloca algo sem medir o quanto vai, sabendo o quanto usar só pelo costume, como as antigas cozinheiras. É um daqueles regionalismos de Minas, dos quais o livro de Vilma está repleto, embora tenha também uma dose razoável de certeza de que já o vi usado há muitos anos em um dos volumes da coleção de Monteiro Lobato (Mario Sobbie, 2011). Grifo do autor.

Como podemos verificar, o blogueiro reconhece “bistunta” como uma palavra *daquelas antigas*, a qual não conhecia. Contudo, é identificada como um tipo de regionalismo do estado de Minas Gerais, bem como salienta que este deve ter sido usado costumeiramente por *antigas cozinheiras*, a ponto de imaginar que o termo já foi usado em algum momento na obra de Monteiro Lobato – possivelmente, na boca de Tia Nastácia, mulher negra que trabalhava como cozinheira no Sítio do Pica-pau Amarelo. Em uma reportagem do Programa de TV Mosaico Baiano⁵⁰, transmitida em 09/06/2020, “bistunta” também é reconhecido como

⁴⁸ <https://www.dicionarioinformal.com.br/bistunta/> Pesquisa realizada em janeiro de 2024.

⁴⁹ <https://ointrepidocozinheiro.blogspot.com/2011/03/vai-na-bistunta.html>. Pesquisa realizada em janeiro de 2024.

⁵⁰ <https://redeglobo.globo.com/redebahia/mosaicobaiano/noticia/conheca-expressoes-e-dialetos-tipicos-da-chapada-diamantina.ghtml>

um termo que faz parte dos dialetos típicos da Chapada Diamantina em oposição ao linguajar soteropolitano. Porém, diferente do Dicionário Informal, tanto o blogueiro quanto a reportagem do Mosaico Baiano, traz “bistunta” com a mesma acepção que encontramos na feira livre de Teixeira de Freitas, ou seja, “medida de cabeça”. Também encontramos “bistunta”, com a acepção de *avaliação aleatória, no chute* na obra *Termos e expressões do coloquial do cotidiano da zona rural no Brasil central no século XX* (2017), de Ismael David Nogueira e Armando Honório da Silva.

Entretanto, seguindo a pesquisa do Google, o termo “bistunta” desaparece, ou melhor, dá lugar ao termo “bestunta”. É justamente essa forma que consta na página do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp - versão 2022-2023), do site da *Academia Brasileira de Letras*, ou seja, uma página oficial. A nosso ver, “bistunta” é uma corruptela da forma oficial bestunta que, na página do Volp, vem seguido das formas: bestunção (substantivo feminino), bestuntamento (substantivo masculino), bestuntante (adjetivo), bestuntar (verbo), bestuntarias (substantivo feminino). Conforme o Dicionário Online do Português (2023), bestunta é a 3ª pessoa do verbo bestuntar, que significa *tirar do bestunto: É o que o patarata bestuntou e assegura.* (Rui Barbosa). Bestunto, por sua vez, significa *cachimônia, cabeça de pouco juízo.* No dicionário Online Priberam (2023)⁵¹, que traz formas tanto no português europeu (PT) quanto no português do Brasil (BR), bestunto é identificado como 1ª pessoa do indicativo do verbo bestunta como nome masculino que, informalmente, significa capacidade para pensar ou raciocinar (ex: *falta-lhe bestunto para perceber o que se passa*) e cabeça, cachimônia (ex: *passou-lhe muita coisa pelo bestunto antes de responder.*). Além disso, esse dicionário ainda traz aquilo que é definido como origem etimológica: besta + unto. Ou seja, temos uma palavra derivada, cuja base significa “animal irracional” ou “pessoa estúpida” e o sufixo significa “semelhante a” ou “propriedade de”.

Encontramos a palavra bestunta em referências mais antigas ainda, como na *Revista Novo Correio de Modas* (1852-1854), na qual temos novelas, poesias, recordações históricas, anedotas e charadas de circulação da cultura francesa no Rio de Janeiro em meados da década século XIX (Novo Correio das Modas, 1852-1854). Entre as seções da revista “Viagens, recordações histórias, anedotas e charadas”, nos deparamos com uma coluna, intitulada “Benta Bestunta”⁵².

Publicado por Eduardo e Henrique Laemmert em 1854, a coluna contava a história de Benta, a qual se tratava de uma parda, com mais ou menos quarenta anos, embora cativa, não

⁵¹ <https://dicionario.priberam.org/bestunto>

⁵² Extraído: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700053/PER700053_1854_001.pdf

tinha uma função específica na casa dos donos, ou seja, não era mucama, cozinheira, engomadeira, lavadeira, mas “era tudo isso, e mais que tudo isso.” Teve um papel fundamental, ao viajar a Portugal para testemunhar a origem nobre da filha de seus patrões mortos, com vistas a conseguir um casamento adequado à sua condição.

Nesta coluna, os autores não sabem o porquê da escolha do nome de Bestunta para Benta.

Na Figura 21, abaixo, temos uma imagem dessa revista, bem como a coluna sobre Benta Bestunta:

Figura 21: Correio das Modas (1838) e Novo Correio das Modas (1852-1854).



Fonte: Objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos, 2023.

A fim de verificar nossa suposição, enviamos um e-mail (Correio eletrônico) para a coordenação do site da *Academia Brasileira de Letras*, em novembro do ano de 2023, conforme mostra a Figura 22 abaixo. Perguntamos se o termo “bistunta” existe, tal como no exemplo: *O tempero é medido na bistunta*. Nesse caso, podemos atribuir esse vocábulo como um neologismo? Como podemos o considerar?

Obtivemos o seguinte como resposta: *Cara consulente, não há registro do termo em questão no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, (Volp), da ABL, tampouco nos*

principais dicionários. O termo dicionarizado é “*bestunto*”, de uso informal, que significa “*cabeça de pouco juízo*” – conforme podemos testificar na Figura 22:

Figura 22: E-mail recebido do (Volp - versão 2022-2023).



Fonte: E-mail pessoal da autora, 2023.

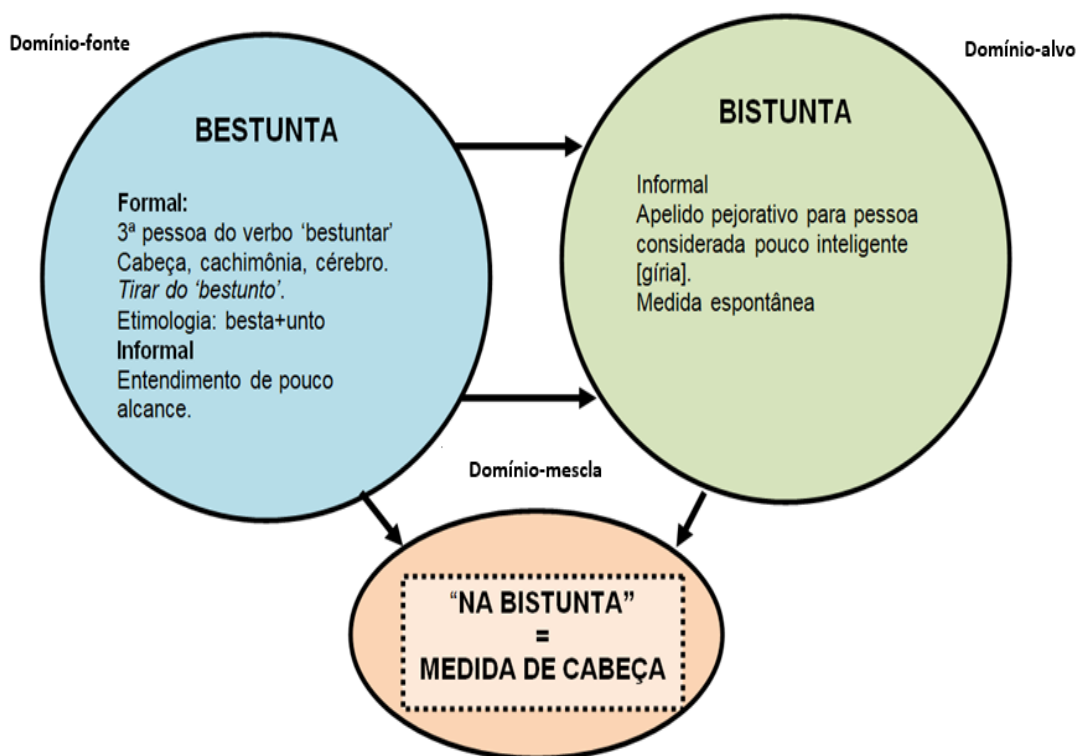
Diante disso, podemos afirmar que *bistunta* é um termo não dicionarizado formalmente, e nem mesmo é apontado como uma corruptela do termo oficial *bestunta*. Por outro lado, vimos que é um termo usado em vários lugares do país (interior da Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso), assim como podemos supor que *bistunta* é resultado, a princípio, de processos de formação que passam por extensões de sentido metafórica e/ou metonímica (Laroca, 2003, p. 78) que partem da forma convencionalizada *bestunta*. Nesse sentido, podemos afirmar que *bistunta* se trata de um neologismo.

Conforme Ieda Maria Alves (2004), uma forma neológica é resultado de um processo de criação de palavras novas que parte da criação de uma configuração nova ou da atribuição de um novo significado ou mudança categorial a uma estrutura já existente. No caso de *bistunta*, encontramos dois processos: um fonológico e um semântico. O primeiro envolve a corruptela

fonológica da forma *bestunta*, na qual temos a substituição da *vogal média anterior* [e] na primeira sílaba da palavra por uma *vogal oral alta anterior* [i], ou seja: b[i]stunta < b[e]stunta. O segundo envolve a presença de projeções figurativas, metáforas e metonímias do conceito de *bestunta* para *bistunta*.

Para efeitos de demonstração, tomemos a Figura 23 abaixo:

Figura 23: Projeções figurativas: *bestunta* < *bistunta*.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Na figura 22, no *domínio-fonte*, temos o conhecimento formal sobre o termo *bestunta*, ou seja, 3ª pessoa do verbo “bestuntar”, que significa “tirar do bestunto”, ou seja, tirar da cabeça. Assim como temos a acepção informal de “entendimento de pouco alcance.” Aqui, podemos identificar **projeções metafóricas do tipo ontológicas**, na qual fenômenos abstratos são compreendidos como entidades e substâncias (Lakoff e Johnson 2002, p. 75). Para entender *bestunta*, precisamos imaginar que dentro do *bestunto* (cabeça) há objetos para serem movimentados. Nesse contexto, entendemos que há duas projeções metafóricas: “CABEÇA É UMA CAIXA e PROPRIEDADES/IDEIAS SÃO OBJETOS” (Lakoff e Johnson 2002, p. 80-81). Entretanto, essa metáfora está assentada em uma projeção metafórica mais subjacente

ainda, cuja natureza também é ontológica: “O CORPO HUMANO É UM CONTAINER” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 29)⁵³. Contudo, o *domínio-fonte* se projeta em um segundo domínio: o *domínio-alvo* que constitui a corruptela *bistunta*, dada a sua natureza informal. Este também herda as projeções metafóricas do primeiro: “CABEÇA É UMA CAIXA e PROPRIEDADES/IDEIAS SÃO OBJETOS”. Neste *domínio-alvo*, *bestunto* (cabeça) por ser o “recipiente” de ideias e propriedade mapeia: “entendimento de pouco alcance” como uma propriedade negativa do ser, “pouca inteligência”, nos termos de (1) um nome (*Falta-lhe bestunto para perceber o que se passa e Você precisa parar de bistunta*); e (2) a ideia de “medida espontânea” que, por sua vez, exprime a capacidade de calcular, logo, uma propriedade da inteligência (*Nóis mede na bistunta.*). Tanto (1) como (2) são propriedades interpretadas como objetos depositadas na “cabeça”. O mapeamento entre *domínio-fonte* e *domínio-alvo* leva a um terceiro domínio, ao qual chamamos de *domínio-mescla*, já que projeta a expressão “na *bistunta* como medida de cabeça”.

4.4.3 Nomes de temperos da feira livre: composição e analogia

Especiarias e temperos são elementos fundamentais na culinária, acrescentando aroma, sabor e profundidade aos pratos. Esses ingredientes, geralmente de origem vegetal, são utilizados há milhares de anos em diversas culturas ao redor do mundo, não apenas para realçar o paladar dos alimentos, mas também para conservá-los e, em muitos casos, para fins medicinais. As especiarias referem-se especificamente a partes das plantas que são utilizadas para adicionar sabor aos alimentos, como sementes, cascas, raízes ou frutos secos, tais como: a canela, o cravo-da-índia, o cominho e a noz-moscada. Cada especiaria possui características únicas de sabor e aroma, resultantes de compostos químicos específicos presentes em sua composição. Já os temperos são misturas de diferentes especiarias, ervas e outros ingredientes, criando combinações que podem variar de acordo com a cultura culinária e as preferências individuais. Exemplos disso são o *curry* (uma mistura de especiarias típica da culinária asiática), o *herbes de Provence* (*blend* de temperos de origem francesa, típica da região de Provence), o *zaatar* (uma combinação de ervas do Oriente Médio, como o tomilho, a manjerona e o gergelim) e o *bouquet garni* (uma mistura de ervas proveniente da culinária

⁵³ Como explicam Lakoff e Johnson (1980, p. 29), “each of us is a container, with a bounding surface and an in-out orientation. We project our own in-out orientation onto other physical objects that are bounded by surfaces. Thus we also view them as containers with an inside and an outside”

francesa de ervas aromáticas como o tomilho, o louro e o salsão utilizada em pratos de cozimento lento, geralmente)⁵⁴.

A criação de misturas de temperos é uma prática comum em muitas culturas culinárias, refletindo não apenas o gosto pessoal do cozinheiro, mas também as influências históricas e culturais de uma região específica. Essas misturas podem ser vendidas em feiras, mercados ou lojas especializadas, muitas vezes, sob nomes específicos que refletem sua origem ou os ingredientes predominantes na mistura. Por exemplo, a “*ras el hanout*”, mistura de especiarias originária do norte da África, pode incluir uma ampla variedade de ingredientes, como: pimenta, coentro, cominho, canela, cardamomo e gengibre. Já o “*garam masala*”, um tempero comum na culinária indiana, pode conter cravo-da-índia, canela, cardamomo, cominho e pimenta-do-reino, entre outros ingredientes. Essas misturas não apenas simplificam o processo de preparação de alimentos, como também oferecem uma maneira única de explorar e experimentar diferentes sabores e aromas. Além disso, elas proporcionam uma conexão tangível com as tradições culinárias de uma determinada região, permitindo que os cozinheiros criem pratos autênticos e saborosos que celebram a diversidade e a riqueza da culinária global (Catarina, 2020)⁵⁵.

As especiarias têm desempenhado um papel fundamental na história da humanidade, desde os tempos antigos até os dias atuais. Entre eles, podemos destacar: (i) na Antiguidade, povos como os egípcios, os gregos e os romanos, as valorizavam por suas propriedades aromáticas, medicinais e preservativas, as quais eram usadas em rituais religiosos, medicina tradicional, culinária e embalsamamento; (ii) era um dos principais produtos negociados ao longo das antigas rotas comerciais, como a Rota da Seda, que ligava o Oriente Médio à Ásia, e a Rota das Especiarias, que conectava o Oriente Médio e a Índia com a Europa; (iii) foi um dos motivos que precipitou o projeto colonial dos séculos XV e XVI, capitaneadas por nomes como Vasco da Gama e Cristóvão Colombo – nesse contexto, podemos destacar o papel que esse movimento implicou nos processos de Colonização (Jean-Marie Pelt, 2003).

No Mercado de Teixeira de Freitas encontramos uma ampla variedade de misturas de temperos e especiarias, desde as misturas tradicionais como o tempero baiano, (mistura de cebola, alho, cominho e sal), passando por aquelas inspiradas em diferentes culinárias do mundo como por exemplo o *curry* (mistura de várias especiarias tais como: manjerição, coentro, gengibre, páprica, cominho, cúrcuma, pimenta-do-reino, cravo, canela, cardamomo e

⁵⁴ <https://viveirosabordefazenda.wordpress.com/2014/09/10/condimentos-pelo-mundo-mistura-de-sabores-e-aromas/>

⁵⁵ <https://www.mariagranel.com/blog/184-trio-de-sabor-garam-masala-ras-el-hanout-e-tandoori>

noz-moscada), até criações inovadoras e personalizadas pelas feirantes, as quais recebem nomes inusitados como estratégias de venda. Ou seja, para comercializar suas misturas de forma eficaz, as feirantes atribuem nomes criativos e provocativos a cada uma delas, destacando os ingredientes principais, suas origens ou até mesmo histórias por trás da receita. Esses nomes não só ajudam a diferenciar os produtos, mas também despertam o interesse dos clientes e convidam à exploração de novos sabores e combinações. Por exemplo: uma mistura de especiarias com influência indiana pode ser batizada de “*Taj Mahal Spice Blend*”, evocando a majestade e os sabores exóticos da Índia; outra, inspirada na cozinha mexicana recebe o nome de “*Fiesta Mexicana Blend*”, transmitindo a energia e a alegria das festividades mexicanas; por outro lado, há uma mistura tradicional na feira do “Mercadão” de Teixeira de Freitas - BA chamada de “chamego da cozinha”, perfeita para assados e grelhados. O nome sugere que é uma receita de tempero feito de forma artesanal pelos feirantes locais.

No excerto 11, a seguir, temos os nomes de vários temperos criados por uma das informantes da pesquisa, bem como especiarias e temperos mais tradicionais, comercializados por ela:

Excerto 11:

☞ (bpubdl06) *LUA [86]: Fala pra nós/ Dona Maria. //

☞ (bpubdl03) *MBOL: [87]: O nome dos temperos//

☞ (bpubdl06) *LUA: [88]: Um pouquinho dos nomes;/ os secos e molhados/ a senhora falou os ingredientes/ agora fala os nomes.//

☞ (bpubdl03) *MBOL: [89]: Aqui é o baiano com pimenta do reino, / esse aqui /é o **pega marido**, /**Ana Maria**, / **chame chure**,/ **tempero do Guedes**/ **tempero do chefe**, / cominho, /coentro,/ pimenta, /tem páprica, /páprica doce, /páprica picante, /páprica defumada,/ erva doce, /pimenta inteira do reino/ e o cominho inteiro também do reino,/ e tem o cominho moído,/ coentro moído, /açafraão, /coentro vermelho pra plantar/ o branco pra comer//

☞ (bpubdl03) *MBOL: [91]: É pra plantar. /O coentro vermelho pra plantar. / Ai/ já vem os temperos: /alho machucado com pimenta de cheiro, /tem alho puro sem pimenta de cheiro, / o verdinho com coentro caroço, / coentro de folha e alho/ tem sal grosso pra churrasco /**chamego da cozinha** /**repete-prato**, / tem o **baiano** com pimenta do reino /e **baiano** sem pimenta do reino /e os vermelhos /que é o com páprica/ pra fazer carne e feijão. Cebola, alho, cominho// (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 03 MBOL, 2023).

No contexto do excerto 11, temos: *pega marido*, *Ana Maria*, *chame chure*⁵⁶, *tempero do Guedes*, *tempero do chefe*, *chamego da cozinha*, *repete-prato*, *baiano*. Além desses nomes

⁵⁶ Corruptela de *chimichurri*, famoso molho picante argentino destinado ao preparo de churrascos e grelhados. Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chimichurri>.

inusitados, as feirantes do Mercado Municipal, muitas vezes, oferecem amostras generosas de suas misturas, permitindo que os clientes experimentem os sabores antes de fazerem sua escolha. Essa interação direta não só cria um ambiente de confiança e proximidade entre as feirantes e os clientes, como também proporciona uma experiência sensorial que aumenta o apelo das misturas – logo, das vendas diretas.

Como podemos constatar, nessa feira livre de Teixeira de Freitas, entre barracas coloridas e os aromas, os temperos exibem nomes que parecem ter sido retirados de um livro de contos de fadas culinário. São denominações que não apenas descrevem os sabores e aromas que prometem, mas também provocam a imaginação dos visitantes. Esses nomes criados pelas feirantes são frutos de um processo criativo complexo que envolve a *composição vocabular* (Laroca, 2005) quanto a replicação via analogia, conceitos explorados pela autora Margarida Basílio (1997) em seus estudos sobre os processos cognitivos envolvidos na formação de palavras.

Conforme Laroca (2005, p.78), a composição vocabular “implica a junção de duas ou mais palavras, com ou sem redução de estrutura mórfica”. Assim sendo, temos três estratégias identificadas: (a) justaposição de bases livres ou presas; (b) aglutinação de bases; e, por fim, (c) truncamento (de “*blend*” ou “*palavra-portmanteau*”). Já Basílio (2004, p. 29) diz que o “que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que, das bases que se juntam para formar uma palavra, cada uma tem seu papel definido pela estrutura”. A autora ainda pontua que estruturas cuja formação envolve “verbo + substantivo, o substantivo tem função análoga à de objeto direto do verbo” (2005, p. 29). Nos dados, temos ocorrências como “repete-prato” – ou: “*O menino repete o prato*”, no qual o termo *prato* é núcleo do objeto direto do verbo “repete”. Posto isso, quando observamos os dados oriundos do *corpus*, podemos dizer que quase todos os termos criados pelas feirantes resultam de processos de composição vocabular por *justaposição de bases livres*, quais sejam: pega-marido, pega-esposa, Ana Maria, chamego da cozinha, repete-prato, tempero do Guedes e tempero do chefe.

Contudo, ao observar os dados, podemos identificar uma diferença na expressão da forma dessas palavras: (1) *pega-marido, pega-esposa, repete-prato* recebem “hífen”, portanto, são identificadas como *palavras compostas*, ou seja, aquelas que possuem mais de um radical; ao passo que (2) *Ana Maria, chamego da cozinha, tempero do Guedes, tempero do chefe*, temos aquilo que Maria Tereza Camargo Biderman (1978 *apud* Laroca, 2005, p. 22) denomina como *lexias complexas*, ou seja, “evidentes amostras de composição sintagmática” - ou seja, esses termos formam uma unidade, na qual qualquer acréscimo decompõe a estrutura,

transformando-a em um outra coisa, outra referência. As interações cotidianas estão cheias disso: cartão de crédito, cesta básica, mãe solo, etc.

Dos termos levantados, apenas um nome de tempero parece fugir à regra: “baiano”. No excerto 11, temos uma sequência construída pela informante da seguinte forma: [87]: O nome dos temperos/[...]. [89]: *aqui é o baiano com pimenta do reino / esse aqui [...]* [91] *tem o baiano com pimenta do reino / e baiano sem pimenta do reino*”. Pelo contexto, explicitado em [87], temos a elipse do termo “tempero” em [89] e [91], ou seja, “tempero baiano”. Dada a sua forma, poderíamos classificá-la como uma lexia complexa. No entanto, se a falante conseguiu fazer referência, mesmo omitindo parte de sua forma (*Ø baiano*), então rompe-se com a “composição sintagmática” do termo. Isso seria impossível com “mãe solo” ou “tempero do Guedes”, por exemplo. Em outras palavras, há outros traços envolvidos na construção do termo “baiano” que, aparentemente, não estão presentes nos outros termos. A nosso ver, passa por aquilo que Laroca (2005), dentro dos processos de formação de palavras, define como *recursos semânticos*. Nesses há as extensões de sentido metonímicas, ou seja, quando a parte é interpretada pelo todo. Os exemplos mais comuns é o emprego do nome da marca pelo produto: lâmina de barbear < *gilete* (Gillete), fotocópia < *xerox* (Xerox), esponja de aço < *bombril* (Bombril), etc. Conforme a autora, esse tipo de processo também é identificado como *derivação imprópria* ou *conversão* (Laroca, 2005, p.78). No caso de tempero baiano, o termo baiano comporta-se ora como substantivo ora como adjetivo, contudo, o traço *gentílico*, ou seja, que designa origem sempre está presente: (1) *O baiano não deixou barato* e (2) *O tempero baiano possui sabor e aroma intenso*.

Como vimos, há vários processos complexos envolvidos na formação dos nomes usados para identificar os temperos da feira. Isso envolve processos cognitivos. Nos termos de Margarida Basílio (1997), esses podem ser identificados como processos analógicos. Em seu artigo “O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais” (1997), Basílio discute a influência da analogia na formação do léxico, ou seja, no conjunto de palavras de uma língua. A autora argumenta que, ao contrário do que tradicionalmente se pensa, muitas palavras não são formadas por regras gramaticais rígidas, mas sim por analogia com outras palavras já existentes na língua. Ela defende a ideia de que as palavras são formadas com base em padrões ou clichês lexicais, que servem de modelos mentais aos falantes, ou seja, criar novas palavras com base em palavras semelhantes já existentes. Esses clichês lexicais são mais flexíveis do que as regras gramaticais tradicionais, permitindo aos falantes adaptar a língua de forma criativa e dinâmica. Essa abordagem enfatiza a importância da experiência linguística e do contexto cultural na formação e compreensão do léxico.

Basílio (1997), em seus estudos sobre linguagem e cognição, aborda o mecanismo da analogia como um processo fundamental na compreensão e produção linguística. A analogia, segundo Basílio, é um mecanismo cognitivo que envolve a transferência de um padrão ou estrutura de um contexto conhecido para um contexto novo ou desconhecido.

No contexto da linguagem, a analogia opera de várias maneiras. Por exemplo, ao encontrar uma palavra desconhecida, podemos recorrer a palavras semelhantes que já conhecemos para inferir seu significado. Esse processo de analogia baseia-se na semelhança fonética, morfológica ou semântica entre as palavras, permitindo-nos fazer suposições sobre o significado de novos termos com base em palavras familiares. A esse respeito, Basílio (1997, p. 17) afirma: “[...] o mecanismo por analogia capta a competência do falante no sentido de recuperar o significado e condições de operação semântica de regras, digamos, de morfologia morta e semântica viva”.

Além disso, a analogia também desempenha um papel na criação de novas palavras e expressões. Por exemplo, ao formar um novo termo composto, podemos usar padrões linguísticos existentes para combinar elementos familiares e criar algo novo e significativo. Esse processo de formação de palavras por analogia permite que a língua se expanda e se adapte às necessidades comunicativas dos falantes. No caso dos nomes inventados dos temperos na feira do Mercado de Teixeira, o mecanismo da analogia é evidente na criação de denominações que seguem padrões reconhecíveis, como “especiaria + nome de artista”, nos quais elementos linguísticos familiares são combinados de maneiras novas e criativas para evocar associações específicas relacionadas aos sabores, origens ou características dos temperos. Em Basílio vemos que:

Existem pelo menos três proposições definidas para a representação do fenômeno das relações lexicais e formação de palavras. A primeira é a do estruturalismo americano, em que itens lexicais são concatenações morfológicas. Na segunda, implícita no tratamento da gramática tradicional e em uso corrente explícito na teoria gerativa, o léxico tem um componente de Regras de formação de Palavras, que operam sobre palavras previamente existentes, interpretando sua estrutura e/ou formando novas palavras. A terceira possibilidade é o princípio clássico da analogia, proposto por Saussure para o tratamento das relações e produtividade lexical (Basílio, 1997, p. 9).

Assim, de acordo com Basílio (1997), a analogia é um mecanismo cognitivo poderoso que desempenha um papel fundamental na compreensão, produção e expansão da linguagem, permitindo-nos fazer conexões entre conceitos familiares e contextos novos ou

desconhecidos. Segundo a autora, o Princípio Analógico (doravante PA) “serviria não apenas para dar conta da produtividade lexical, mas também da criatividade” (Basílio, 1997, p. 11). Criatividade essa que pode ser usada na criação dos nomes dos temperos encontrados na feira, em que são feitas construções neológicas.

Os processos de formação envolvidos na composição vocabular e sua replicação via analogia, conforme descritos pela autora, refere-se à criação de novas palavras combinando partes de palavras existentes. Isso pode ocorrer de várias maneiras, incluindo a combinação de prefixos, sufixos e radicais para formar palavras compostas ou derivadas. Por exemplo, “guarda-chuva” é formado pela combinação de “guarda” e “chuva”. Esse processo é fundamental na expansão do vocabulário de uma língua, permitindo a criação de palavras para descrever conceitos novos ou específicos e por replicação via analogia. Na formação de palavras, isso pode envolver a aplicação de um padrão ou estrutura gramatical de uma palavra conhecida para formar uma nova palavra que segue um padrão semelhante. Por exemplo, a formação de “carroceiro” e “padeiro” pode ocorrer por analogia com outras profissões que terminam em “-eiro”, como “marceneiro” ou “pedreiro”. O mesmo ocorre com os termos destacados desse *corpus*. Para efeito de exemplificação, observemos os dados a seguir:

Excerto 12:

- ☞ (bpubdl03) *MBOL: [75]: E aí meu coração, /quer o **pega-marido**? /É tem **pega –marido**//
- ☞ (bpubdl05) *DEI: [76]: Ah, /explica então/ pra gente o nome dos temperos/. Achei interessante. //
- ☞ (bpubdl03) *MBOL: [77]: Esse aqui é o **pega marido**,/ é?//
- ☞ (bpubdl03) *MBOL: [78]: Não/ o pega marido é esse/, ó/. Tem **Ana-Maria**//**Ana- Maria** é esse./ **Tem tempero – do - Quedes**, / **chame – chure**,/ **tempero – do - chefe**./ O **pega mulher** acabou, /o **pega- esposa** terminou. / O **Ana Maria** é esse./ Aí/ o **pega esposa** /vendeu tudo, /eu tenho que fazer mais./ Cinco reais/ que mais? / É cinco. / E o **pega-marido** vai levar? //
- ☞ (bpubdl07) *CLI: [79]: **Pega Maria**//
- ☞ (bpubdl03) *MBOL: [80]: **Marido**//
- ☞ (bpubdl03)*MBOL: [81]: **Pega –marido**://
- (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 03 MBOL, 2023).

Nomes como “pega-marido” e “pega-esposa” utilizam associações diretas com relacionamentos afetivos para sugerir que o tempero é tão irresistível que conquista até mesmo os paladares mais exigentes. Já expressões como “chamego da cozinha” e “repete-prato” descrevem os efeitos desejados do tempero, transmitindo a ideia de que ele adiciona um toque especial à comida e é tão delicioso que faz as pessoas repetirem o prato. Além disso,

nomes como “Ana Maria”, “baiano”, “tempero do Guedes” e “tempero do chefe” podem ser interpretados como referências pessoais, regionais ou mesmo comerciais, adicionando um toque de familiaridade, autenticidade e exclusividade aos produtos. Em outros termos, os nomes dos temperos na feira do Mercado de Teixeira de Freitas, Bahia, ilustram a riqueza e a complexidade dos processos de formação de palavras, evidenciando como os falantes utilizam recursos linguísticos e cognitivos para criar denominações que não apenas descrevem os produtos, como também são pensados como estratégias comerciais para chamarem a atenção dos visitantes da feira – possíveis compradores.

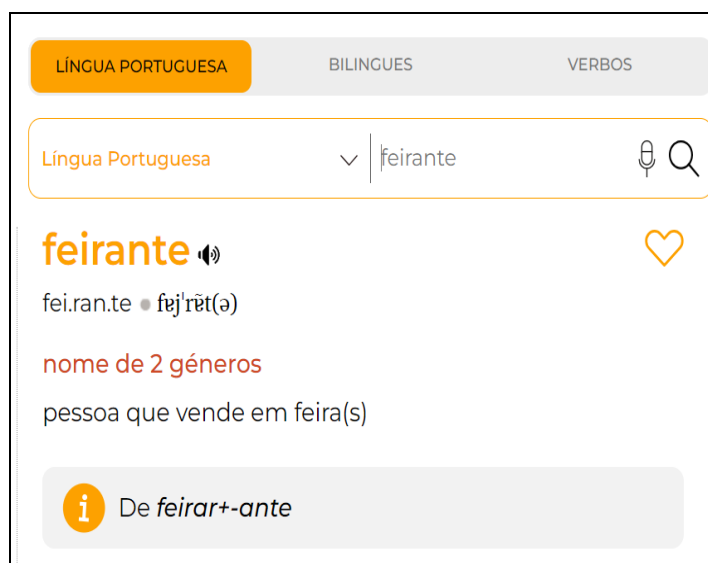
4.4.4 Feirante: a contigência da classe e do gênero do protagonista da feira

Conforme seção 2.4, deste estudo, a feira livre teve a sua origem na Idade Média e não deixa de ser um espaço de resistência popular, como bem destaca Vieira (2004), já que tais espaços vêm sobrevivendo aos processos modernizantes impostos pela globalização. Embora possamos encontrar produtos industrializados em suas bancas, prevalecem ainda os produtos agrícolas tradicionais trazidos pelos produtores rurais das redondezas de cada feira que, quando não vendem diretamente a sua produção, negociam a sua venda com o protagonista desse espaço: o feirante. Como campo de trabalho, considerando o surgimento das feiras no período medieval, podemos afirmar que feirante, aquele profissional que vende produtos artesanais ou da agricultura familiar em uma barraca ou banca na feira, é uma profissão relativamente antiga, que vem atravessando as transformações da história do próprio trabalho humano, já que profissões surgem e desaparecem, a exemplo do “datilógrafo”.

Segundo concepções das gramáticas tradicionais, a palavra *feirante* resulta de um processo de sufixação morfológica, designando um substantivo de dois gêneros. Etimologicamente, o sufixo (-nte) tem origem do latim (-ns, -ntis), desinência do participio presente que, na língua portuguesa, resultou em adjetivos ou substantivos deverbais (formados a partir de verbos) com a noção de ‘agente’, como em *assaltante*, *ouvinte*, *servente*. Ou seja, junção entre a base verbal ao sufixo “-nte”.

Tal acepção pode ser encontrada, inclusive, em um dicionário online como o *Infopédia* (2024):

Figura 24: Descrição do termo feirante⁵⁷



Fonte: Infopédia, 2024.

Entretanto, Bechara (2009) observa que o termo feirante (*feirar+ante*), como base verbal, não se atualiza na língua. Em outras palavras, dificilmente encontraríamos um falante acessar ‘feirar’ para interpretar as formas sufixais com *-nte* correspondentes. Essa condição, aparentemente arbitrária, a princípio, seria apenas uma manobra teórica para negar a existência de bases nominais associadas a *-nte*. Nesse contexto, encontramos termos como ‘bandeirante’ (*bandeira+nte*), e ‘cadeirante’ (*cadeira+nte*).

Conforme apresentamos até o momento, o léxico feirante é formado por processo de derivação sufixal. Com o sufixo colocado depois do radical são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis. Existem dois grupos de sufixos formadores de substantivos em português: (1) nomes de ação e (2) nomes de agente. Nesse último grupo, destacasse *-nte*. De acordo com Bechara (2009, p. 439), “para a formação de nomes de agentes”, a exemplo da palavra **feirante** (profissão), o sufixo *-nt* (e) anexa-se ao tema do presente da base verbal (*feirar > feirante*). Contudo, o sufixo combina-se a bases verbais, preferencialmente, não eruditas que, quanto às suas estruturas morfológicas, constitui-se do seguinte tipo: bases simples derivadas (*feirar/feirante*). Aqui segue outros exemplos: *oxidar < oxidante*, *parodiar < parodiante*.

Os sufixos, ao se unirem a um radical, modificam a classe gramatical da palavra, ou seja, o significado de um verbo pode migrar para um substantivo. Além de formar novas palavras que podem indicar: ação, como em *formatura*; agente, profissão, **feirante**; lugar,

⁵⁷ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/feirante>

dormitório e cemitério; qualidade e estado, *sensatez e beleza*; ciência, doutrina, *budismo e geometria*; intensidade, como os sufixos de grau, em *lindíssimo* (Pantuzzo, 2016 p. 6).

Na Tabela 14, apresentamos algumas características do léxico Feirante com base em Houaiss (2001):

Tabela 14: Vocábulo feirante (-nte) de acordo com Houaiss (2001).

Palavra	Classe gramatical	Língua de origem	Data	Formação da palavra	1ª significação no dicionário	Paráfrase
Feirante	Sb. e adj.	Português	1836	Feirar + -nte	Pessoa que vende em feira	“(pessoa) que Xv” (Y) “pessoa que V em X” (Y)

Fonte: Elaborado pela autora com de acordo com Houaiss (2001), 2023.

Para fundamentar melhor nossa perspectiva de raciocínio, retomamos a gramática de Cegalla (2009), na qual encontramos a seguinte definição do sufixo “-nte”:

(...) -nte

Denotam profissão, ofício, agente: bibliotecário, pedreiro, vendedor, agrimensor, professor, inspetor, ajudante, escrevente, ouvinte, pedinte. Formam também adjetivos. Exemplos: contrário, rodoviário, previdenciário, lisonjeiro, consolador, produtor, confiante, recente, seguinte (Cegalla, 2009, p. 103).

Nesse sentido, “feirante” é um substantivo que se refere a uma pessoa que trabalha em feiras, geralmente vendendo produtos como frutas, legumes, roupas, artesanato, entre outros. Essa palavra é comumente utilizada para descrever aqueles que têm barracas ou espaços em feiras livres ou mercados, onde comercializam produtos diretamente aos consumidores, desempenhando um papel essencial na distribuição de produtos e na dinâmica econômica e social das comunidades. Além disso, a palavra “feirante”, considerada nesse contexto como um profissional, também carrega conotações culturais e sociais, refletindo um estilo de vida e uma tradição de comércio em espaços públicos que remonta a séculos nas feiras livres em muitas sociedades (Dantas, 2007). Esses profissionais frequentemente têm um conhecimento

profundo sobre os produtos que vendem e desenvolvem relações próximas com os clientes ao longo do tempo.

Dentro da tradição gramatical, e com base nos dicionários da língua portuguesa, podemos encontrar análises sobre o sufixo “-nte” e suas formações em palavras como “interessante”, “surpreendente”, entre outras. No entanto, esses estudos podem variar em profundidade e foco, dependendo do autor e do contexto em que foram realizados. Normalmente, os dicionários da língua portuguesa fornecem informações sobre a etimologia das palavras, incluindo a origem dos sufixos e seus significados. Eles também podem oferecer exemplos de uso e definições para ajudar os falantes a entenderem o significado das palavras. Além disso, dentro da tradição gramatical, os estudos sobre sufixos como *-nte* podem abordar questões relacionadas à morfologia, sintaxe e semântica. Isso inclui a análise da formação de palavras, suas funções gramaticais, variações de significado de acordo com o contexto, entre outros aspectos.

É importante ressaltar que a tradição gramatical muitas vezes se concentra na descrição normativa da língua, ou seja, em como a língua “deve” ser utilizada de acordo com as regras estabelecidas. No entanto, também existe a possibilidade de encontrar abordagens descritivas que buscam compreender como a língua é de fato utilizada pelos falantes, levando em consideração sua diversidade e variação. Portanto, os estudos sobre as formações em “-nte” baseados nos dicionários da língua portuguesa podem oferecer uma visão abrangente sobre esses sufixos e suas contribuições para o léxico e a gramática da língua, embora a profundidade e o enfoque desses estudos possam variar de acordo com a fonte e o autor.

Aqui propomos uma análise das construções agentivas deverbais em (*-nte*), tomando como ponto de partida o trabalho de Ana Maria Tavares dos Santos (2005) intitulado “Uma Abordagem Sociocognitivista da Rede de Construções Agentivas Deverbais X-NTE”. A partir da análise do substantivo “feirante”, buscaremos ampliar a compreensão das características e do funcionamento dessas construções, considerando seus aspectos morfológicos, semânticos e sociocognitivos.

O trabalho de Santos (2005) oferece uma análise profunda sobre a inter-relação entre agentes verbais e a estruturação sociocognitiva de suas ações. A pesquisa transita nas nuances das construções verbais *x-nte*, explorando como essas construções são formadas e como influenciam a percepção e a interação dos agentes na rede sociocognitiva.

Ao adentrar no capítulo 4 desse estudo, somos conduzidos a uma reflexão sobre a complexidade das relações entre os agentes e o contexto em que estão inseridos. Santos (2005) destaca a importância de compreender não apenas a ação do agente verbal, mas

também os aspectos cognitivos e sociais que permeiam essa ação. Essa abordagem sociocognitiva nos convida a transcender uma visão simplista das interações verbais e a considerar as múltiplas camadas de significado e influência que as cercam.

A autora demonstra como as construções verbais (*x-nte*) atuam como elementos-chave na estruturação da rede sociocognitiva, servindo como veículos de representação e negociação de identidades, poder e relações de dominação. Essas construções não apenas comunicam uma ação, mas também refletem e moldam as percepções e atitudes dos agentes envolvidos.

Nesse sentido, a pesquisadora Ana Maria Tavares dos Santos (2005) oferece uma contribuição significativa para os estudos sociocognitivos e linguísticos, ao destacar a importância de uma abordagem holística que considere tanto os aspectos cognitivos quanto os sociais na análise das interações verbais. Ao emergir nas intrincadas dinâmicas da rede de construções agentivas verbais (*x-nte*), somos confrontados com a complexidade e a riqueza das relações humanas, destacando a necessidade de uma compreensão mais profunda e abrangente das práticas comunicativas em nossa sociedade.

Tomando como base a análise morfológica e semântica, as construções agentivas deverbais em *-nte* são formadas por um verbo transitivo direto ou indireto que é sufixado por (*-nte*). O sufixo *-nte* pode ser interpretado como um operador que converte o verbo em um substantivo que denota o agente da ação verbal. No caso de “feirante”, o verbo de base é “feirar”, que significa “vender em feira”. O substantivo “feirante” denota, portanto, o agente da ação de “feirar”, ou seja, a pessoa que vende produtos em feiras. Nesse sentido temos uma “CONSTRUÇÃO DE PERSONIFICAÇÃO” (Santos, 2005, p. 95-96).

De acordo com Santos (2005), em termos semânticos, as construções agentivas em *-nte* podem ser classificadas em dois tipos principais:

- (1) **Agentivos prototípicos:** denotam agentes que realizam a ação verbal de forma habitual ou profissional. No caso de “feirante”, podemos considerá-lo um agente prototípico, pois este termo se refere a uma pessoa que trabalha regularmente vendendo produtos em feiras. Os agentivos prototípicos são aqueles que se referem a agentes que realizam a ação verbal de forma habitual ou profissional.
- (2) **Agentivos não prototípicos:** denotam agentes que realizam a ação verbal de forma ocasional ou circunstancial.

Santos (2005) propõe uma análise sociocognitivista da rede de construções agentivas em *-nte*. A autora argumenta ainda que a produtividade e a polissemia dessas construções são resultado da interação entre fatores linguísticos e sociocognitivos.

Do ponto de vista linguístico, a autora destaca o papel do sufixo (*-nte*) como um operador morfológico que converte verbos em substantivos agentivos. O sufixo (*-nte*) possui um significado genérico de “agente”, mas sua interpretação específica depende do contexto sociocognitivo em que é utilizado.

Do ponto de vista sociocognitivo, Santos (2005) postula que as construções agentivas em (*-nte*) são resultados de processos de categorização e prototipização. Os falantes categorizam as ações verbais e os agentes que as realizam de acordo com seus conhecimentos e experiências. Essa categorização leva à formação de prototípicos, que são modelos mentais que representam as características essenciais de uma categoria.

No caso de “feirante”, o prototípico é composto pelas seguintes características: (1) Pessoa que vende produtos em feiras; (2) Trabalhador autônomo; (3) Tem conhecimentos sobre os produtos que vende e (4) Interage diretamente com os clientes.

Desta forma, a análise do substantivo “feirante” nos permite aprofundar a compreensão das construções agentivas deverbais em (*-nte*). Essa análise demonstra que essas construções são complexas e multifacetadas, envolvendo aspectos morfológicos, semânticos e sociocognitivos. Para Santos a análise sociocognitivista evidencia que as construções agentivas em *-nte* são resultado da interação entre fatores linguísticos e sociocognitivos. (Santos, 2005).

Nesse sentido a abordagem sociocognitivista proposta por Ana Maria Tavares dos Santos (2005) oferece uma ferramenta valiosa para analisar a produtividade e a polissemia dessas construções. Essa abordagem demonstra que as construções agentivas em (*-nte*) são resultados da interação entre fatores linguísticos e sociocognitivos.

A presente análise também se debruça sobre a categoria profissional “feirante” sob a ótica da Hipótese Sociocognitiva, proposta por Salomão (1997, 1999). Essa proposta demonstra que a relação entre classe social e agentivos denominais é complexa, corroborando com os achados de Carmo (2005) e Santos (2005).

Para tanto, serão considerados os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) da Feira livre e a polissemia das construções agentivas denominativas em *-nte*, com base na dissertação de Carmo (2005). A partir dessa perspectiva, discutimos a relação entre classe social e a pirâmide dos agentivos denominais na construção “feirante”, buscando compreender como os

conhecimentos socioculturais se organizam e influenciam a construção de significados em torno dessa profissão.

A categoria “feirante” está geralmente associada a uma classe social baixa, devido à baixa remuneração, à informalidade do trabalho e à falta de acesso a benefícios sociais. Essa associação pode ser observada na pirâmide dos agentes denominais proposta por Carmo (2005), que a nosso ver, coloca “feirante” na base da pirâmide, o que reflete a associação dessa profissão a uma classe social baixa, junto a outros profissionais de baixa qualificação e renda. No entanto, é importante reconhecer a diversidade e a importância social do trabalho do feirante, que garante o acesso da população a alimentos frescos e diversificados a preços acessíveis. Diante do exposto, podemos afirmar que:

(i) A categoria “feirante” é complexa e heterogênea, não podendo ser reduzida a estereótipos relacionados à classe social.

(ii) O trabalho do feirante possui uma importante função social, contribuindo para a segurança alimentar da população. A análise da linguagem, por meio da Hipótese Sociocognitiva, pode contribuir para a desmistificação de estereótipos e para a valorização de profissões importantes para a sociedade.

Em Teixeira de Freitas, Bahia, a feira livre do Mercado é um importante espaço de trabalho e convivência para pessoas de baixa renda, sobretudo mulheres. É notório que o trabalho na feira compreende uma atividade física e exaustiva, que requer esforço e dedicação. Nos dados do *corpus* de estudo, as feirantes expressam que trabalham longas horas, sob condições climáticas adversas, e decerto ficam sujeitas e/ou submetidas a situações de assédio moral e sexual. No excerto 12 podemos comprovar a afirmação através dos dados da informante 03 MBOL:

Excerto 12:

☛ (bpubdl06) *LUA: [59]: Do Mercado Municipal/, sempre foi nesse ponto aqui que a senhora teve?//

☛ (bpubdl03)*MBOL: [60]: Não./ Nós começou na Pausoeira/, tinha que carregar pau nas costas/, botar lá embaixo na igreja/ lá no Buraquinho/, chovendo/, carregando banca pra lá e pra cá/. Aí depois que/ eh/ fizeram a barraquinha de pau pra mim/, era tampada de pau. //

☛ (bpubdl05)*DEI: [61]: Por que Pausoeira? //

☛ (bpubdl03)*MBOL: [62]: É pau/. Só tinha pau aqui. / Não tina barraca assim./ É barraca de pau/ Só tinha pau aqui/ Não tinha barraca/, é pau/. É cruzeta/, tinha que tirar as lona, / e ter um lugar certo pra colocar/, pagar/. Aí tinha que tirar as pressas. / E aí era um sofrimento/. Aí depois veio pra aqui/ tipo um tiosquinho de pau/. Aí eles não quis aceitar mais de pau/. Tinha que fazer levantado assim/ que nem essa/. Aí quebrou o galpão todo/ naquele tempo tava numa muvuca //tinha que tirar a lona; /e tem um lugar

certo pra colocar. / A vida da feira é dura minha fia/ A gente sofre mais é feliz// (Trecho extraído do *corpus* de estudo, informante 03 MBOL, 2023).

Diante desses fatos, podemos dizer que a atividade das feirantes pode estar associada a uma realidade de contingência possível de análise sob o prisma da **classe social** e também do **gênero**. Vamos abordar cada um desses aspectos pelo viés de uma visão de uma sociedade regida por um sistema capitalista. O primeiro é a contingência de **classe social**. De acordo com as proposições de Carlos Antônio Costa Ribeiro (2014), a classe social é uma ideia estabelecida nos contextos laborais em que as pessoas se encontram, além de uma identidade cultural e oportunidades de vida correlatas nessas relações.

Neusa Salim Miranda (1980), por sua vez, afirma que o conceito de classe não apenas estrutura a sociedade em termos da divisão do trabalho, como também estrutura a pirâmide denominal dos agentes do português brasileiro (PB). Sendo assim, muitos feirantes se encontram nessa ocupação devido a limitações de oportunidades de emprego ou como uma alternativa de sustento diante de condições econômicas desfavoráveis. Muitas vezes, a atividade de feirante representa uma opção para indivíduos que não têm acesso a empregos formais ou que precisam complementar a renda familiar. O segundo plano, tratado aqui, diz respeito a contingência de **gênero**. Historicamente, a ocupação de feirante tem sido associada a um número significativo de mulheres. Para Patrícia Quirino Rocha e Maria Augusta Mundim Vargas (2021, p. 266) “as mulheres estão e são feirantes como resultado de conquistas travadas desde o ambiente doméstico até os locais públicos, a feira, por exemplo”. Em muitos casos, especialmente em contextos culturais tradicionais, as mulheres desempenham um papel preponderante nessas atividades, vendendo produtos agrícolas, alimentos ou outros produtos na feira. Isso está relacionado a dinâmicas sociais, papéis de gênero e distribuição desigual de oportunidades de trabalho.

Considerando que o modelo de sociedade no qual vivemos possui nuances e complexidades em relação às mulheres trabalhadoras, de modo geral, variando de acordo com fatores culturais, econômicos e sociais, podemos afirmar que as mulheres que trabalham nas feiras desempenham papéis significativos e desafiadores. Posto isto, alguns pontos relevantes incluem aqui destaque baseados em Gustavo Venturi e Marisol Recamán (2004):

- (1) **Desigualdade de gênero:** em muitos lugares, as mulheres enfrentam desafios de desigualdade de gênero, incluindo disparidades salariais, acesso desigual a oportunidades econômicas e discriminação no local de trabalho. Isso também se

reflete nas feiras, onde as mulheres podem enfrentar obstáculos para acessar recursos, direitos trabalhistas e reconhecimento por seu trabalho;

- (2) **Empoderamento econômico:**⁵⁸ as feiras podem representar uma oportunidade crucial para o empoderamento econômico das mulheres. Muitas mulheres encontram nessas atividades uma forma de gerar renda para suas famílias e adquirir independência financeira;
- (3) **Dupla jornada de trabalho:** muitas vezes, as mulheres trabalhadoras da feira enfrentam uma “dupla jornada”, equilibrando o trabalho na feira com responsabilidades domésticas e familiares. Isso pode ser desafiador e impactar diretamente sua qualidade de vida e oportunidades de crescimento no trabalho;
- (4) **Reconhecimento e a valorização:** o trabalho das mulheres nas feiras, embora fundamental para a economia e para o abastecimento de alimentos e produtos, nem sempre é reconhecido e valorizado adequadamente pela sociedade em geral. Isso pode levar à falta de apoio institucional, direitos trabalhistas e garantias de segurança no ambiente de trabalho; por fim,
- (5) **Mudanças sociais em muitas sociedades:** há um movimento crescente em direção à igualdade de gênero, com esforços para reconhecer e valorizar o trabalho das mulheres, garantindo direitos iguais e oportunidades equitativas no mercado de trabalho, incluindo as feiras.

Como exposto, a interseção entre classe social e gênero pode influenciar a forma como as pessoas entram nessa ocupação, bem como as condições em que realizam seu trabalho. Por exemplo: mulheres feirantes podem enfrentar desafios adicionais de discriminação ou desigualdade de gênero. Logo, estarem sujeitas à condição de trabalho mais precárias devido à falta de recursos e apoio governamental. Essas dinâmicas são complexas e variam amplamente de acordo com o contexto social, econômico e cultural de cada região. Para tanto, é importante compreender a diversidade de experiências e realidades que permeiam a atividade das feirantes.

Apesar dos desafios, o trabalho na feira pode ser uma fonte de renda e de autonomia para as mulheres. As feirantes são empreendedoras, que administram seus próprios negócios e negociam diretamente com os clientes. Elas também são responsáveis pela produção dos

⁵⁸ O empoderamento econômico é a capacidade de tomar decisões que envolvam o controle e a alocação de recursos financeiros e de agir sobre elas (Golla *et al.*, 2011).

alimentos que vendem, o que lhes dão um conhecimento profundo sobre a origem e a qualidade dos produtos.

De fato, a classe e o gênero são fatores que podem dificultar ou facilitar o trabalho na feira. No entanto, as mulheres feirantes têm demonstrado que são capazes de superar esses desafios e construir uma vida digna e independente.

A classe social determina o acesso a recursos, como educação, capital e redes de apoio, que podem facilitar ou dificultar o trabalho no mercado. As feirantes de baixa renda têm menos acesso a esses recursos, o que pode dificultar o desenvolvimento de seus negócios. Elas também são mais vulneráveis a exploração por parte de comerciantes e atravessadores. Em relação as feirantes de Teixeira de Freitas, Bahia, a maioria delas é de baixa renda. Conforme os Metadados apresentados nesta pesquisa⁵⁹ essas informantes são migrantes que vieram de outras cidades da Bahia e do Estado de Minas Gerais em busca de melhores condições de vida. Elas chegam à cidade com poucos recursos e precisam construir seus negócios do zero.

O gênero pode afetar as oportunidades de trabalho, a remuneração e o reconhecimento profissional. As mulheres feirantes pontuam o sexismo no mercado de trabalho, o que pode dificultar sua ascensão profissional. Elas também ficam propensas a sofrer assédio moral e sexual tanto por parte dos clientes quanto dos outros feirantes.

Como podemos perceber a relação entre a contingência de gênero e classe social tem um impacto profundo na vida das feirantes que trabalham na feira do Mercado de Teixeira de Freitas, refletindo desigualdades e desafios que moldam suas experiências cotidianas.

Primeiramente, a contingência de gênero desempenha um papel crucial nesse contexto. Historicamente, as mulheres foram relegadas a papéis domésticos e consideradas responsáveis pelas tarefas de cuidado da família, enquanto os homens ocuparam espaços privilegiados no mercado de trabalho. Essa divisão social do trabalho muitas vezes se reflete na feira do Mercado de Teixeira de Freitas, onde as feirantes enfrentam obstáculos adicionais devido às expectativas de gênero arraigadas.

As feirantes, em sua maioria mulheres, muitas vezes lidam com a sobrecarga de trabalho, equilibrando as demandas da feira com as responsabilidades familiares. Elas enfrentam o desafio de conciliar longas horas de trabalho na feira com as necessidades de cuidar dos filhos, realizar tarefas domésticas e, muitas vezes, cuidar de parentes idosos. Essa

⁵⁹ Ver Tabelas 10, 11, 12 e 13 dos Metadados das participantes.

dupla jornada pode levar a altos níveis de estresse e exaustão física e emocional, afetando sua qualidade de vida e bem-estar.

Além disso, a contingência de classe social amplifica essas disparidades. As feirantes, em sua maioria, pertencem a camadas socioeconômicas mais baixas, enfrentando não apenas as dificuldades inerentes ao trabalho na feira, mas também os desafios associados à pobreza e à falta de recursos. Elas podem enfrentar dificuldades para acessar serviços básicos de saúde e educação, bem como para garantir uma moradia adequada e alimentação suficiente para suas famílias.

A falta de recursos financeiros também pode limitar suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento pessoal. Muitas feirantes podem não ter acesso a crédito ou investimento para expandir seus negócios ou diversificar seus produtos. Isso as mantém presas em um ciclo desfavorável, com poucas perspectivas de mobilidade social.

Diante dessas realidades, destacamos a importância de reconhecer e abordar as interseções complexas entre gênero e classe social na feira livre do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas, Bahia. Políticas e programas devem ser implementados para apoiar as feirantes, incluindo medidas para promover a igualdade de gênero, fornecer acesso a serviços e recursos e criar oportunidades econômicas que capacitem essas mulheres a alcançar seu pleno potencial. Somente através de uma abordagem abrangente e inclusiva, podemos garantir que as feirantes sejam tratadas com dignidade e justiça, independentemente de seu gênero ou condição socioeconômica. Na Tabela 15, a seguir, são apresentados alguns exemplos concretos de como a classe social e o gênero influenciam a vida das feirantes protagonistas desta pesquisa em Teixeira de Freitas- BA:

Tabela 15: A contingência da classe e do gênero do protagonista da feira: feirante.

CLASSE SOCIAL	A informante MBOL é uma feirante de 70 anos, filha de agricultor, oriunda de uma família de 12 irmãos, morou na roça por 27 anos, viúva, mãe de 03 filhos, começou a trabalhar desde a infância fazendo a pára (mandioca seca pisada no pilão), é identificada como “Maria das Bolas”, utiliza cartão de crédito/débito para recebimento mas não sabe manuseá-lo, trabalha há mais de 43 anos na feira, trabalha no ramo da pimenta e temperos diversos feitos pela própria feirante, tem uma barraca na parte externa do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas/ BA.
GÊNERO	A informante BEN é uma feirante de 52 anos, mulher negra, vende frutas e verduras na feira da cidade. Ela é natural da cidade de Medeiros Neto – BA e trabalha na feira desde os 7 anos de idade com o pai que vendia peixe, sabe escrever seu próprio nome, casada, trabalha no ramo da pimenta, legumes, hortaliças e verduras, identificada com “a mulher que faz tarrafas”, mãe de 11 filhos, começou a trabalhar aos 12 anos de idade, trabalha com PIX e cartão de crédito/ débito, mas não sabe manuseá-los, tem uma barraca na parte externa do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas/ BA. Segundo, a informante, ela também já sofreu assédio moral por ser mulher.

Fonte: Elaborada pela autora com base no *corpus* de estudo, 2024.

Diante das proposições, atravessadas pelos vieses das relações de classe e do gênero, pontuamos que estes são fatores importantes que devem ser considerados para entender a realidade das feirantes em Teixeira de Freitas, Bahia. Nesse contexto, as atividades da feira livre, juntamente com outras atividades que abrangem o setor informal, são sinais de uma das modalidades de trabalho mais sustentáveis, permitindo ao trabalhador ter alguma renda. Desta forma, este segmento abriga uma participação significativa na vida social e econômica do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de sumarizar os achados deste estudo, podemos afirmar que esta pesquisa estabelece como problema, uma pergunta relativamente simples, na qual os itens lexicais, que fazem parte da dinâmica de trabalho da feira livre de Teixeira de Freitas Bahia, é a orientação. Assim sendo, essa pergunta nos permitiu cumprir o primeiro objetivo deste estudo: o desenho do **Modelo Cognitivo Idealizado Feira Livre** (MCI Feira Livre), especificamente, o do Mercado de Teixeira de Freitas. A partir do *corpus* de estudo compilado e dos depoimentos de trabalhadoras da feira, chegamos aos seguintes itens lexicais: *mixariazinha, granel, tabuleiro, banca, troco, preço, peso, fiado, freguês, freguesa, cliente, dinheiro, dinheiro graúdo, dinheiro miúdo, barraca, bistunta, temperos, pacotinhos, redinha, baldinho e copinho*. Entre os itens que mais nos chamou a atenção, em termos de particularidades, haja vista que identidade desses itens poderia ser marcada conforme a diferença de espaço, ou seja, o que encontramos na feira de Teixeira de Freitas é encontrado na feira livre de São Paulo, por exemplo. Nesse contexto, destacamos: (1) as unidades de medidas (*o quilo, litro, pacotinhos, redinha, molho, copinho, baldinhos* medidos “na *bistunta*”), a partir das quais conseguimos estabelecer uma espécie de contínuo (Rosch, 1970) entre o membro prototípico (o quilo), o membro intermediário (o litro) e o membro periférico: (*bestunta*), na qual vários tipos de recipientes são adotados como medida – vale salientar, que esse termo é um neologismo, cuja significação passa por projeções metafóricas; (2) **os nomes de temperos** (*pega marido, Ana Maria, chame chure, tempero do Guedes, tempero do chefe, chamego da cozinha, repete-prato, baiano*), cujos processos de formação envolvem mais especificamente a composição vocabular, lexias complexas e extensões de sentido metonímicas. Por fim, o agentivo deverbal *feirante* é atravessado por fatores ligados a gênero e classe social, marcados pela presença de mulheres das classes menos prestigiadas.

É importante firmar que esta pesquisa considera que há uma relação intrínseca do falante com a sua comunidade de fala. Ambos estão interligados por valores sociais, culturais e ideológicos. A fala espontânea dos feirantes é um reflexo autêntico da interação entre a diversidade cultural presente na região e as demandas práticas do ambiente da feira. Nesse contexto, a linguagem se torna uma ferramenta dinâmica, moldada pelas negociações comerciais, interações sociais e peculiaridades dos produtos vendidos. Essa dinâmica resulta na criação e adaptação de termos e expressões exclusivos que atendem às necessidades de comunicação específicas do ambiente. Contudo, enfatizamos que este estudo considera as regras internas e externas do sistema linguístico, diante do processo de criação de vocabulário,

apesar de seu dinamismo criativo por meio de novas palavras que persistem no contexto social em que o falante se mobiliza. Em outras palavras, a comunidade de fala das feirantes é um ambiente peculiar que influencia ativamente os processos de criação lexical, pois elas recorrem as regras disponíveis em seu campo cognitivo com esta função. Citando Matoré, “a palavra não está isolada na consciência: ela estabelece com suas vizinhas, no contexto, relações *sintagmáticas*” (Cambráia, 2013, p. 161 *apud* Matoré, 1973, p. 21, *itálico do original*). Esse espaço singular oferece *insights* cognitivos sobre como a linguagem evolui e se adapta a contextos específicos.

Para realizar o estudo, fizemos um levantamento de dados, por meio de observação, gravações e de entrevistas dos participantes das interações entre as feirantes e a relação de trabalho com os clientes no Mercado de Teixeira de Freitas/BA. Registradas as novas palavras ou expressões utilizadas pelas feirantes foram analisadas suas características, como a forma de criação (por composição) e a sua produtividade delimitada por analogia. Além disso, investigamos os motivos que levaram as feirantes a criar essas novas palavras ou expressões, como a necessidade de se comunicar de forma mais eficiente com os clientes, o desejo de se diferenciar dos demais feirantes ou a influência de outras variedades linguísticas presentes no mercado.

Conforme as evidências do *corpus* estudado, as feirantes desenvolvem um vocabulário especializado, adaptado às suas necessidades comerciais e às características dos produtos que vendem. Seja no léxico, “feirante”, conforme analisado, constituído por um processo de formação de nomes de agentes, a palavra feirante (profissão) forma-se sufixado em *-nt* (e), feirante *-nte* – feirante. O sufixo *-nt* (e) anexa-se ao tema do presente da base verbal (feirar > feirante). Seja no léxico “bistunta” classificado com um adjetivo feminino singular, que faz referência a algo que possui duas pontas ou extremidades. No contexto morfológico, a palavra pode ser analisada da seguinte forma: “bi” representa é um prefixo grego que indica a presença de duas partes, nesse caso, duas pontas ou extremidades; “stunta” indica o radical da palavra, que não possui um significado independente. É uma forma derivada do radical “*stúrnon*”, do grego “*styrax*”, que significa “ponta” ou “extremidade”. A nosso ver, esse vocábulo é um neologismo que significa uma unidade de medida da feira referente ao quilo, ou seja, medir “de cabeça”. Nesse caso, a expressão “de cabeça” configura indicação que algo seja feito mentalmente, sem auxílio de materiais de referência, ou que é feito de forma direta e rápida, quase que intuitivamente, apenas com o uso da mente, conhecimento ou habilidade sem depender de elementos externos de medida reconhecida como padrão, no caso o quilo; e sim, como por exemplo, o uso de um copinho e redinha. A palavra “bistunta” não aparece

dicionarizada na língua portuguesa, porém tem um significado reconhecido e estabelecido na feira do “Mercadão”. Pode ser um termo regional, específico do grupo ou contexto particular da feira descrita na pesquisa que não tenha sido amplamente difundido ou reconhecido em dicionários comuns. Nesta pesquisa, contatamos que o léxico “bistunta” adquiriu um significado específico e passou a ser utilizada com um propósito particular, dentro do contexto de comercialização de produtos específicos da feira empregada como unidade de medida.

Baseado nas concepções de Ferrari (2016, p. 104) nos estudos das metáforas conceptuais, “o domínio-fonte envolve a transferência física de objetos e o domínio-alvo representa o processo de comunicação verbal”. Dessa forma, a autora afirma que esta metáfora é complexa porque a “COMUNICAÇÃO VERBAL É TRANSFERÊNCIA DE OBJETO (POR MEIO DE UM CONDUTO”, ancorada na concepção de que ideias (objetos) podem ser transferidas, por meio de um conduto” (Ferrari, 2016, p. 104).

Retomamos aqui as ideias dos autores, Lakoff e Johnson (1980), quando expõem que nosso pensamento é firmado nas experiências concretas, vivenciadas, experimentadas através de percepções sensoriais e motoras que temos. A partir dessas pontuações, entendemos que as metáforas conceptuais partem de um domínio-concreto, ou seja, um domínio mais concreto para um domínio-alvo, em outras palavras, mais abstrato. Para demonstrar esse processo, apresentamos um exemplo de metáfora utilizadas nas relações comerciais de venda dos produtos pelas feirantes do “Mercadão”.

As feirantes frequentemente criam vocábulos específicos para descrever produtos, condições de mercado e interações entre vendedores e compradores. Isso inclui uma vasta gama de palavras ou expressões que podem ser desconhecidas para aqueles que não estão inseridos nesse ambiente. Conforme a tecnologia e novas tendências entram no cenário das feiras, as feirantes também se adaptam linguisticamente. Novos termos podem surgir para descrever ferramentas, métodos de pagamento ou práticas de *marketing*, refletindo a constante evolução do ambiente de vendas. De certo, a introdução de novos produtos, práticas de vendas ou mudanças no mercado frequentemente leva à criação de neologismos ou à adaptação de termos existentes. As feirantes podem inventar palavras ou dar novos significados a palavras já existentes para se referirem a produtos ou situações específicas no contexto da feira. De acordo com Matoré, “independentemente do contexto, a palavra está ligada na consciência a outras palavras a que se assemelham, seja pela forma, seja pelo sentido: estas são as relações *associativas*” (Camraia, 2013, p. 161 *apud* Matoré, 1973, p. 21, itálico do original).

Contudo, vale salientar que as feirantes reconhecem a existência de regras sociais que norteiam o processo de formação de palavras, visto que a função primordial das palavras é facilitar a comunicação entre as pessoas, levando em conta o grupo social ao qual está vinculado. O vocabulário único das feirantes desempenha um papel na construção da identidade da comunidade e na coesão do grupo. Serve como uma maneira de distinguir as feirantes locais de outros grupos e cria um senso de pertencimento.

Posto isto, o estudo da criação lexical na fala espontânea dos feirantes do Mercado Municipal de Teixeira de Freitas, localizado na Bahia, representa uma investigação significativa sobre a linguagem, sua evolução e a influência do contexto sociocultural na formação de um vocabulário específico. A análise desse fenômeno linguístico não apenas revela a criatividade e adaptabilidade da linguagem, mas também enriquece a compreensão da identidade cultural local. Documentar e estudar a criação lexical na fala dos feirantes do Mercado de Teixeira de Freitas, Bahia é uma maneira de preservar e valorizar as tradições linguísticas e culturais, além de reconhecer a importância da linguagem como um reflexo vivo da interação entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Além disso, a influência cultural e regional também desempenha um papel na criação lexical. Termos locais, expressões regionais ou até mesmo palavras oriundas de léxicos já existentes podem se misturar ao vocabulário das feirantes, contribuindo para a diversidade linguística dentro desse grupo. Para Matoré, “*a criação de uma palavra equivale à formação de um conceito: no dia em que a palavra árvore aparece, nasce o conceito (...), uma ideia que estava ‘no ar’ se concretiza, se cristaliza sob a forma da palavra*” (Cabraia, 2013, p. 160 *apud* Matoré, 1973, p. 42, grifos do original). Através desse mosaico linguístico, novos termos surgem para descrever produtos, qualidades, técnicas de produção e relações comerciais. Isso enriquece a diversidade linguística da região e estreita os laços entre a linguagem e a identidade cultural local.

Assim, conseguimos ver o potencial desta pesquisa, haja vista os termos encontrados, os quais já deixam antever processos de formação de palavras complexos, porém atravessados pela criatividade dos feirantes – protagonistas dessa pesquisa. Para, além disso, esta pesquisa demonstra a riqueza linguística do Território de Identidade do Extremo Sul da Bahia. Cenário ainda pouco explorado na cena das pesquisas linguística da Bahia e do Brasil. O vocabulário único das feirantes da feira de Teixeira de Freitas/BA desempenha um papel na construção da identidade da comunidade e na coesão do grupo. Serve como uma maneira de distinguir os feirantes locais de outros grupos e cria um senso de pertencimento.

Os resultados da pesquisa podem contribuir para o conhecimento da criação lexical na fala espontânea de feirantes, bem como para a compreensão do processo de formação de

novas palavras e expressões em contextos específicos, como o Mercado Municipal de Teixeira de Freitas, Bahia. Além disso, poderão subsidiar a elaboração de políticas linguísticas e a divulgação da cultura local.

6 REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM & BENTES (Orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão; PINHEIRO, Diogo; LEMOS DE SOUZA, Janderson; NASCIMENTO, Mauro José Rocha; BERNARDO, Sandra Pereira Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; PINHEIRO, Diogo Oliveira Ramires; FERREIRA, Rosângela Gomes; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, Carlos Alexandre. (Orgs.). **Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica**. Rio de Janeiro: Publit, 2010, v. 1, p. 15-50.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo, criação lexical**. São Paulo: Ática, 2004.
- ANTHONY, L. **Lawrence Anthony Website (AntConc)**, 2020. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net>> Acesso em 25. set. 2021.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: PubliFolhaHouaiss, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].
- BASÍLIO, Margarida. **Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições**. Veredas, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 9-18, 2000.
- BASÍLIO, Margarida. **Estruturas léxicas do português**. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. **O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais**. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, vol.1, n.1, 1997.
- BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação de palavras: conhecimento, representação e uso**. Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 10, Edições Colibri/CLUNL, pp. 103-115, Lisboa, 2015.
- BECHARA, Evanildo, 1928. **Moderna gramática portuguesa** /Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, 1998.

BIZZOCCHI, Aldo Luiz. Processos de formação lexical das línguas românicas e germânicas: uma nova perspectiva teórica. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 9–39, 2013. DOI: 10.14393/DL13-v7n1a2013-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/19495>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattos. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattos. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattos. **Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.

CAMBRAIA, César Nardelli. Da Lexicologia Social a Uma Lexicologia Sócio Histórica: Caminhos Possíveis. **Revista De Estudos Da Linguagem**. v. 21, n. 1, 2013. Doi:10.17851/2237-2083.21.1.157-188.

CARMO, Crysna Bonjardim da Silva. **A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: uma abordagem sociocognitiva** / Crysna Bonjardim da Silva Carmo. – Juiz de Fora: [s.n.], 2005.

CARMO, Crysna Bonjardim Silva. **A complexidade das cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil [manuscrito]: os dados do C-ORAL Brasil**. 2017. 216 p. Tese (Doutor em Linguística) – Curso de em Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CARMO, Crysna Bonjardim Silva. Cláusulas Relativas na fala Espontânea: uma definição baseada na Teoria da Língua em Ato. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, p. 2061-2061, 2017.

CARMO, Crysna Bonjardim Silva; MOTA, Elica. Eu já fui lá fora baloar mais ele: Um estudo da criação lexical à luz de um corpus de fala espontânea. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.19, n.1, p.7 402 - 7 4 2 3, jan./mar. 2022. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e78802> 17 dez.2022. Acesso em: 16 abr. 2022.

CARMO, Crysna Bonjardim Silva; MOTA, Elica. Marisqueira: uma reflexão sobre criação lexical à luz das relações de gênero. **Linguagem em (re)vista**, v. 30, p. 220-241, 2020.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: IBEP, 2009.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN Christiane. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**, 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 4, n.

2, p. 173–194, 2011. DOI: 10.14393/DL8-v4n2a2010-11. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618>. Acesso em: 19 dez. 2023.

CRESTI, Emanuela. **Corpus di Italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

CRESTI, Emanuela; MONEGLIA, Massimo. Teoria de Padrões Informativos e a Descrição da Linguagem Falada baseada em *Corpus*. A questão da composicionalidade no padrão de comentário de tópico. In: MONEGLIA, Massimo; PANUNZI, Alessandro (Ed.). **Bootstrapping Information from Corpora in a Cross-Linguistic Perspective**. Firenze: Firenze University Press, p. 13-46, 2010. Doi: https://doi.org/10.26530/OAPEN_343705.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

DALENOGARE, Vanessa; ALBERTI, Dirceu Luiz. Educação popular: saberes entrelaçados. Vivências: **Revista Eletrônica de Extensão da URI**. Erechim, Rio Grande do Sul, v.7, n. 12, p. 1-8, 2011.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006)**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DO PORTUGUÊS. **Feira**. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/feira/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

DINIZ, J. Alexandre F. **As feiras de Sergipe e em seu entorno**. Ecos-Ensaio Econômicos e Sociais 1. Aracaju: INEP, 1987. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n2p2061>

EYSENK, Michael; KEANE, Mark. **Cognitive psychology: a student's handbook**. London: Laurence Erlbaum Associates, 1990.

FELTES, Heloisa Pedrosa Moraes. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, Lilian. Construções gramaticais e laços de polissemia: as extensões metafóricas de comunicação verbal. **Revista Linguística** [Online], v. especial, 102-113, 2016. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva I**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERRARI, Lilian. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Letras e Cognição**, n. 41, p. 149-165, 2010.

FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, S. R.; STEKLIS, H. D.; LANCASTER, J. (eds.). **Origins and evolution of language and speech**. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976.

FILLMORE, C. J. Linguistics in the morning calm. **The Linguistic Society of Korea**, Korea, v. 3, n. 1, p. 111-135, jun. /1982.

FONSECA, C. A.; MIRANDA, N. S. A semântica de frames como instrumento para a análise do discurso discente - marcadores de sucesso em um projeto escolar de dramaturgia. **Signo**, v. 39, n. 67, p. 79-88, 2014.

GOLLA, Anne Marie; MALHOTRA, Anju; NANDA Priya; MEHRA, Rekha. Understanding and measuring women's economic empowerment: definition, framework and indicators. Washington, DC: International **Center for Research on Women**; 2011. Disponível em: <https://www.icrw.org/wp-content/uploads/2016/10/Understanding-measuring-womens-economic-empowerment.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2024.

GÖRSKI. Edair Maria; COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. **Organon**. Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, 2012. DOI: 10.22456/2238-8915.30194. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30194>. Acesso em: 22 dez. 2022.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles (Org.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INMETRO. Quadro Geral de Unidades de Medida no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Economia. **Sistema Internacional de Unidades – SI**. [Brasília]: Ministério da Economia, 13 de jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inmetro/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/documentos-tecnicos-em-metrologia/quadro-geral-de-unidades-de-medida-no-brasil.pdf/view>. Acesso em ago. 2023.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001.

KÖVECSES, Zóltan. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. [1972] Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Barros *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991 [1972].

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago, IL: University of Chicago, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George. **Linguistic gestalts**. Chicago Linguistic Society, 1977.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes, 2003.

LIMA E SILVA, Luís Filipe. O estatuto da sintaxe na fala: considerações acerca da proposta da Language Into Act Theory / O estatuto da sintaxe na fala: comentários à proposta da Language Into Act Theory. **Revista de estudos da linguagem**. [SI], v. 28, n. 1, pág. 271-330, jan. 2020. ISSN 2237-2083. Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/15190> >. Data de acesso: 01 mar. 2023. Doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.28.1.271-330>.

MAIA, Doralice Satiro. As feiras: lugar de mercado e de encontro – um registro das observações feitas em feiras de cidades brasileiras e portuguesas. In: **Encontro Paraibano de Geografia, 3, 2006, João Pessoa**. Anais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006. v. 1.

MARCONI, M. A; LAKATOS. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARIO, Sobbie. A intrépidas aventuras de um cozinheiro iniciante. **Receitas e algumas aventuras das descobertas, aprendizados e alegrias do cozinhar**. 2011. Disponível em: < <https://ointrepidocozinheiro.blogspot.com/2011/03/vai-na-bistunta.html> >. Acesso em 14 de jan. 2024.

MASCARENHAS, Gilmar. **Feiras livres**: informalidade e espaços de sociabilidade. In: Colóquio Internacional Comércio, cultura e políticas públicas em tempos de globalização, 1, 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: [s.n], 2005, 10p.

MATOS, Benedito Erivaldo de Souza. **O centro da periferia**: um recorte espacial da feira livre do Pedregal. Distrito Federal. (IH/GEA/UnB, Licenciatura. Geografia, 2012). Monografia, Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia. 2012, 42 p.

MATOS, Marcelo. (2020). **Prefeitura instala pontos de Wi-Fi gratuitos no Mercado e distritos da cidade**. Disponível: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/prefeitura-instala-pontos-de-wi-fi-gratuitos-no-mercadao-e-distritos-da-cidade/> Acesso: 08 de fevereiro de 2023.

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. **A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)** / Gustavo Magalhães Silva Miranda. – Recife: O Autor, 2009. 189 folhas. : il., fig., tab., gráf., quadro. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009.

MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical. Dissertação** (Mestrado em Linguística) Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.

MIRANDA, Neusa Salim. (1999). Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. Juiz de Fora, 3(1), 81-95. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo45.pdf>>.

MORAES, Fernanda Carpintero de. Um Passo de Cada Vez: Conhecendo as Unidades de Medida Através da Sua História / Fernanda Carpintero de Moraes– São Carlos: UFSCar, 2019. 57 páginas. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, 2019 In.: GARDNER, Robert. **Ace your math and measuring science project: great science fair idea**, São Paulo, 1929.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, MG, v. 7, n. 17, p. 244–249, 2006. DOI: 10.14393/RCG71715406. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406>. Acesso em: 19 fev. 2023.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **“Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)”** - Instituto de Geografia da UFRN, 2006.

MOTT, Luis Roberto de Barros. **A feira de Brejo Grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco**. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.

MOTT, Luiz. Feiras e Mercados: Pistas para pesquisa de campo. In: FERRETI, MUSSI, R. F. de Freitas et al. Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 414 - 430, jan. 2020. ISSN 2359-0424. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193/32038>>. Acesso em: 17 dez. 2022. Doi: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193>.

NOVO CORREIO DAS MODAS, 1854 n. 1, p. 2-3. **Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per700053/PER700053_1852_001.pdf. Acesso em: out. 2023.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). As ciências do léxico: **lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001.

ORTÊNCIO, Bariani. **Dicionário do Brasil Central**. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: ICBC, 2009.

PANTUZZO, Giulliana Diniz. **Análise diacrônica e morfológica do participio presente latino no português contemporâneo**. 2016. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) —Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/18785>. Acesso em: 16 dez.2023.

PELT, Jean-Marie. **Especiarias & ervas aromáticas. História, botânica e culinária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PEREIRA, Marcos Emanuel. **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI-SANTOS, P.; MELLO, H. Inovações na Morfologia do Português Brasileiro: tendências para a ampliação do léxico por gramaticalização, lexicalização analogia. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 8–30, 2011. DOI: 10.14393/DL10-v5n2a2011-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/12557>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América; São Paulo: FAU/USP, 1971.

PIRENNE, Henri. **As cidades da Idade Média**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América; São Paulo: FAU/USP, 1971.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da Idade Média**. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1965.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. **Brasileirismos e regionalismos**. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo, v. 42, n. esp. 109-120, 1998. <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046>. Acesso em: 26 ago. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TEIXEIRA DE FREITAS. **Prefeitura de Teixeira de Freitas inicia mais uma obra no Mercado; saiba detalhes. Teixeira de Freitas**, 2022. Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/prefeitura-de-teixeira-de-freitas-inicia-mais-uma-obra-no-mercadao-saiba-detalhes/> acesso em: 20 fev. 2023.

RASO, Tommaso *et al.* Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 147-166, dez. 2007. ISSN 2237-2083. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2453>. Acesso em: 23 ago. 2023. Doi: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.15.2.147-166>.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana. (Org.). **C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RIBEIRO, C. A. C. **Mobilidade e Estrutura de Classes no Brasil Contemporâneo**.

Sociologias, Porto Alegre, ano 16, nº37, 2014, p. 178-217.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ROCHA, Daniel. Tirabanha: **Teixeira de Freitas 1988**: Uma história do “Mercadão”. Teixeira de Freitas, 2020. Disponível: <http://www.tirabanha.com.br/2020/01/25/teixeira-de-freitas-1988-uma-historia-do-mercadao/>

ROCHA, Patrícia Quirino; VARGAS, Maria Augusta Mundim. Redes de mulheres feirantes no sertão baiano. **Revista Cerrados**, Montes Claros –MG, v. 19, n. 01, p. 249-270, jan./jun.-2021. DOI: 10.46551/rc24482692202111 Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados>. Acesso em: 24 fev. 2024.

SALOMÃO, M. M.; MIRANDA, N. S. (orgs.). **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. v. 3, n.1, p. 61-79, Juiz de Fora, Editora da UFJF, jan/jun, 1999.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**. v. 1, n.1, p.23-9, Juiz de Fora, Editora da UFJF, 1997.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Lanterna de proa**: sobre a tradição recente nos estudos de linguística. Gragoatá. n. 23, p. 52, Niterói, Editora da UFJF, 2007.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **O processo cognitivo da mesclagem na análise linguística do discurso**. Juiz de Fora/Rio de Janeiro: UFJF/UFRJ/UERJ - CNPq, 1999. (Projeto integrado de pesquisa - Grupo Gramática e Cognição).

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco. In.: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil: da Gramática ao Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 33 – 74, 2009.

SANTOS, Alzinete Ferreira; ALVES, Talita. **A feira livre, um olhar para a cidade de Teixeira de Freitas 1960 a 2009**. Trabalho de Conclusão de Curso. Campus X da Universidade do Estado da Bahia - Uneb, Colegiado de História do Departamento de Educação, 2010.

SANTOS, Ana Maria Tavares. **Uma abordagem sociocognitiva da rede de construções agentivas deverbais x-nte**, 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Juiz de Fora, (UFJF), Juiz de Fora, MG, 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.

SANTOS, Samuel; SANTANA, Joice Lima; SANTANA, André Luiz Ferreira. **A variação linguística e o preconceito linguístico no âmbito escolar**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 8, n. 1, 2015.

SARDINHA, Berber Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri-SP: Ed. Manole, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1989 [1916].

SEVERO, Cristine Gorski. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões**. Revista Voz das Letras. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, n. 9, I/2008. Publicação on-line. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237690131>. Acesso em: 16 dez. 2022.

SILVA, Alessandra Emanuelle Macieira. Linguística de *Corpus* e C-ORAL-BRASIL: uma abordagem metodológica. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1. **Atas da [...]**. Timóteo: CEFET-MG, p. 5-12, 2017. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em: 01 de mar. 2023.

SILVA, Augusto Soares da. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres & Miguel Gonçalves (orgs.), **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva**. Coimbra: Almedina, p. 1-18, 2004.

SILVA, Augusto Soares da. Os estudos de linguística cognitiva do português. **Revista Portuguesa de Humanidades Estudos Linguísticos**, 11-1, p. 51-83, 2007.

SILVA, Augusto Soares da.; LEITE, Jan Edson Rodrigues. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: fundamentos, problemas e novos rumos. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, p. 1-23, 2015.

SILVA, Daniel Marra da. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: **A língua como um fato social**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

TARALLO, Fernando. R. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. (Série Princípios). São Paulo: Ática, 1986.

TAYLOR, John. **Linguistic categorization: Prototypes**. In: *linguistic theory*. London, New York: Clarendon Press, Oxford University Press, 1995.

TAYLOR, John. **Prototypes in cognitive linguistics**. In: Robinson, P.; Ellis, N. C. (Org.). *Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition*. New York: Routledge, 2008. p. 39-65.

TEIXEIRA, B. H. F.; RASO, T.; BARBOSA, P. A. Detecção automática de fronteiras prosódicas entre unidades entonacionais. *Gradus – Revista Brasileira de Fonologia de*

Laboratório, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 17-46, 2020. DOI: 10.47627/gradus.v5i1.147. Disponível em: <https://gradusjournal.com/index.php/gradus/article/view/147>. Acesso em: 23 fev. 2024.

TEIXEIRA, José Aparecido. **Estudos de Dialetologia Portuguesa – Linguagem de Goiás**. São Paulo: Ed. Anchieta, 1944.

VANIN, Aline Aver. **Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’ idade de fala’**. Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009. DOI: 10.4025/actascilangcult.v31i2.6367.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁNA, Marisol. As mulheres brasileiras no início do século XXI. In: **A mulher brasileira nos espaços público e privado** / Gustavo Venturi, Marisol Recamán e Suely de Oliveira, organizadores. – 1. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. IN: Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05629-introd.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2024.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1930].

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. (Coleção Os Pensadores, 2ª Edição). São Paulo: Abril Cultural, 1979.